

4 “BRASIL COLONIAL” EM 1940: O BRASIL É PORTUGUÊS!

“O Brasil vem contar-nos, na grandeza das suas revelações, o que fez da nossa herança colonial, a que esplendor e a que opulência elevou o patrimônio que deixamos em suas mãos.”¹

“No Pavilhão dos Portugueses do Mundo encontrareis a certidão do seu nascimento, à definição de seus limites, a carícia paterna amparando-o contra os ataques externos, a marca indelével do vosso trabalho, do vosso zêlo e de vossas fadigas.”²

4.1 PAVILHÃO DOS PORTUGUESES NO MUNDO

Neste capítulo trabalharemos o Pavilhão dos Portugueses no Mundo, por entendermos que ele sintetizava a história narrada em outros pavilhões e ratificava a apoteose histórica representada por homens em esculturas, heróis, santos e documentos do passado, ciosamente preservados nos museus, bem como o presente vivido na projeção do Estado Novo português. Nesse espaço expositivo estavam inseridos os seguintes Pavilhões: Portugal 1940, Portugueses no Mundo e Brasil Colonial. Assim, havia um conjunto de 3 exposições com temáticas e narrativas que faziam referência à saga dos portugueses no Mundo, no passado e no presente. O enfoque histórico comum a todos os prédios tendia ao mesmo objetivo: contar a História de Portugal no Mundo.

A monumentalidade exigida para o edifício em razão da temática fez com que fosse destinado ao Pavilhão dos Portugueses um prédio de 20 metros de altura e 168 metros de comprimento, na Praça do Império, construído com estocaria de madeira e betão³. O engenheiro Manuel Duarte Sá e Melo⁴, com relação ao revestimento exterior do prédio, informa que era de

¹ DANTAS, Julio. O Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português. *Revista dos Centenários*, Lisboa, n. 13, p. 14-16, 31 jan. 1940. p. 14. Presidente da Comissão Executiva dos Centenários.

² PINTO, 1941, p.246. General Presidente da Comissão do Brasil.

³ Mistura de cimento, pedra britada, água e areia. SÁ E MELO, 1940.

⁴ *Ibidem*, p. 456.

“placas de betão pobre⁵ fracamente armado revestido com reboco «Cavanite», assentado numa caixilharia metálica soldada a estrutura metálica do pavilhão.” Com relação aos pavimentos interiores, o engenheiro diz que foram feitos de “mosaico de cimento”.

Por essa razão, esse pavilhão sempre é citado como o espaço com uma arquitetura considerada a mais monumental dentre todos os pavilhões da Exposição do Mundo Português. Inclusive há um registro de Manuel Duarte Sá e Melo⁶ que ratifica esse julgamento, quando afirma que para o “[...] Pavilhão do Mundo Português não havia ferro no mercado foi necessário estudar um novo tipo de montante, que foi fixado em vigas Grey, laminadas na Bélgica expressamente para aquele pavilhão”. Compreende-se que essas medidas decorreram do fato de se tratar do espaço expositivo que dava o título da temática a ser tratada na Cidade Histórica criada em Belém, em 1940, para as comemorações de oito séculos de história dos portugueses no mundo.



Foto 46 – Foto da fachada do Pavilhão dos Portugueses no Mundo entre as torres do Convento dos Jerónimos⁷

⁵ A expressão *pobre* no contexto da análise de Sá e Melo faz referência ao caráter provisório das construções e não à simplicidade ou à situação de pobreza dos elementos construtivos.

⁶ SÁ E MELO, 1940, p. 456.

⁷ MUNDO..., 1956, não paginado.

Jose Manuel Pedreirinho⁸ destaca a atenção que deveria ser dada aos elementos ideológicos que impregnavam esse espaço, visto que o “[...] Pavilhão dos Portugueses no Mundo é, talvez, aquele onde os aspectos ideológicos estão mais fortemente apresentados sob a coordenação de Afonso Dornelas, pretendendo mostrar os diversos testemunhos da passagem dos portugueses pelo mundo.” O autor destaca, no Pavilhão dos Portugueses no Mundo, por exemplo, a transcrição do poema de Camões em sua fachada: “Se mais Mundo houvera lá chegará.” E ainda, no exterior, defronte da porta de entrada, com uma postura imponente, a Estátua da Soberania, obra do artista Leopoldo de Almeida⁹. Na fachada, atrás dessa Estátua, visualizava-se um baixo relevo do mapa *mundi*.

Fernando Pamplona¹⁰ descreve a Estátua da Soberania como: “[...] bela e forte, de linhas harmoniosas e soberbas em que passa um frémito de larga poesia, de serenidade augusta no rosto de semideus e na atitude de rainha — figura radiosa de mulher, contra cujo olhar de diamante as espadas e as lanças dos guerreiros se despedaçariam.” Para atingir esse efeito na escultura, encontramos na Ata 44¹¹, de 21 de novembro 1939, um registro sobre os trabalhos realizados: “[...] o artista João Fragoso recebeu 117.000\$00 pela ampliação da Estátua da Soberania destinada ao Pavilhão dos Portugueses no Mundo”. Assim, para acompanhar a monumentalidade do edifício e a proporcionalidade com o conjunto arquitetônico construído, a escultura teria que sofrer um aumento de sua altura.

⁸ PEDREIRINHO, Jose Manuel. Exposição do mundo português, a metáfora da cidade. *Revista Municipal*, Lisboa, PT, n. 3, p. 4-27, 1980. p.15.

⁹ Leopoldo Neves de Almeida (1898-1975), o mais empenhado e simbólico escultor estado-novista. Estudou em Paris (1911-1914) e Roma (1920-1926). Autor de uma vasta obra de esculturas de grande qualidade. Foi um dos mais prestigiados artistas oficiais do Estado Novo. De sua escultura de raiz clássica destacam-se a participação na Exposição do Mundo Português, em 1940, com a estátua Soberania, e a intervenção no Padrão dos Descobrimentos, de Cottinelli Telmo, bem como as estátuas equestres de D. João I (na Praça da Figueira, em Lisboa) e de D. Nuno Álvares Pereira (em frente do Mosteiro da Batalha).

¹⁰ Esta descrição encontra-se em PEDREIRINHO, op. cit., p. 15.

¹¹ Pastas com as Actas das reuniões da Comissão da Exposição de 1940 - Acta 44, p. 10. (SNI 2820).



Foto 47 – Estátua da Soberania¹²

Nas duas pontas laterais do prédio encontrava-se, defronte do Tejo, o prédio dedicado ao Pavilhão Portugal 1940; na outra extremidade, em frente do Mosteiro dos Jerónimos, o Pavilhão do Brasil 1500. O acesso aos espaços expositivos dava-se de forma independente para cada Pavilhão e as três portas principais de entrada ficavam de frente para a Praça do Império; as portas dos Pavilhões Portugal 1940 e Brasil 1500 eram encimadas por um anjo de braços abertos; entre eles estavam gravados os títulos dos pavilhões.

¹² MUNDO..., 1956, não paginado. Atrás da estátua, na fachada do edifício, vê-se o mapa-mundi com a inscrição “Se mais mundo houvera lá chegará” Luis de Camões.



Foto 48 – Anjo da entrada do Pavilhão do Brasil Colonial¹³

Ainda sobre a fachada do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, no que diz respeito aos aspectos decorativos, apresentava baixos relevos de 14 escudos portugueses e era

¹³ MUNDO..., 1956, não paginado. “No dintel da larga porta de entrada uma figura hierática de anjo, em baixo-relevo, representava o Gênio da Civilização Cristã, de que promanam Portugal e o Brasil. Sob ele, o dístico: Brasil – 1500.” BARROSO, 1941a, p. 235-236.

ladeado por esferas armilares¹⁴, símbolo heráldico, segundo descrição feita por João Guilherme Ribeiro¹⁵:

[...] feita de aros de metal (ou armilas), foi idealizada, diz a tradição, pelo astrônomo grego Anaximandro de Mileto (611-547 a.C.). Servia para mostrar, com os aros, as trajetórias aparentes dos astros em torno da Terra, que era representada por um globo de metal colocado no centro da esfera oca formada pelos aros. Nela podemos ver o equador celeste, os círculos dos trópicos, os círculos polares, a eclíptica (onde muitas vezes estavam gravados os símbolos do zodíaco) e os coluros, que são os meridianos que passam pelos pontos dos equinócios e dos solísticos.

Também em Margarida Acciaiuoli¹⁶ encontramos informações sobre a fachada deste Pavilhão. Para a autora, além de sua expressão solene, possuía, em detalhe decorativo, o “[...] friso heráldico de brasões de grandes linhagens: Silvas, Castros, Gamas, Albuquerque, Almeidas, Ataides, Cunhas, Vieiras, Cabrais [...]”

No Pavilhão dos Portugueses no Mundo, a proposta era narrar, em imagens, a ação dos portugueses nos cinco continentes. Para esse fim, o espaço interno foi dividido em 12 salas que deveriam distribuir as temáticas relativas à história dos portugueses no mundo. Essa distribuição pode ser verificada nos desenhos a carvão projetados por Cottinelli Telmo, como também nos estudos dos interiores, mobiliários expositivos e propostas expográficas dos temas, encontrados no Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (MOP), em Lisboa.

No projeto desse Pavilhão foi possível identificar, em sua planta baixa, a distribuição do espaço arquitetônico estabelecido, a saber: Sala Gago Coutinho e Sacadura Cabral defronte da porta de entrada, tendo do lado esquerdo as salas: Abissínia, Índia, Costas da África, Extremo Oriente, Marrocos; do lado direito Sala da Grande Guerra, Europa Norte, Centro e Sul, Américas – Brasil; e o Pavilhão do Brasil Colonial, que possuía cinco salas. Na outra ponta, estavam o Pavilhão de Portugal 1940 e o Secretariado da Propaganda Nacional.

¹⁴ A esfera armilar é um símbolo também encontrado em bandeiras, selos e moedas brasileiras a partir do século XVII. Encontramos o registro de que a Companhia Geral do Comércio do Brasil, criada em 1649, “[...] recebeu por armas a esfera armilar del rei Dom Manuel, que acaso desde então passou ao escudo do Principado.” VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Visconde de Porto Seguro 1816-1878. In: ODALIA, Nilo (Org.). *As Formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagem e Oliveira Viana*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 89-112. n. 9. p.112.

¹⁵ RIBEIRO, 2003, p. 43.

¹⁶ ACCIAIUOLI, 1998, p. 136.



Foto 49 – Interior do Pavilhão dos Portugueses no Mundo - Sala Marrocos¹⁷

Para facilitar a compreensão do conteúdo expositivo apresentado em cada sala do referido Pavilhão, como também dos temas e fatos históricos que se pretendiam mostrar na montagem dos espaços, decidimos apresentar o circuito descrevendo cada sala. Tomamos por base as informações registradas e descritas na publicação *Roteiro dos Pavilhões*¹⁸, que versa sobre a história dos portugueses no mundo:

Sala de Portugal Político na Europa: uma árvore genealógica com braços de tôdas as nacionalidades; retratos, em imitação de estampas antigas, das 14 princesas de Portugal que foram rainhas ou imperatrizes; numa vitrine medalhas cunhadas na Europa.

Numa passagem: Santo Antonio de Lisboa, em púlpito de pedra — Iª evocação missionário de Portugal.

Sala de Portugal religioso na Europa: em quadros Imagens de Santas e Santos talhadas, nascidos em Portugal, ao redor do Papa XXI; na parede, 4 lápidas indicando os nomes dos representantes portugueses nos concílios da Igreja; Num nicho, Dr. Diogo Afonso de Manga Ancha (1435) e Padre Antonio Vieira.

Sala Portugal Militar na Europa: recorda a nossa participação na Grande Guerra, em baixo-relêvo cavado em granito; o feito heróico de «Carvalho Araujo» ladeado

¹⁷ MUNDO..., 1956, não paginado. Painel alegórico que faz referência à tomada de Celta.

¹⁸ ROTEIRO..., 1940, p. 29-31. Esta publicação foi localizada na Biblioteca Nacional de Lisboa. Seguiremos o roteiro das páginas que fazem referência ao Pavilhão descrito neste capítulo.

de 2 autênticas sentinelas e o dos «Viriatos» na Guerra de Espanha; retrato do Infante; bravos de Toledo, Salado, a tomada de Tunis, Matapan, ao centro, uma pintura representando os «Doze de Inglaterra».

Sala Cultura Portuguesa na Europa: velhos retratos de vultos insignes nas Letras, nas Artes e nas Ciências.

Sala Marrocos: «Algarve de alem mar e escolas de guerreiros». Na parede de honra, um painel da tomada de Ceuta, extraído a uma tapeçaria de Pastana; uma estátua representando o Iº governador português do Norte da África (D. Pedro de Menezes); 2º autênticos mouros de alfanges; na parede, 6 reproduções em ampliação, da Iª moeda portuguesa que circulou em Marrocos (o «ceitil»).

Sala da Fé e Sacrifício: uma «pieta» sintetizando a «Fé e o Sacrifício» — Santa Maria de África; D. Sebastião, lado a lado com um mouro, cavalga o seu corcel branco, espada ao alto, lança-se à desfilada para o inimigo; Infante D. Fernando a ouro, iluminado; reprodução da lápide do Iº português morto em Marrocos; nas vitrines, documentos da época.

Sala do Domínio da África do Norte: um friso mural colorido dedicado à Costa de África Mediterrânea (Oram, Malta, Chipre e Tunis); areia e um cactus que chega ao teto.

Numa passagem, o avião «Santa Cruz» em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral fizeram a Iª viagem aérea ao Brasil, com um fundo, ora mar, ora vista tropical, ora a Torre de Belém, numa visão perfeita, graças à luz eléctrica.

Sala da Abssinia: D. Estevão da Gama em alto-relêvo; uma rainha de Sabá; 8 fotografias da actualidade.

Sala da Índia: Nas paredes, figuras de vice-reis, almirantes e grandes capitães; bombardas comidas de verdete; deusa com 3 cabeças de ouro, tendo em frente uma cruz de teça e madrepérola; reproduções de fotografias; nas vitrines, documentos.

Sala da China: um dragão em relevo; pinturas alegóricas aos costumes e a fauna Chinesa.

Sala do Japão: 13 estátuas japonesas; um biombo representando costumes japoneses; vitrines com documentos.

Sala da Oceania: um painel

Sala da América: pinturas; evocação dos feitos portugueses no Brasil; um livro aberto.

Na descrição dos espaços, percebemos, no Pavilhão dos Portugueses no Mundo, que a exposição era apresentada com suportes expositivos que criavam uma relação com os aspectos culturais dos países, tais como: dragões em relevo, cactos e cruz em madrepérola representavam China, África, Japão, respectivamente, nomeados nas salas. Esses suportes traziam ainda conteúdos da expansão portuguesa ou elementos pictóricos e escultóricos representativos dos costumes dos povos que fizeram parte da passagem de Portugal pelos cinco cantos do mundo. Citamos como exemplo: “[...] um biombo representando costumes japoneses”; “pinturas alegóricas aos costumes e a fauna Chinesa”; e “evocação dos feitos portugueses no Brasil”.



Foto 50 – Interior do Pavilhão dos Portugueses no Mundo – Sala da Índia¹⁹

¹⁹ MUNDO..., 1956, não paginado. Deusa com três cabeças, em ouro.



Foto 51 – Sala sobre o Brasil no Pavilhão do Mundo Português²⁰

No Roteiro dos Pavilhões, encontramos referências da trajetória dos portugueses na Europa, com o uso de elementos relacionados com a Idade Média e suportes expositivos que traduziam as imitações de iluminuras, muitos brasões e estampas antigas, como uma “[...] árvore genealógica com brasões de tôdas as nacionalidades; retratos, em imitação de estampas antigas, das 14 princesas de Portugal que foram rainhas ou imperatrizes”²¹. E também sobre o Portugal intelectual, produtor de conhecimento e das artes no mundo com a representação dos “[...] velhos retratos de vultos insignes nas Letras, nas Artes e nas Ciências”²². Talvez a justificativa para a dominação do Mundo pelos portugueses: o gênio português.

No aspecto arquitetônico subjaz a intenção de contar a história dos portugueses no mundo, evidenciada pela colocação no mesmo espaço de três momentos distintos, mas

²⁰ MUNDO..., 1956, não paginado.

²¹ ROTEIRO..., 1940, p. 32.

²² Ibidem, p. 34.

simbolicamente significativos: o Pavilhão Portugal 1940, o Pavilhão dos Portugueses no Mundo, incluindo a saga dos descobrimentos com o Japão, China, África e Brasil, e o Pavilhão do Brasil Colonial. Entendemos que o objetivo era evidenciar que no Portugal de 1940 estava a síntese de um poder histórico dos portugueses no mundo, apresentado sob a forma do domínio e da colonização de diversos povos representados nas salas ao lado. Ao percorrer esses espaços, o público se defrontava com um passado glorioso, um presente de afirmação e um futuro promissor, como esclarece Augusto de Castro²³:

Podem dar-se a esta Exposição três objectivos: em primeiro lugar, a projecção sôbre o Passado - como galeria de imagens heróicas da fundação e da existência nacionais, da função universal, cristã e evangelizadora, da Raça, da glória marítima e colonial, do Império; em segundo lugar, a afirmação das forças morais, políticas e criadoras do Presente; em terceiro lugar, um acto de Fé no Futuro.

Talvez seja esta a explicação para o cuidado com o Pavilhão, demonstrado nos mínimos detalhes no que diz respeito a sua estrutura física e de acabamento, decoração e apresentação, independente da exposição que seria montada em seu interior. Na Ata nº 28, de 13 de junho 1939, com as presenças de Julio Dantas, Linhares Lima, José Silva Bastos no lugar de Antonio Ferro, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos e Silveira e Castro, consta uma discussão sobre as obras de acabamento no interior do Pavilhão, definindo-se que cabia “[...] a Sociedade Cavan, o fornecimento de mosaicos e rodapés, destinados ao Pavilhão dos Portugueses no Mundo pela importância de 10.051\$00”.

Na Ata nº 30, de 23 de maio 1939, com as presenças de Julio Dantas, Linhares Lima, José Silva Bastos no Lugar de Antonio Ferro, Augusto de Castro e Silveira e Castro, ficou registrado mais um momento de preocupação com a apresentação e qualidade dos materiais a serem empregados no espaço do Pavilhão. A transcrição a seguir é ilustrativa:

[...] o processo relativo ao fornecimento e assentamento, por empreitada, de placas de lusalite, pela Cooperação Mercantil Portuguesa, destinados aos Pavilhões dos Portugueses do Brasil, dos Portugueses no Mundo e de Portugal 1940 pela quantia de 205.396\$96. Aprovado por unanimidade.

No Pavilhão dos Portugueses no Mundo, estudamos o Pavilhão “Brasil Colonial”. Vale registrar que esta foi uma das participações do Brasil na Exposição do Mundo Português em 1940, conforme referido em capítulo anterior e corroborado pela transcrição a seguir:

²³ CASTRO, 1941a, p. 174.

[...] representação do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português, conforme fora previsto e assente, abrange duas épocas: o período colonial e o independente. O primeiro é constituído pelos documentos e peças do Museu Histórico Nacional, expostos em oito salas do Pavilhão dos Portugueses no Mundo; o segundo está representado em seu próprio Pavilhão, à entrada da Exposição²⁴.

O referido Pavilhão ocupava uma das alas do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, num espaço que totalizava oito salas destinadas à exposição do acervo brasileiro pertencente ao Museu Histórico Nacional. A exposição foi montada sob a coordenação do Diretor desse Museu, Gustavo Barroso. No Catálogo encontramos a seguinte descrição:

[...] parte histórica do Brasil, que ocupou uma das salas do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, obedeceu ao pensamento de demonstrar a Portugal o culto do Brasil pela tradição comum. Localizada naquele Pavilhão, mas internamente isolada dêste, tem sua entrada independente. A fachada dessa ala inscreve-se na harmonia geral da fachada do edifício, de que foi arquiteto o engenheiro Cottinelli Telmo. Sob a ampla porta de acesso uma figura de anjo hieraticamente debuxada como o Génio da civilização cristã, e o dístico: Brasil-1500. No interior amplo vestíbulo forrado ao fundo com a grande bandeira do Brasil²⁵.

Para os brasileiros, como vimos, a representação do Brasil no Pavilhão dos Portugueses no Mundo era denominada e entendida como uma Exposição Histórica do Brasil. Para os portugueses, contudo, essa era a representação do “Brasil Colonial” no mundo português, mesmo porque o objetivo era trabalhar numa perspectiva de construção quase ilusória de que naquele certame se reviveria o passado, com seus reais acontecimentos, através de objetos. O Brasil, portanto, divergia desse entendimento e se colocava como uma representação histórica do que foi e não seria possível jamais no futuro — uma Colônia.

Para Gustavo Barroso, a exposição era identificada com um título que acrescentava o Museu Histórico Nacional, da seguinte forma: “Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente — Exposição do Museu Histórico Nacional.”²⁶ Em sua compreensão, quem estava sendo apresentado e representado era o Museu Histórico Nacional, por meio de seu acervo, e essa referência era imprescindível para registrar o Museu.

²⁴ PAVILHÃO..., 1941, não paginado.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Em vários documentos foi encontrada essa divergência na denominação do Pavilhão Colonial; em alguns é intitulado Histórico, em outros, Colonial e ainda, Pavilhão Independente. Nesses eventos, entretanto, são diversas as intitulações atribuídas a uma mesma exposição.

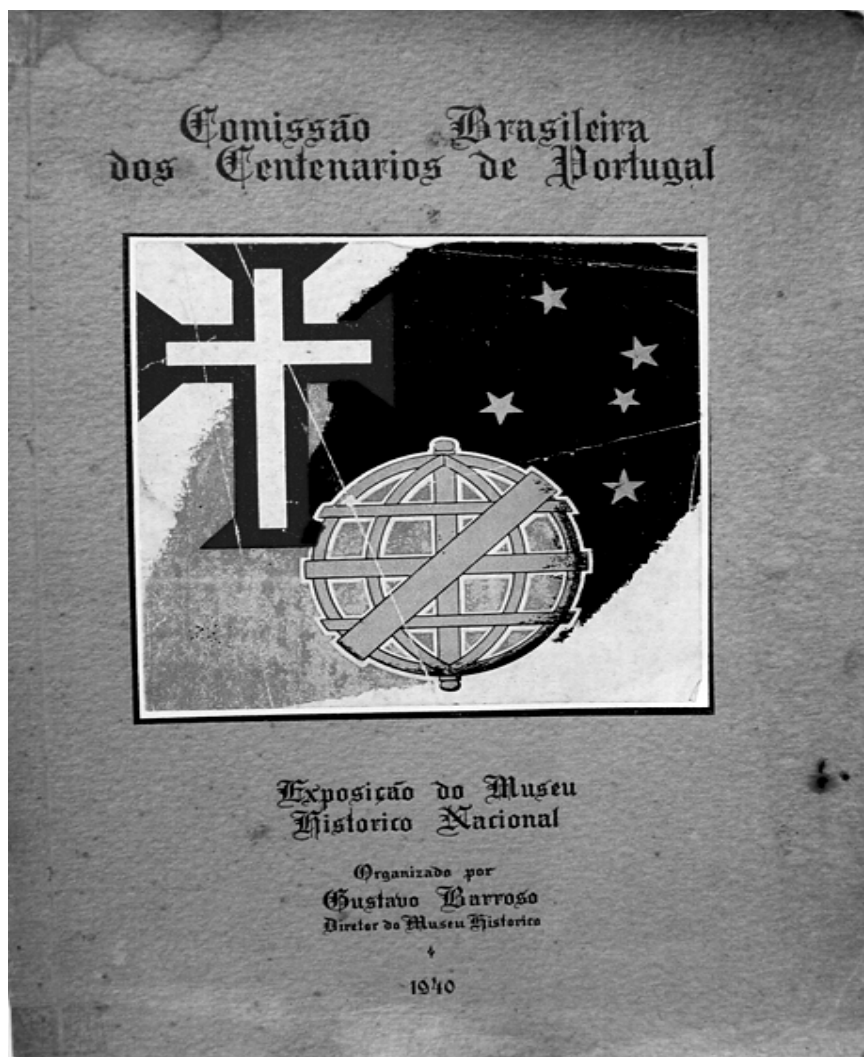


Foto 52 – Capa do Catálogo Descritivo e Comentado²⁷

Neste trabalho, optamos por usar a expressão *Pavilhão Brasil Colonial*, não apenas por assim ter sido definido por Portugal, desde a Nota Oficiosa, em 1938, como também por entendermos que, a despeito da divergência de denominações, o Brasil, efetivamente, apresentou a epopéia da colonização com um toque suave sobre a independência, representada pela Espada de D. Pedro I e o retrato de Getúlio Vargas, num discurso que trabalharemos mais adiante.

²⁷ BARROSO, 1940a, não paginado.

4.2 ACERVO PARA A EXPOSIÇÃO

- Pavilhão “Brasil Colonial”: o Acervo do Museu Histórico Nacional

Ao iniciarmos a discussão sobre o Pavilhão Brasil Colonial, sentimos a necessidade de compreender qual a definição de objeto que acompanhava e sustentava Gustavo Barroso ao selecionar o acervo que iria para Portugal. Diante dessa preocupação, direcionamos nosso foco para sua produção técnica, quer dizer, seguimos seu percurso como coordenador e professor do Curso de Museus²⁸, lecionando a Cadeira Técnica de Museus. Essa experiência docente o levou a escrever, em 1951, o primeiro volume da série intitulada *Introdução à Técnica de Museus*, com conteúdos que tratavam de noções de organização, arrumação, catalogação e restauração, dividido em duas partes — geral e básica —, conforme índice apresentado no final da obra. Nessa obra, no capítulo III²⁹- *Como se arruma um Museu*, no item *regras e princípios técnicos*, no que diz respeito ao objeto, encontramos a seguinte definição:

[...] o efeito estético dos próprios objetos depende de sua natureza, do sentimento de arte ou evocação que encerrem, da expressão de beleza ou de glória que representem. Um belo móvel, um lindo quadro, uma jóia delicada, causam melhor impressão ao visitante.

Diante do exposto, com sua definição estabelecida e com o acervo³⁰ que possuía a coleção do Museu Histórico Nacional, Gustavo Barroso buscou inserir os objetos nos dois momentos temáticos estabelecidos na *Súmula* e realizado por ele como Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão Brasil Independente. Esclarecemos que o Pavilhão Brasil Independente, a despeito da nomenclatura definida por Gustavo Barroso, era apenas uma sala no espaço do Pavilhão Brasil Colonial. Assim, a expressão de grandiosidade fica mais relacionada à superlativação estabelecida por Gustavo Barroso. Os objetos foram distribuídos em subtemas e arrolados de acordo com sua identificação histórica ou pictórica, para possibilitar a compreensão do fato a ser exposto dentro da temática estabelecida.

²⁸ O Curso de Museus foi criado em 1932, pelo Decreto nº 21.129, de 7 de março de 1932, publicado no Diário Oficial de 15 de março de 1932, p. 4.666. Funcionou inicialmente no Museu Histórico Nacional, na gestão de Rodolfo Garcia que substituiu Gustavo Barroso no cargo de Diretor de 1932 a 1934, em razão de sua exoneração. MAGALHÃES, 2006.

²⁹ BARROSO, 1951, p. 32.

³⁰ Estamos trabalhando *acervo* como *objetos* na seguinte perspectiva: “[...] o objeto-símbolo tradicional (os utensílios, os móveis, a própria casa), mediador de uma relação real ou de uma situação vivida, trazendo claramente impresso na sua substância e na sua forma a dinâmica segundo consciente ou inconsciente desta relação, portanto não-arbitrária, este objeto ligado, impregnado, pesado de conotação [...]” BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

O primeiro módulo foi o Pavilhão do Mundo Português, distribuído em 11 subtemas. Os objetos, em sua diversidade, eram incorporados de acordo com sua relação e representação para uma exposição que pretendia contar a História de Portugal na Colônia Brasileira e o Brasil Colonial na História de Portugal no Mundo. Assim, Gustavo Barroso desenvolveu a seguinte distribuição do acervo do MHN:

Subtema	Nº de peças
A) Armas Usadas no Brasil – Colônia	46
B) Mapas e Vistas das Primeiras Fortificações	9
C) Canhões Históricos	9
D) Coleção Figueira de Melo: Aquarelas de Uniformes Coloniais	77
E) O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano	10
F) Cidades e Monumentos Coloniais. Mobiliário Antigo. Fachadas e Retábulos de Igrejas. Obras de Artistas Coloniais	125
G) Figuras Ilustres do Período Colonial	11
H) A Inconfidência Mineira	6
I) D. João e Sua Época	5
J) Painéis Decorativos dos Principais Fatos Militares da Colônia	10
K) Coleção de Moedas do Brasil Colônia - com a seguinte distribuição:	241
Governo D. Pedro II- 94	
Reinado de D. Maria I e D.Pedro III - 11	
Governo de D.Maria I- Viúva - 19	
Governo do Príncipe D.João, como Regente - 34	
Reinado de D. João VI - 26	
Reinado de D.Pedro II -2	
Reinado de D.João V - 18	
Reinado de D. José I - 8	
Reinado de D. Maria I e Pedro III - 5	
Reinado de D.Maria I (viúva) - 4	
Governo do Príncipe D. João, como Regente - 1	
Reinado de D. João VI - 1	
Medalhas - COLONIAL (Ocupação Holandesa) - 11	
- DOMÍNIO PORTUGUÊS - 5	
- DE CAMPANHA - 2	

Quadro 12 – Subtemas e número de peças do Pavilhão do Mundo Português³¹

Para organizar³² os objetos por subtema foi preciso distribuí-los por períodos históricos. Isto pode ser verificado na informação relativa a cada peça no Catálogo Descritivo e Comentado. Esse trabalho possibilitou a elaboração de vários quadros com a distribuição

³¹ BARROSO, 1940a, não paginado.

³² Na obra *Introdução à Técnica de Museu*, a expressão *arrumador de museus* é definida como “[...] único juiz do que for mais propício”. Idem, 1951, p. 37. O termo é também recorrente em vários documentos sobre a Exposição produzidos para o Ministro Capanema.

dos objetos por ano de produção ou período histórico nos subtemas, para contar a história na exposição do Pavilhão do Mundo Português.

Armas usadas no Brasil-Colônia Ano/Período	Número de peças
Sem definição	2
Modelo 1822	1
Modelo 1777	1
1816	1
1792	1
1703	1
1770	1
Anterior 1822	2
Brasil-Reino	5
Brasil Reino e Império	1
Começo Século XIX	1
Fins do Século XVIII	7
Século XVII	17
Época D. Maria I	1
Século XVI	1
Época D. João VI	2
Brasil-Colônia	1
Total	46 peças

Quadro 13 – Armas usadas no Brasil-Colônia

O Quadro 13 permite-nos perceber que a maior concentração de armas é relativa ao século XVII — Guerra Holandesa — fato histórico que foi o marco indicado nos documentos “Sugestões” de Afrânio Peixoto e na “Sumula” de Augusto Lima Junior para o início do período colonial, a ser narrado no Pavilhão do Mundo Português na Exposição Histórica do Brasil Colonial. Há também uma variação de nomenclatura dos artefatos, que são classificados por modelos de época, ano de produção, fato histórico e época, significando este último a figura ilustre que definia o uso e o modelo da arma. A nosso ver, essas variações e ainda a falta de pesquisa do acervo, que assegurasse uma informação mais precisa, evidenciam a dificuldade de Gustavo Barroso em precisar os períodos. Com relação aos temas, os objetos foram distribuídos em termos numéricos da seguinte forma: 14 peças narraram a Guerra Holandesa, 1 peça remete à época do Descobrimento e 31 peças não tinham seu tema definido.

Mapas e Vistas das Primeiras Fortificações Ano/Período	Número de peças
Século XVII	4
1785	2
1786	2
1798	1
Total	9 peças

Quadro 14 – Mapas e vistas das primeiras fortificações

No Quadro 14 percebemos a manutenção do discurso expográfico, reforçado com os objetos do século XVII. Como podemos observar no citado Quadro, praticamente a metade dos objetos usados nesse subtema é relativa à Guerra Holandesa. Do século XVIII, constavam gravuras que apresentavam vistas de cidades sob o domínio holandês no século XVII, como Serinhaem, em Pernambuco, Capitania do Ceará, Porto-Calvo, em Alagoas, e ainda mapas da Costa do Brasil que representavam a expulsão dos invasores holandeses. Os temas foram assim divididos: Domínio Holandês, com 3 objetos; Guerra Holandesa, 1 objeto; Defesa, com 3 objetos; e 3 objetos sem enquadramento.

Canhões Históricos – Ano/Período	Número de peças
Sem definição	2
1741	1
1751	1
1793	2
1631	1
Época Pombalina	1
D. João V	1
Total	9 peças

Quadro 15 – Canhões históricos

Em razão do tamanho das representações relativas ao item “C” do Quadro 12, a solução encontrada por Gustavo Barroso foi expor quatro canhões originais e cinco fotografias ampliadas de canhões que não saíram do Brasil em razão de suas dimensões e peso. Deste modo, foram definidos os seguintes temas: canhão francês, 2 objetos; canhão holandês, 1 objeto; canhão espanhol, 1 objeto; canhão português, 2 objetos e sem enquadramento, 3 canhões.

Peças originais:

Canhão Morteiro das Baterias do Forte do Príncipe da Beira

Falçote de Marinha fundido por Josephus Barnola

Falçote de Marinha fundido por Bento Afonso

Peça francesa Troféu da Conquista de Caiena

Ampliações fotográficas:

Canhão Francês de Duclerc

Canhão Holandês

Canhão Espanhol. Carlos IV

Canhão Português

Canhão Português

Aquarelas de Uniformes Coloniais - Ano/Período	Número de peças
Sem definição	1
1777	23
1774	6
1771	5
1786	11
1784-1787	2
1780	1
1785	2
1784	6
1778	1
Século XVIII	3
1799	1
1806	9
1773	1
1807	1
1787	1
1772-1804	3
Total	77 peças

Quadro 16 – Aquarelas de uniformes coloniais: coleção Figueira de Melo

Esta Coleção “D”³³, de Iconografia de Uniformes Militares (ver Quadro 12), faz parte de uma coleção permanente do Museu, formada pelas doações, transferências e compras nos anos de 1926, 1933, 1937 e 1947. Representam os uniformes militares do período compreendido entre 1730 e 1922. Esta coleção está dividida em três séries, a saber: Série I - 229 aquarelas de autoria de José W. Rodrigues; Série II – 202 aquarelas avulsas ordenadas pelos estados do Brasil; 239 aquarelas encadernadas em álbum; e a última, Série III – contém 105 gravuras de um álbum intitulado “Uniforme do Exército da Armada de Portugal de 1941”.

As obras doadas possuíam distintas origens e procediam de colecionadores particulares como Dr. Pandiá Calógenes, Ministro do Exército em 1937, Dr. José W. Rodrigues, Manuela Osório Mascarenhas, Ministro Jerónimo de Avelar Figueira de Melo, Brigadeiro Rui da Cunha Meneses (1947) e Dr. Comendador José. Algumas foram transferidas do Arquivo Nacional (1926) e do Arquivo do Império em Lisboa.

As peças expostas no Pavilhão do Brasil Colonial são da Coleção Figueira de Melo, e constituem um total de três lotes de cópias de originais de uniformes militares produzidos em aquarelas sobre papel, que estavam preservados em Lisboa, nas seguintes instituições: Arquivo Histórico Colonial de Lisboa, Biblioteca do Ministério da Guerra e no Museu de Artilharia. As cópias foram produzidas em 1933.

Os objetos foram distribuídos nos seguintes temas: Guarda de Vice-reis, 2 objetos; Regimento de Artilharia, 6 objetos; 1º Regimento Infantaria, 1 objeto; 2º Regimento de Infantaria, 3 objetos; Regimento Infantaria, 18 objetos; Regimento de Cavalaria, 3 objetos; Legião, 1 objeto; Companhias, 2 objetos; Regimento da Praça, 1 objeto; Regimento de Dragões, 2 objetos; Companhia de Artilharia, 2 objetos; 2º Regimento, 1 objeto; Cavalaria Ligeira, 3 objetos; Ordenanças, 3 objetos; Ordenanças, 5 objetos; Oficial de Milícias, 1 objeto; Infantaria de Pardos, 7 objetos; Infantaria de Pretos, 3 objetos; Infantaria Auxiliar, 6 objetos; Cavalaria e Regimento Pagos, 1 objeto; Voluntários Reais, 1 objeto e Mapas com todos os Auxiliares e Ordenanças, 1 objeto.

³³ Os dados apresentados foram retirados dos documentos existentes no Arquivo Institucional do Museu Histórico Nacional.

Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano Ano/Período	Número de peças
Sem definição	1
Século XVII	2
Século XVI	1
Século XVIII	3
1758	1
1927	1
1733	1
Total	10 peças

Quadro 17 – Bandeirismo paulista e o recuo do meridiano

O Quadro 17 apresenta ainda objetos que faziam referência ao mito bandeirante, suas expedições, ou seja, as conquistas e povoações do interior brasileiro. Além disso, apresentava objetos dos trabalhos com a mineração, metais preciosos, representação pictórica do cotidiano dessas explorações e os Bandeirantes, reconhecidos e destacados nessa trajetória, como, por exemplo, o retrato do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira³⁴. Os temas contaram com objetos tridimensionais e bidimensionais como: Rapeira; Espada; Tacape e 3 desenhos que representavam os trabalhos com a mineração daquele período; mapa; bandeirantes; dois quadros; e fundição de ouro (1 objeto).

Inconfidência Mineira Ano/Período	Número de peças
1787	1
1818	1
Total	2 peças

Quadro 18 – Inconfidência Mineira

Os objetos do subtema Inconfidência Mineira não têm a indicação de ano de produção nem período histórico. No Catálogo, apenas dois objetos possuem o ano de produção. Os demais objetos eram: Retrato de Tiradentes, 2 peças; Casa de Marília, 1 peça; Casa de

³⁴ Rafael Bandeira nasceu no Rio Grande do Sul (1740-1795). Militar brasileiro, esteve à frente de muitas batalhas para defender as possessões portuguesas na Capitania de São Pedro do Rio Grande (hoje Rio Grande do Sul) dos invasores espanhóis. WIKEPEDIA, 2007.

Cláudio Manuel da Costa, 1 peça; Recibo passado por Tiradentes, 1 peça; e Autógrafo de Joaquim José Silvério dos Reis, 1 peça.

Tema - Cidades e Monumentos Coloniais	Número de peças
Claustro de Conventos	3
Sacristia	1
Vista de Convento	1
Porta de Igreja	5
Convento	2
Solar	3
Igreja Colonial	22
Casa Colonial	14
Rua	1
Castiçal	1
Cama Colonial	6
Santuário	1
Tronco para escravo	2
Fogão colonial	1
Lâmpada de prata	3
Capela	2
Cozinha colonial	1
Lavabo/pia	5
Vista de Cidades	8
Mobiliário Colonial	12
Óculo da matriz	1
Ruínas	2
Oratório	1
Vestíbulo	2
Chafariz	9
Prisão	1
Liteira	1
Colégio	1
Banco	1
Púlpito	2
Ponte	3
Costumes coloniais	3
Pedra	1
Pelourinho	1
Cadeira	1
Brazão	1
Total	126 peças

Quadro 19 – Cidades e monumentos coloniais

A coleção do subtema - Cidades e Monumentos Coloniais, já mencionada, é composta de registros pictóricos e escritos feitos em apontamentos. Foram realizados pelo artista Alfredo Norfini em pranchas coloridas, desenhos a carvão ou a lápis e retratam aspectos coloniais do Brasil. A coleção adquirida em 1933, para integrar o acervo do Museu Histórico Nacional, totaliza 158 documentos; 156 são as iconografias e dois são manuscritos sobre os trabalhos descritos em detalhes e qualificações do autor, antes de dar-lhes uma forma plástica. Como exemplo, destacamos, do Caderno intitulado *Vários apontamentos da minha excursão a Minas Gerais 1921*, o registro das seguintes observações: “4 . Lavabo em pedra sabão mede 180 x 3.80, lavabo elegante e gracioso – de Aleijadinho e seus discípulos.”; “3. Lampadário da Matriz pesa 42 K é a Prata Cinzellada.”³⁵

A viagem do pintor a Minas Gerais ocorreu no período compreendido entre janeiro e fevereiro de 1921, quando realizou os desenhos e apontamentos sobre a arte colonial mineira. Os desenhos foram feitos a lápis, bico de pena, aquarelas coloridas e têm como referência as seguintes igrejas: interior da Matriz, Santa Bárbara; Matriz de São João, São João de Morro Grande; Matriz de Caeté, Capela N. S^a. do Rosário de Caeté, em Caeté; Matriz de Sabará, Capela do Carmo e Capela de N. S^a. de Ó, e Igreja do Rosário e Igreja de São Francisco, em Sabará.

Tema - Figuras ilustres do Período Colonial	Número de peças
Retrato D. Maria I	1
Retrato D. João VI	1
Retrato D. João e D. Carlota Joaquina	1
Retrato Luis de Vasconcelos	1
Retrato Padre Antonio Vieira	1
Visão de Paraguassu	1
Retrato Mauricio de Nassau	1
Pintura chegada do Príncipe Regente	1
Retrato Conde de Rezende	1
Retrato Conde de Bobadela	1
Total	10 peças

Quadro 20 – Figuras ilustres do período colonial

³⁵ Alfredo Norfini registrou em um caderno intitulado *Apontamentos* (36 páginas) as peças que seriam desenhadas. Os dados foram retirados de documentos do Arquivo Institucional do Museu Histórico Nacional.

Tema - D. João e sua Época	Número de peças
Retrato D. João VI	1
Retrato do Conde da Barca	1
Retrato Visconde de Cairu	1
Retrato Almirante José Maria de Almeida	1
Concha Batismal	1
Total	5 peças

Quadro 21 – D. João e sua época

As figuras ilustres do período colonial são representadas em retratos pintados — ou cópias — de personagens ou fatos históricos relacionados com o período colonial, registrados por diversos artistas. Em alguns casos, os autores não foram identificados no Catálogo. Esta publicação permite-nos compreender o retratado na relação com os temas representados na proposta expositiva do Pavilhão do Mundo Português, para contar a história do passado que nos une a Portugal. Nos estudos de Burke³⁶ sobre as narrativas visuais, encontramos a definição:

[...] o retrato pintado é um gênero artístico que, como outros gêneros, é composto de acordo com um sistema de convenções que muda lentamente com o tempo. As posturas e gestos dos modelos e os acessórios e objetos representados à sua volta seguem um padrão e estão freqüentemente carregados de sentido simbólico.

Assim, na exposição de Gustavo Barroso, os retratos foram utilizados como um recurso que buscava trazer para a exposição os personagens que fizeram parte da árvore genealógica do Brasil gerado por Portugal. Assim, a rainha mãe, o Príncipe seu filho, a rainha esposa, Condes e religiosos foram perpetuados pela técnica da pintura executada por artistas que registravam sob encomenda o cotidiano e os ilustres da Colônia brasileira.

Tema – Fatos militares da Colônia	Número de peças
Expulsão dos franceses	2
Luta contra os holandeses	2
Batalha Naval	2
Derrota	1
Expedições	1
Retomada de cidades	1
Retirada dos vencidos	1
Total	10 peças

Quadro 22 – Painéis decorativos dos principais fatos militares da Colônia

³⁶ BURKE, 2004, p. 31.

Com o tema intitulado *Fatos Militares da Colônia*, pretendeu-se expor imagens produzidas por pintores, que narrassem conflitos, lutas e guerras com vencedores e vencidos, evidenciando a construção do herói. Esses cenários militares, de acordo com Peter Burke³⁷, são traduzidos em “[...] imagens de combates são uma forma clara de propaganda que oferece a oportunidade de retratar o comandante de uma maneira heróica”.

- Pavilhão Brasil Independente

No espaço intitulado Pavilhão Brasil Independente, Gustavo Barroso trabalhou com a mesma metodologia, para desenvolver sua narrativa, distribuindo-a em subtemas. No caso desse Pavilhão, porém, existia apenas um subtema denominado de “L” - D. Pedro I e a Independência”, que englobava também o Segundo Reinado, Abolição, República, e por fim o Museu Histórico Nacional.

Para esse pavilhão, apesar da denominação, não foi destinada uma construção própria. Como vimos, seu conteúdo foi exposto numa sala do Pavilhão do Brasil Colonial no Pavilhão do Mundo Português, também coordenado por Gustavo Barroso e com a seguinte distribuição dos objetos e seus temas e subtemas:

Temas	Subtemas	Número de peças
D. Pedro I e a Independência	Miniatura D. Maria II	1
	Retrato de Jose Bonifácio	1
	Retrato da Imperatriz Leopoldina	1
	Retrato Francisco Manuel	1
	Retrato Imperatriz D. Amélia	1
	Retrato D. Pedro I	2
	Espada do Ipiranga	1
	Sabre Conde de Duas Barras	1
	Caixinha com cabelo de D. Pedro I	1
	Medalha Estojo com a Constituição do Império	1
	Capacete da Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I	1
	Clarim	1
	Escudo Real-Imperial	1

³⁷ BURKE, 2004, p. 184.

Temas	Subtemas	Número de peças
Segundo Reinado	Retrato de D. Pedro II	2
	Retrato Imperatriz Tereza Cristina	1
	Retrato Conde D'Eu	1
	Retrato Princesa Isabel	1
	Retrato Duque de Caxias	1
	Batalha Naval do Riachuelo	1
	Passagem do Humaitá	1
	Batalha Tuiuti	1
	Batalha Monte Caseros	1
	Batalha Lomas Valentinas	1
	Espada de uso D. Pedro II	1
	Molde da mão direita D. Pedro II	1
	Abolição e República	Alegoria José do Patrocínio
Caneta da Abolição escravatura		1
Retrato Marechal Floriano Peixoto		1
Retrato Marechal Deodoro da Fonseca		2
Espada Proclamação da República		1
Carta do Presidente de Portugal, Dr. Antonio de Almeida, ao Presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, pela comemoração do Centenário da Independência em 1822		1
Quadro Proclamação da República		1
Museu Histórico Nacional	Vista Edifício e pátio	1
	Entrada do Museu, Salas Ottoni e Guilhermina Guinle	1
	Salas Conde de Porto Alegre e General Osório	1
	Salas D. Pedro I e Almirante Barroso	1
	Salas D. Pedro II e Duque de Caxias	1
	Salas Duque de Caxias e D. João VI	1
	Salas Marechal Deodoro e República	1
	Salas Guilhermina Guinle, Zeferino de Oliveira e Sotto Mayor	1
	Salas Coelho Neto e Miguel Calmon	1

Quadro 23 – Temas e subtemas expositivos do Pavilhão Brasil Independente

Com relação ao Museu Histórico Nacional, a apresentação deu-se por meio de fotografias das salas de exposição e do espaço físico da instituição no Brasil, em 1940. Como considerava que era uma pequena representação das atividades do Museu Histórico Nacional, Gustavo Barroso fez naquele espaço de pequena dimensão um escritório para seu diretor, decorado com fotografias das salas da instituição, que homenageavam grandes homens e seus feitos históricos e políticos, tais como: D. Pedro I, D. Pedro II, Marechal Deodoro. Como também, a “fabricação da imortalidade”³⁸ de doadores, que eram homenageados com salas dedicadas a seus pertences — a herança patrimonial.

³⁸ Expressão definida por Regina Abreu no seu livro *Fabricação do Imortal*.

4.3 ARTISTAS E OBRAS NO PAVILHÃO COLONIAL

Outra questão sobre o acervo envolve a identificação dos artistas e suas respectivas obras na narrativa do Brasil Colonial, em diversos suportes, como desenhos, gravuras, aquarelas, retratos, pinturas e esculturas. Assim, no Quadro 24 são visibilizados os artistas³⁹, suas obras e o tema expositivo nas quais foram inseridas.

Autor	Suporte informacional	Tema expositivo no Pav.
<p>Presciliano Silva (1883-1965) Nasceu em Salvador. Faleceu no Rio de Janeiro. Em 1905 estudou em Paris. Desenvolveu pinturas históricas, sendo uma delas <i>Ex-votos de Bandeirantes de 1927</i>.</p>	Os Bandeirantes baianos - 1927	O bandeirismo paulista e o recuo do Meridiano
<p>Alfredo Norfini (1867-1944) Italiano, filho de Luigi Norfini, pintor de batalhas. Foi desenhista, pintor professor, fundou a revista <i>Antártica Ilustrada</i>. Em 1930, Gustavo Barroso comprou 156 exemplares de seus desenhos para o acervo do MHN.</p>	125 obras entre desenhos e aquarelas	Cidades e monumentos coloniais. Mobiliário antigo. Fachadas e retábulos de igrejas. Obras de artistas coloniais
<p>José Leandro de Carvalho (1750-1834). Nasceu em São João de Itaboraí. Faleceu em Campos Goitacases. Estudou com Leandro Joaquim (1738-1798). Com a chegada da Corte, tornou-se o retratista da Família Imperial e de pessoas da sociedade.</p>	Retrato óleo de D. Maria I 1,05 x 0,85 Retrato óleo de D. João VI 1,05 x 0,85	Figuras ilustres do período colonial
<p>Manuel Dias de Oliveira (1763-1837) Estudou em Lisboa e Roma (1788). Em 1815 executa a tela D. João e D. Carlota Joaquina.</p>	Retratos óleo de D. João e D. Carlota Joaquina 0,90 x 0,70	Figuras Ilustres do Período Colonial
<p>Leandro Joaquim (1738-1790) Pintor, arquiteto e cenógrafo. Executou o retrato do Vice-rei Luis de Vasconcelos para a Igreja de N. Senhora do Parto.</p>	Retrato óleo de Luis de Vasconcelos 1,05 x 0,80	Figuras ilustres do período colonial

³⁹ As informações sobre os autores foram extraídas de: FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. *Site institucional*. Disponível em: <<http://www.fundacaocultural.ba.gov.br>> Acesso em: 26 dez. 2007; ITAÚ CULTURAL. *Site institucional*. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>> Acesso em: 28 dez. 2007; WIKIPEDIA, 2007; e Museu Histórico Nacional.

Autor	Suporte informacional	Tema expositivo no Pav.
Ângelo Romão	A visão de Paraguassu. Óleo 0,95 x 0,70 (cópia)	Figuras ilustres do período colonial
I. Sinderhoff	Retrato de Mauricio de Nassau - gravura a buril - 0,45 x 0,35	Figuras ilustres do período colonial
J. Wasth Rodrigues (1891-1957) Artista gráfico e plástico brasileiro, desenhista heraldista. Executou obras históricas e de heráldica para o Governo. Em 1922, realizou com Gustavo Barroso o trabalho intitulado <i>Uniformes do Exército Brasileiro</i> , edição Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil.	Retrato óleo do Conde de Bobadela Óleo de O Tiradentes Óleo expedição de Antonio Albuquerque em socorro do Rio de Janeiro Óleo batalha de Tuiuti Óleo batalha de Monte Caseros Óleo batalha de Lomas Valentinas	Figuras ilustres do período colonial Inconfidência mineira Painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia Segundo Reinado Segundo Reinado Segundo Reinado
J. Batista (175_ e 18__) Pintor e dourador.	Retrato a crayon de Tiradentes	Figuras ilustres do período colonial
Hans Nobauer Nobauer. (1893-1971) - Austríaco ,chega ao Brasil na década de 20. Decorador.	Óleo da Casa de Marília - Ouro Preto	Inconfidência mineira
Manuel Antonio da Fonseca. (17__ e 18__). Pintor, realizou pinturas em forros de igreja e painéis.	Óleo da Casa de Cláudio Manuel da Costa-Ouro Preto	Inconfidência mineira
João Batista Debret (1768-1848) Nasceu em Paris. Pintor, desenhista. Entre 1816-1831 veio para o Brasil compondo a Missão Artística Francesa. Em 1940 foi editado no Brasil a <i>Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1834-1839)</i> . Em 1817 pintou o retrato de D. João VI.	Retrato óleo de D. João VI	D. João e sua época
Francisco Hubert	Retrato do Conde de Barca. Gravura colorida	D. João e sua época
Armando Martins Viana (1897-1992). Pintor, desenhista e aquarelista. Em 1928 foi estudar em Paris. Em 1933 pintou o retrato oficial do Presidente Getulio Vargas. Em 1940 executou quatro painéis retratando a história da expulsão dos franceses para o Pavilhão do Brasil nas Comemorações Centenárias.	Retrato óleo de Visconde de Cairu Óleo Expulsão dos Franceses do Rio de Janeiro Óleo Expulsão dos Franceses do Maranhão Óleo Derrota dos Franceses e prisão de Duclerc	D. João e sua época Painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia Painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia Painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia
	Retrato Óleo do Marechal Deodoro da Fonseca Retrato óleo de D. Pedro I Retrato óleo do Presidente Getulio Vargas	Abolição e República D. Pedro e a Independência Abolição e República

Autor	Suporte informacional	Tema expositivo no Pav.
<p>Cadmo Fausto. Cadmo Fausto de Souza (1901-1983). Pintor, realizou diversas pinturas de fatos da história do Brasil (Proclamação da República, Lei Áurea, etc.). Suas pinturas foram estampadas nas cédulas pelo Banco Central de 1942-1972.</p> <p>Décio Vilares (1851-1931). Estudou em Paris e Roma (1872-1881). Opôs-se aos modernistas contra mudanças na Academia Imperial de Belas Artes. Em 1889 executou o novo desenho da Bandeira Nacional, retirando o escudo monárquico e colocando a expressão “Ordem e Progresso” e a Constelação do Cruzeiro do Sul.</p> <p>Pedro Luiz Grevedon e Luiz Pedro Afonso Bichebois</p> <p>Urbain Massard</p> <p>Vicente Pereira Mallio (1875-1884). Pintor retratista, pintou os retratos de S.S.MM Imperiais.</p> <p>Rovello</p> <p>Pedro Américo (autor da copia). (1843-1905). Recebeu bolsa do Imperador D. Pedro II para estudar em Paris. Pintou (1886-1888) a tela Independência ou Morte para o Salão de Honra do Museu Ipiranga, atual Museu Paulista.</p> <p>Canizares</p>	<p>Óleo O Bispo da Baía lutando contra os holandeses</p> <p>Óleo retirada de Matias de Albuquerque</p> <p>Óleo batalha dos Guararapes</p> <p>Óleo retomada do Rio de Janeiro</p> <p>Óleo retirada de D. Pedro de Zeballos da Vila da Laguna</p> <p>Óleo Batalha Naval do Riachuelo</p> <p>Óleo Passagem de Humaitá</p> <p>Retrato óleo de José Bonifácio</p> <p>Retrato da Imperatriz D. Amélia. Crayon de Grevedon. e litogravura de Bichebois</p> <p>Gravura D. Pedro - traje da coroação</p> <p>Retrato óleo de D. Pedro II – 1884</p> <p>Retrato óleo da Imperatriz Tereza Cristina</p> <p>Retrato óleo do Conde D’ Eu – 1872</p> <p>Retrato óleo da Princesa Isabel</p> <p>Copia do Retrato óleo de Duque de Caxias de Rocha Ferreira</p> <p>Retrato óleo do Marechal Floriano Peixoto</p>	<p>Painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia</p> <p>Painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia</p> <p>Painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia</p> <p>Painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia</p> <p>Painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia</p> <p>Segundo reinado</p> <p>Segundo reinado</p> <p>D. Pedro e a Independência</p> <p>D. Pedro e a Independência</p> <p>D. Pedro e a Independência</p> <p>Segundo reinado</p> <p>Segundo reinado</p> <p>Segundo reinado</p> <p>Segundo reinado</p> <p>Segundo reinado</p> <p>Abolição e República</p>

Quadro 24 – Autor, suporte informacional e tema expositivo no Pavilhão do Mundo

Português⁴⁰

⁴⁰ BARROSO, 1940a, não paginado.

No *Catálogo Descritivo e Comentado do Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente* constam registros de obras que foram para a exposição no Pavilhão Brasil Colonial do Mundo Português em 1940, que possuíam a informação *autores não identificados* ou constava apenas a identificação da autoria do original, o que ocorreu nas obras-cópias. Assim, as obras mereceram nossa atenção devido ao conteúdo das peças e dos temas relacionados com o discurso expositivo do Brasil Colonial.

O Quadro 25 relaciona as obras sem identificação de autoria por suporte informacional e tema expositivo:

Autor	Suporte informacional	Tema expositivo no Pav.
Sem informação	Gravura Vista de Sirinhaem sob o domínio Holandês	Mapas e vistas das primeiras fortificações
Sem Informação	Gravura da Planta da Capitania da Paraíba em 1635	Mapas e vistas das primeiras fortificações
Sem informação	Gravura do Ceará sob o domínio Holandês	Mapas e vistas das primeiras fortificações
Sem informação	Gravura do Plano da Povoação de Porto Calvo em Alagoas	Mapas e vistas das primeiras fortificações
Sem informação	Cópia do Mapa Corográfico da Ilha da Trindade, desenho original de Antonio Rodrigues Montezuma - 1785.	Mapas e vistas das primeiras fortificações
Sem informação	Cópia “Derrota da Guarda da Costa da Fragata de S.M. Princesa do Brasil-1785” de Francisco de Araújo Leitão.	Mapas e vistas das primeiras fortificações
Sem informação	Cópia do Plano para servir de demonstração dos lugares fortificados do Porto do Rio Grande de São Pedro-1786	Mapas e vistas das primeiras fortificações
Sem informação	Cópia do Plano para servir de demonstração dos lugares fortificados da Ilha de Santa Catarina	Mapas e vistas das primeiras fortificações
Sem informação	Cópia do mapa da Costa do Brasil da Jericoacoara ate a Ilha de São João	Mapas e vistas das primeiras Fortificações
Sem informação	Cópia de desenho representando o trabalho da mineração de Diamantes no Brasil (original Séc. XVIII)	O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano
Sem informação	Cópia do desenho representando a mineração no Brasil	O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano
Sem Informação	Cópia retrato do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira (original retrato a óleo em Portugal)	O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano
Autor desconhecido	Óleo da chegada do Príncipe Regente ao Rio de Janeiro 1808	Figuras ilustres do período colonial
Autor desconhecido	Copia do retrato do Padre Antonio Vieira existente na Baía de autoria de Agostinho de Jesus Maria-1860 - 0,98 x 0,78	Figuras ilustres do período colonial
Autor desconhecido	Retrato óleo do Conde de Rezende	Figuras ilustres do período colonial
Autor desconhecido	Retrato óleo de D. Francisco Xavier de Távora	Figuras ilustres do período colonial

Autor	Suporte informacional	Tema expositivo no Pav.
Autor desconhecido	Retrato óleo do Almirante José Maria de Almeida	D. João e sua época
Autor desconhecido	Retrato óleo da Imperatriz Leopoldina	D. Pedro e a Independência
Sem informação	Retrato de Francisco Manuel	D. Pedro e a Independência
Autor desconhecido	Retrato óleo de D.Pedro II, na Maioridade.	D. Pedro e a Independência

Quadro 25 – Obras sem identificação de autoria⁴¹

Localizamos no Setor Técnico do MHN várias pinturas históricas produzidas entre 1939 e 1940, que formavam um acervo para preencher lacunas da narrativa sobre a História do Brasil na Exposição do Mundo Português. Os diversos temas, fatos e momentos históricos retratavam a história da epopéia brasileira, as guerras, invasões e heróis. No Catálogo da Exposição de Gustavo Barroso⁴² não há nenhuma referência a essas pinturas como uma produção pictórica para atender a uma demanda específica dos módulos expositivos. Essa produção foi também incentivada pelo Edital Concurso de obras artísticas para a Exposição de 1940, lançada pelo Governo do Brasil (ver Capítulo 2). Assim, vejamos no Quadro 26 a relação dessas obras:

Título	Autoria	Ano	Representação Histórica
Batalha Naval de Abrolhos	Cadmo Fausto	1939	Invasão holandesa
Guerra do Paraguai	José W. Rodrigues	1940	Guerra
Expulsão dos franceses do Rio de Janeiro	Armando Martins Viana	1940	Invasão francesa
Bispo da Bahia lutando contra holandeses	Cadmo Fausto	1939	Invasão holandesa
Retirada de Matias de Albuquerque	Cadmo Fausto	1939	Invasão holandesa
Retomada do Rio Grande	Cadmo Fausto	1939	Militar
Derrota dos franceses/ Prisão de Duclerc	Armando Viana Martins	1940	Invasão francesa
Expedição de Antonio de Albuquerque	Jose W. Rodrigues	1940	Invasão holandesa
Batalha dos Guararapes (segunda)	Cadmo Fausto	1940	Invasão holandesa
Passagem de Humaitá	Cadmo Fausto	1939	Guerra do Paraguai
Expulsão dos franceses do Maranhão	Armando Martins Viana	1940	Invasão francesa
Batalha Naval do Riachuelo	Cadmo Fausto	1939	Guerra do Paraguai

⁴¹ BARROSO, 1940a, não paginado.

⁴² Ibidem.

Título	Autoria	Ano	Representação Histórica
Batalha do Tuiti	Jose W. Rodrigues	1940	Guerra do Paraguai
Tiradentes	Jose W. Rodrigues	1940	Inconfidência mineira
Visconde de Cairu	Armando Viana Martins	1940	Brasil-Reino
Conde de Bobadela	Jose W. Rodrigues	194?	Indumentária militar
Retirada de D.Pedro Zeballos de Laguna	Cadmo Fausto	1939	Colonização de Santa Catarina
Batalha de Monte Caseros	José Wash Rodrigues	19??	Batalha com a Argentina

Quadro 26 – Obras encomendadas para a Exposição do Mundo Português⁴³

Com relação às obras que foram produzidas com o objetivo de atender às necessidades do Brasil em sua representação no Certame em Lisboa, localizamos, na publicação *Revista dos Centenários*⁴⁴, a matéria intitulada *A Arte Brasileira na Exposição do Mundo Português*, onde consta, sob o título *Para a representação da Arte brasileira na Exposição do Mundo Português, em 1940*, dois artigos com as seguintes instruções:

1º- Só poderão concorrer com trabalhos para o Certame artistas brasileiros que tenham sido especialmente convidados pelo general Francisco José Pinto, presidente da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal.

2º-Serão convidados artistas de qualquer parte do Brasil nas seguintes condições;

- a) o artista não poderá concorrer com mais de um trabalho, salvo em casos especiais e com expressa autorização do presidente da Comissão;
- b) só serão admitidas obras inéditas e feitas, especialmente, para figurarem no Certame;
- c) para a exposição serão escolhidas, de preferência, as obras cujos assuntos sejam relativos à história de Portugal no Brasil, como por exemplo: descobridores e colonizadores; a luta dos portugueses e brasileiros para expulsarem os holandeses e espanhóis; os reinados de D. João VI e Pedro I; em suma, tudo que se relacione com Portugal e Brasil;
- d) para os trabalhos de pintores paisagistas serão admitidos os que contenham trechos panorâmicos, belezas das nossas cidades e da nossa natureza;
- e) os quadros serão enviados ao presidente da Comissão, no Palácio do Catete, com todos os dados, preço, dimensões, discriminações do assunto, pequena nota biográfica do artista e suas fotografias;
- f) a Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal assume a responsabilidade pelos trabalhos que lhe fôrem entregues até à data da respectiva devolução;
- g) a Comissão Brasileira não se responsabiliza pelas obras em escultura enviadas em gesso, barro ou barro cozido;
- h) em ocasião oportuna e em lugar próprio, serão expostas todas as obras apresentadas para a escolha definitiva das que figurarão no Certame;
- i) o acondicionamento e a embalagem das obras ficam a cargo da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, que as entregará;
- j) as obras devem ser entregues até 28 de fevereiro de 1940.

⁴³ Dados extraídos da Ficha Catalográfica dos objetos do Acervo Técnico do Museu Histórico Nacional.

⁴⁴ A ARTE brasileira na Exposição do Mundo Português. *Revista dos Centenários*, Lisboa, n. 10, p.29-30, 31 out. 1939. p. 29.

Com as informações apresentadas no Quadro 26 foi possível identificar que as obras escolhidas para a exposição do Brasil colonial estão de acordo com os assuntos que tratavam das batalhas relativas à história de Portugal e do Brasil, tais como: a luta dos portugueses e brasileiros para expulsarem os holandeses e franceses; as batalhas dos brasileiros para manterem suas fronteiras livres de invasões de paraguaios e argentinos, atendidos na letra “c” do artigo 2. Há ainda a representação pictórica dos heróis que lutaram pela independência do Brasil. Havia o entendimento, por parte da Comissão, da necessidade de os registros pictóricos criados em 1940 representarem o passado brasileiro, sobre a presença de Portugal no Brasil. Atualmente, algumas dessas obras encontram-se expostas na parte administrativa do MHN.

Sobre o *Catálogo Descritivo e Comentado*⁴⁵, podemos dizer que Gustavo Barroso trabalhou com uma formatação que objetivava apresentar cada objeto acompanhado de explicações individualizadas, com sua descrição técnica e comentários sobre suas características físicas, relações históricas, as figuras ilustres, como também o lado pitoresco ou o “furo” na história de um objeto e sua importância na hierarquia dos fatos representados. Citamos como exemplo: *Esmerilhão*⁴⁶ *de Pederneira, Paratrincheira e Amurada de Barco, Cano Octogonal, Modelo de 1822*.

O modelo de 1822 caracteriza-se pelo fuzil introduzido nos fêchos de sílex, cujo uso data de 1630. Entre 1822 e 1840, esse sistema de armamento foi oficial em toda a Europa.

A culatra móvel de 1831 é invenção do armeiro Robert.

O esmerilhão ou espingardão era uma bôca de fogo considerada outróra de 3º calibre, com mais ou menos dois metros de comprimento data do século XV, sendo os primeiros que aparecem de carregar pela culatra, sistema abandonado posteriormente pelo de ante-carga.

Destinava-se sempre a fazer fogo apoiado sobre uma muralha, amurada de barco ou de poste de madeira.

Nos séculos XVI e XVII, o nome esmerilhão era comum às pequenas peças de artilharia maiores que o esmeril e às espingardas de grande alcance e grande carga. O esmeril parece ser o mesmo esmeryle a que se refere Heredia na “Declaração de Malaca”. O esmerilhão pode ser classificado na chamada artilharia miúda.

O calibre deste espingardão é de 21 mm. Alma lisa.

O nome de esmerilhão (é esmerilhon, em francês) corresponde a um Gavião empregado na caça de volataria. Era de uso darem-se nomes de animais fabulosos às peças da artilharia miúda: basiliscas, águias, sacres, camelos, falções e falcontes⁴⁷.

Na leitura do Catálogo⁴⁸, o visitante da exposição evidenciava a erudição de seu autor, Gustavo Barroso, que também elaborou um livro sobre os objetos, com explicações

⁴⁵ BARROSO, 1940a, não paginado. Em seu livro *Introdução à Técnica de Museu*, Barroso ensina que um Catálogo Comentado “[...] trará a maior soma possível de indicações sobre cada objeto, sua significação, fatos e personalidades que possa lembrar.” Idem, 1951, p. 76.

⁴⁶ Espingardão - antiga peça de artilharia. Espingarda pesada, usada com forquilha em trincheiras ou amuradas de navios. Também chamada de esmerilhão. BARROSO, 1940a, não paginado.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ O Catálogo foi distribuído gratuitamente aos visitantes.

sobre os modelos, seus componentes, usos, adaptações, relações familiares, relações históricas, enfim, tudo descrito em pormenores de detalhes que ultrapassavam a leitura possível de ser feita no espaço expositivo. Nas fotos que registram a exposição, é possível verificar os objetos com poucas etiquetas informativas e sem textos explicativos. Avaliamos que a ausência de textos explicativos sobre os objetos expostos decorreu do entendimento de que as relíquias que foram para Portugal falavam por si no circuito de visitação do público.

4.4 EXPOSIÇÃO NO PAVILHÃO BRASIL COLONIAL

Foi possível encontrar e visualizar a exposição do Pavilhão Brasil Colonial em fotos publicadas no Catálogo Descritivo e Comentado⁴⁹ e em documentos localizados nos Arquivos Institucional e Histórico⁵⁰ do MHN e no Catálogo do Brasil 1940⁵¹. O Catálogo Descritivo e Comentado, sobre a exposição histórica do Brasil, como vimos, foi produzido para guiar os visitantes no espaço expositivo. Foi uma edição simples, sem muito luxo, com 143 páginas. Trazia colada na capa uma gravura colorida que integrava a Cruz de Cristo⁵², a Esfera Armilar⁵³ e um traço em verde e preto com cinco estrelas⁵⁴ pequenas em dourado. Possuía, em suas páginas, fotos das salas do MHN, apresentando a exposição dos objetos na instituição, no Brasil, no ano de 1940.

Outro ponto já registrado e que deve ser considerado sobre o Catálogo é a divergência da denominação da exposição brasileira que, desde 1938, quando da edição da “Nota Oficiosa”⁵⁵, quando convidou o Brasil para realizar uma Exposição Histórica do Brasil 1500 no Pavilhão dos Portugueses no Mundo. Porém, na segunda capa do Catálogo, o título

⁴⁹ BARROSO, 1940a, não paginado.

⁵⁰ O Arquivo Histórico do MHN abriga as coleções iconográficas. No caso desta pesquisa, dedicamo-nos às coleções de Alfredo Norfini e Figueira de Mello, em razão de terem ido para Lisboa em 1940.

⁵¹ PAVILHÃO..., 1941.

⁵² Cruz de Cristo usada pelos Cavaleiros da Ordem de Cristo, denominação dada por D. Diniz, em 1312, aos Templários, para evitar perseguições. O Infante D. Henrique é identificado como o mais notável dos Mestres da Ordem de Cristo. RIBEIRO, 2003.

⁵³ “Feita de aros de metal (ou armilas), foi idealizada, diz a tradição, pelo astrônomo grego Anaximandro de Mileto (611-547 a.C.). Servia para mostrar, com os aros, as trajetórias aparentes dos astros em torno da Terra, que era representada por um globo de metal colocado no centro da esfera oca formada pelos aros.” Ibidem, p. 43.

⁵⁴ As estrelas estão representando de forma estilizada a Constelação do Cruzeiro do Sul, que são os estados: São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia.

⁵⁵ Sobre a “Nota Oficiosa” lançada por Salazar em 1938, ver mais detalhes no Capítulo 1.

estabelecido pelo Diretor do Museu Histórico Nacional é “Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente”. Ao analisar os objetos levados a Portugal fica evidente que a mudança foi apenas do título, isto porque, os objetos contam a História do Brasil a partir da União Ibérica (1580) e se prolonga até o quadro-pintura de Getúlio Vargas, representando o Brasil de 1940 — o Estado Novo. Gustavo Barroso não mudou o rumo da história a ser contada, mas também não contou toda a história, porque subtraiu a história antes de 1580. Mais ainda, inicia sua exposição com objetos identificados com a Invasão Holandesa no Brasil, no arsenal de guerra usado para a defesa da Colônia.

A periodização registrada no Catálogo não está de acordo com o apresentado por Afrânio Peixoto na “Súmula” (ver Capítulo 2), mas segue o entendimento de Gustavo Barroso para contar a História do Brasil através dos objetos expostos. A sugestão de Afrânio Peixoto de iniciar a trajetória da História do Brasil em 1580, depois também aceita, em parte, por Gustavo Barroso, estava assentada na permanência das tradições, política, cultura e língua portuguesa na Colônia. Isto porque, mesmo com a União Ibérica — 1580 a 1640 —, o Brasil continuou com sua administração colonial praticamente sem alterações: os funcionários do governo português foram mantidos, o idioma oficial da colônia continuou a ser o português, as leis continuaram a ser praticamente as mesmas e os costumes lusitanos permaneceram sem grandes alterações⁵⁶. Isto é afirmado por Afrânio Peixoto com a expressão, na “Súmula”: *1580-1640 éramos portugueses.*

Em 1580 éramos um só, o mesmo. Sofremos juntos sessenta anos. Depois de 1640, continuamos, cá e lá, a sofrer, um pensando no outro, um ajudando o outro, para a redenção definitiva. Quando se escança em Lisboa D. João VI, imediatamente é proclamado nosso rei no Brasil e o Rio de Janeiro, como Lisboa e Porto, tem as honrarias, as mesmas, de lealdade.

Que importa que viesse a independência?

A maioria é fatal, cumprindo o tempo, aos homens, como às nações. Chega o dia em que o filho mais amoroso, a filha mais obediente, põem casa, novo lar, a vida que se prolonga....., mas, bem nascidos, os povos continuam os mesmos, na autonomia, na soberania, na independência, sem por isso abolir a história, a fé, a língua, as tradições, o sangue, a identidade. Brasil é e será sempre Portugal. De 1580 a 1640 não éramos apenas um; sofremos juntos a mesma aflição; justo é que, na celebração da alegria restaurada, o regosijo seja recíproco. Por isso é o Brasil convidado à festa de Portugal. Por isso, não pode faltar. Não é delicadeza, convite e aceitação. É dever. Não era lícito Portugal nos esquecesse. Não é possível que o Brasil não compareça. A festa é comum: é a nossa restauração⁵⁷.

⁵⁶ CAMPOS, Flávio de. *História Ibérica: apogeu e declínio*. São Paulo: Contexto, 1991; PEREZ, José Manuel Santos; SOUZA, George F. Cabral de. *El desafío holandés al dominio ibérico em Brasil em el siglo XVII*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2006; SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 23. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 2005.

⁵⁷ PEIXOTO, Afrânio. A nossa foi a restauração. *Revista dos Centenários*, Lisboa, Ano I, p. 13-14, 1939b. p. 13-14.

As conseqüências da União Ibérica repercutiram apenas no plano internacional, principalmente no comércio do “ouro branco” — o açúcar do norte —, com a proibição do comércio das colônias espanholas com os holandeses. Esses eram os principais refinadores, transportadores e distribuidores do açúcar produzido no Brasil. Para driblar esse embargo comercial, os holandeses criaram a Companhia das Índias Ocidentais (1621), que pretendia conquistar o norte e a produção de açúcar. Com o fim da União Ibérica, em 1640, a Coroa Portuguesa — Dinastia dos Bragança, iniciada pelo Duque de Bragança, então entronado como D. João IV — negociou um acordo de paz de dez anos com os holandeses que ainda se encontravam no Brasil⁵⁸.

Entendemos que essa decisão de iniciar a exposição com objetos que registrassem o período de luta contra a Invasão Holandesa no Brasil-Colônia justifica-se pelo fato de que tanto Gustavo Barroso quanto Afrânio Peixoto pretendiam apresentar o Brasil que lutou para manter sua unidade, criando heróis e construindo uma história de guerras. No livro de Afrânio Peixoto⁵⁹, editado em 1940, por ocasião das Comemorações Centenárias, consta: “Portanto, sem dúvidas, dos últimos povos da terra, na escala sociológica - Nômades quasi, sem agricultura, nem criação, sem propriedade, nem Governo, nem religião, pequena mentalidade sem progresso [...]” Neste sentido, não seria interessante apresentar nossa visão, nossa história, a história de “nossa gente” na “hora de um duplo centenário”, e sim apresentar o que temos da “[...] história mútua da América Portuguesa”⁶⁰.

Ao analisarmos a questão dos períodos representados e contados de nossa História, levantamos duas hipóteses. A primeira é de que o MHN passou a ser a instituição responsável pela exposição e a iniciou sozinha. Isto porque a proposta inicial era de que outras instituições participassem desse projeto, a exemplo do Museu do Ipiranga e do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. A resposta a essa situação foi encontrada no Arquivo Institucional do MHN, no qual localizamos o Ofício de nº 38⁶¹, de 19 de setembro de 1939, do Presidente da Comissão Brasileira para os Centenários Portugueses, General Francisco José Pinto, informando a Gustavo Barroso que fôra designado para cuidar do programa relativo “[...] a nossa história”. Ao responder ao General, Gustavo Barroso aproveitou a oportunidade para agradecer a indicação e apresentar a decisão do Diretor Histórico da Exposição⁶² de realizar os trabalhos somente com o acervo de sua instituição, ou seja, o Museu Histórico Nacional. Assim, vejamos: “Como V. Ex. verá por essa lista, pouco adeantarà à representação à referida

⁵⁸ SARAIVA, 2005.

⁵⁹ PEIXOTO, 1940, p. 39.

⁶⁰ Ibidem, p. 14.

⁶¹ Ofícios Expedidos. 1939. (MES-MHN). O ofício nº. 38, está datado de 19 de setembro de 1939.

⁶² Além do cargo de Diretor Histórico da Exposição, em abril de 1940, o Governo da República — Getúlio Vargas — nomeou Gustavo Barroso como Delegado-adjunto do Brasil nas Comemorações Centenárias de Portugal. (MES-MHN-Ofícios Expedidos). Relatório de 1941 ao Ministro Capanema, 1942, p. 2.

exposição o material do Instituto Histórico e do Museu do Ipiranga. Em todo caso, oportunamente me entenderei com a direção dessas duas notáveis Instituições Nacionais [...]”⁶³

Outro ponto de reflexão está circunscrito ao acervo do MHN. Entendemos que a instituição não possuía objetos que pudessem contar a história do descobrimento⁶⁴ e não tinha interesse por essas aquisições. Assim, não havia acervo que pudesse representar essa narrativa. Esta nossa posição é corroborada pelo que encontramos no Catálogo *Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português*, com a seguinte descrição sobre o espaço e a história a ser contada na exposição histórica do Brasil:

Pavilhão, nos seus múltiplos aspectos de decoração, mostruário de relíquias e disposição das salas, resume os quatro séculos da História do Brasil, desde o Descobrimento, no século XVI, simbolizado por uma espada e um broquel da época, até o momento presente, representado pelo retrato do Chefe do Estado do Novo⁶⁵.

Encontramos ainda, em Aline Magalhães⁶⁶, a confirmação de nossa avaliação sobre a não existência de objetos para narrar a História do Brasil Colônia, na perspectiva de apresentar sua “gente”. Ao analisar a tipologia do acervo do MHN, a autora afirma:

[...] observando as peças selecionadas para compor o acervo da Instituição, não foi encontrado nada que pudesse representar negros, índios ou mestiços como agentes sociais da nação. O que de alguma forma poderia representar esses grupos tinha seu sentido atrelado às ações dos setores dominantes⁶⁷.

Quando o assunto é a Guerra Holandesa, em artigo publicado por Sigrid Barros⁶⁸, encontramos vários registros sobre as coleções pertencentes ao acervo permanente do MNH, que possuía objetos que contavam a história da guerra e do domínio holandês. A autora revela:

Possui o MHN em sua coleção de armas, peças interessantíssimas, inúmeras de grande raridade. Entre as de maior projeção histórica, como documentos que são de uma página econômica-militar, estão as armas do século XVII, contemporâneas do Domínio Holandês no Brasil, quando a História Militar brasileira ganha as suas cores características, ao lutarem os naturais, aliados aos portugueses e espanhóis, pela manutenção da soberania nacional⁶⁹.

⁶³ Ofícios Expedidos. (MES-MHN). Relatório de 1941 ao Ministro Capanema, 1942, p. 2.

⁶⁴ O acervo que estamos entendendo como ausente desse discurso é o que tratava dos índios e dos negros na trajetória da história do Brasil. Se Gustavo Barroso deveria “cuidar da nossa história”, este acervo foi subtraído ou, no recorte, foi esquecida essa memória.

⁶⁵ PAVILHÃO..., 1941, não paginado.

⁶⁶ MAGALHÃES, 2006. Estudo sobre Gustavo Barroso e seu projeto museológico para o MHN.

⁶⁷ Ibidem, p. 32.

⁶⁸ BARROS, Sigrid Porto de. Armas que documentam a guerra holandesa. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v. X, p. 11-59, 1949.

⁶⁹ Ibidem, p. 11.



Foto 53 – Sala Getúlio Vargas exposição do Museu Histórico Nacional, em 1940 no Rio de Janeiro⁷⁰

Para atingir o objetivo de apresentar uma exposição histórica, ao pensar uma exposição para “contar a história”, foi indicado um Museu. Este era o espaço que possuía os objetos museológicos colecionados por determinadas famílias, que passaram a compor os acervos de instituições museológicas por meio de doações e dentro da política de aquisição e formação de acervo. O que significa que, ao pensar a exposição, Gustavo Barroso já possuía uma coleção⁷¹ com diversos exemplares de representações, como também diversos períodos de produção desses artefatos. A “Casa do Brasil” tinha as evidências necessárias para cumprir essa função. Assim, os objetos foram selecionados para compor a expografia de contar nossa história na Exposição do Mundo Português em 1940 por sua relação com o tema e com os fatos históricos. Margarida Acciaiuoli⁷², ao analisar a participação do Brasil em uma

⁷⁰ BARROSO, 1940a, não paginado.

⁷¹ Relatório MHN-1938/1939. Nesse documento fica evidenciado que as aquisições eram constantes no MHN, em razão dos seguintes dados: “Movimento do MHN 1939: Modo de aquisição das peças: Compra - 1160, Doação - 82 e Permuta 1072, Peças de Filatelia - 34, Peças de Numismática - 2.314”. (DG 1-2; 4 A). A soma desses números totaliza 4.662 peças adquiridas para o Museu, o que evidencia o acréscimo da coleção permanente do MHN.

⁷² ACCIAIOULLI, 1998, p. 214.

exposição que buscava representar o “Brasil Colonial”, afirma ser uma “[...] reconversão do significado que justificaria a ‘presença colonial’ do Brasil”. A nosso ver, o Brasil foi convidado para ser português num momento em que já não o era mais, isto é, foi transformado num Brasil português, ainda que no período de sete meses da Exposição.

Na literatura consultada sobre a política de Gustavo Barroso na administração das aquisições para o MHN, são vários os autores que trabalham no sentido apontado por nós, da valorização do objeto pelo fato histórico ou pela pessoa a quem esse objeto esteve ligado em sua trajetória. Assim, encontramos em Aline Magalhães⁷³ e em Regina Abreu⁷⁴ uma concordância quanto à posição de Gustavo Barroso diante das aquisições do acervo. Para essas autoras, era seu objetivo abrir as portas do Museu Histórico Nacional para os objetos representativos dos segmentos tradicionais da “nobreza brasileira”. Essa procedência é um fator relevante para a preservação do passado a partir do ingresso de objetos qualificados.

Esse quadro pode ainda ser ilustrado com o registro encontrado no artigo de Mariza Correa⁷⁵, no qual a autora analisa a atitude adotada pela Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses, ao deliberar pela exclusão do acervo destinado à exposição de orixás e bonecas baianas⁷⁶ no Pavilhão do Brasil 1940. Consoante a autora: “[...] a Comissão julgou deprimente apresentar o Brasil como um país de negros e macumbas.”⁷⁷ A referência à Comissão leva-nos à identificação de um conhecido personagem: Gustavo Barroso. Naquele momento, além de Diretor do Museu Histórico Nacional, ele era responsável pela Exposição do Brasil Colonial, Diretor Histórico da Exposição e Delegado-Adjunto — representação que lhe atribuía grande poder de decisão diante dos membros da Comissão Brasileira.

Esta nossa análise é corroborada pelo que representava o acervo e o espaço expositivo do MHN, em 1940, que possuía um espaço com 22 salas, com um acervo computado em 9.271 objetos da Secção Histórica e 75.000 objetos da Secção de Numismática, distribuídos nos seguintes módulos, segundo registro de Adholph Dumas⁷⁸:

A 1ª Secção compreende as seguintes salas: Colônia (Sala D. João VI); 1º e 2º Reinados (respectivamente Pedro I e Pedro II); República (Deodoro); Marinha (Tamandaré); Paraguai (Duque de Caxias); Osório, Miguel Calmon. Jóias (Guilhermina Guinle); Religião, Mendes Campos. Porcelanas e Cristais (Smith Vasconcelos). Viacturas, Armas, Galerias etc.

⁷³ MAGALHÃES, 2006.

⁷⁴ ABREU, 1996b.

⁷⁵ CORREA, 2000.

⁷⁶ Essa coleção foi adquirida e enviada pela Diretora do Museu Nacional, Heloisa Alberto Torres.

⁷⁷ CORREA, op. cit., p. 233; 265; 255.

⁷⁸ DUMAS, 1940, p. 215-216.

Noutras salas retratos da época colonial e dos 1º e 2º Reinados; o de Carlota Joaquina; e de Dona Escolástica, e de sua filha, a marquesa de Santos, favorita de D. Pedro I; o de Dom Luiz de Vasconcelos e Souza, ilustre vice-rei; o de D. João VI; o de D. Pedro I. D. Pedro II e D. Maria I; os dos Generais Osório e Câmara; maquete das estátuas dos imperadores D. Pedro I e D. Pedro II, da Imperatriz D. Thereza Christina, princesa Isabel.

No pátio Epitácio Pessoa, grande documentação de armas pesadas: Vê-se El Cristiano, canhão fundido com o bronze dos sinos paraguaios [...]

O autor passa a fazer a descrição do espaço denominado de Segunda Secção, que possuía a coleção de Numismática “[...] com as coleções do antigo Gabinete de Numismática da Biblioteca Nacional”⁷⁹, elencando várias séries com produções de moedas gregas, romanas, período dos Reis, República e Império. Também registra um acervo de países como Portugal, França, Espanha, destacando uma secção especial, denominada Brasil com medalhas, condecorações e moedas.

Desse universo considerável, Gustavo Barroso só escolheu para a exposição de Lisboa⁸⁰ um total de 594⁸¹ objetos/documentos, que foram distribuídos num espaço de 22 metros quadrados, divididos em seis salas. Nas salas, os objetos foram “arrumados”⁸² de acordo com a proposta expositiva apresentada nos quadros expostos nesta tese e expostos com recursos que buscavam inseri-los na história a ser contada, com poucos textos nas paredes.

Nas vitrines⁸³ estavam os destaques da exposição, local onde se encontravam as “reliquias” da representação brasileira na História do Brasil Colônia e Independente. Assim, o visitante, naquela época, percorrendo os espaços, encontrava a seguinte seqüência expositiva:

⁷⁹ DUMAS, 1941, p. 216.

⁸⁰ Os trabalhos para a viagem dos objetos tiveram início em dezembro de 1939 e o traslado foi feito pelo navio *Almirante Alexandrino*, que iniciou a viagem em 1 de maio de 1940. Segundo Gustavo Barroso, no seu Relatório MHN dirigido ao Ministro Capanema, em 1941, o pacote ficou “[...] detido uma semana pelos franceses no porto marroquino de Casa Blanca”. Por essa razão, só aportaram em Lisboa no dia 24 de maio. Consta ainda nesse documento que foi disponibilizada uma verba de cinquenta contos de réis, paga em duas parcelas, para arcar com as despesas com a viagem e a exposição. Esses recursos foram liberados pelo Presidente da Comissão Brasileira dos Centenários, General Francisco Jose Pinto. Gustavo Barroso só retornou ao Brasil no Pacote Santarém, em 5 de fevereiro de 1941. Sua justificativa foi a falta de vapores. No período em que esteve em Lisboa (10 meses), indicou para ocupar interinamente o cargo de Diretor do MHN o conservador Edgard de Araújo Romero (Conservador do Museu, Classe 01K, chefe da 2ª Secção: Numismática e Sigilografia). Na documentação do MHN consta que Gustavo Barroso assumiu a função de Diretor no dia 10 de março de 1941 (Ofícios Expedidos, 1940-1941 - MES-MHN).

⁸¹ No Relatório enviado ao Ministro Capanema, Gustavo Barroso, na página 3, relata um total de 632 peças. Isto porque, informa ter levado 40 peças de mobiliário dos séculos XVII e XVIII: “O documentário histórico do Brasil na Exposição do Mundo Português compô-se, portanto de 632 peças [...]” Neste trabalho, estamos considerando 594, número que consta na publicação oficial da Exposição do Brasil Colonial — *Catálogo Descritivo e Comentado do Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente*.

⁸² Esta expressão é encontrada em muitos documentos escritos por Gustavo Barroso sobre a arrumação da exposição como uma *montagem expositiva*.

⁸³ Gustavo Barroso esclarece que as relíquias foram guardadas em vitrinas apropriadas, feitas de sucupira. (MES-Ofícios Expedidos 1942). Relatório do MHN em 1941, apresentando ao Sr. Ministro da Educação e Saúde pelo Diretor Gustavo Barroso. Em 20 de janeiro de 1942. (MHN).

Sala	Temas e objetos expostos
Vestíbulo	Grupo em bronze: <i>Caramuru</i> , de Eduardo de Sá, e <i>Yuca-Pirama</i> , de Eduardo Sá
Sala dos Canhões Históricos	Armaduras da Guerra Holandesa Aspectos de São Paulo antigo
Luta dos Bandeirantes	Uniformes das milícias coloniais Retrato de Anchieta
Sala das Milícias	Armas do Brasil colonial Fotos de uniformes das antigas milícias e ordenanças Retrato do bandeirante Raposo Tavares Móveis da época
Sala do Século XVII	Quadros com vistas de edifícios coloniais Tapete Mesa Baú-arca Cadeira estilo colonial Lugar de Honra: retrato do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos
Sala do Século XVIII	Quadros na parede Tapete e mesa de centro Sofá de 3 lugares Cadeiras Escudos no teto
Sala das Moedas	Moedas do Brasil colonial Painéis com feitos coloniais Painel com nomes e datas coloniais Oratório com cópia da Cruz Processional de Frei Henrique de Coimbra na 1ª Missa
Sala Portugal – Brasil	Quadros da epopéia bandeirante Vistas de edifícios coloniais Na parede, no alto, 9 escudos com o título: “Vice-Reis do Brasil”
Sala Portugal – Brasil	Na parede central, painel com uma grande árvore simbólica ligando a história de Portugal à do Brasil. Painéis com os nomes dos governadores gerais do Brasil: REINO - BRASIL – IMPÉRIO. Relíquias do 1º Reinado No centro, vitrina com a espada de D.Pedro I no Ipiranga.
Sala do Brasil Independente	1º reinado Sala República do Brasil Espada de D.Pedro II Deodoro e Getulio 2º reinado: 1822-1831 1º Reinado: -trajes militares - quadros de D. Pedro - Sabres, elmo
Sala do Brasil Independente 2º reinado (1831-1809)	Quadros relativos às guerras pela independência Quadros da Família Real Vitrina objeto Espada D. Pedro I

Sala	Temas e objetos expostos
Sala Brasil Independente	Relíquias do período republicano Retrato de Deodoro fundador da República Retrato de Getúlio Vargas, fundador do Estado Novo
Gabinete da Administração	Fotografias da exposição do MHN no Brasil Moveis antigos

Quadro 27 – Distribuição das salas, temas e objetos apresentados no Pavilhão Brasil Colonial⁸⁴

No Relatório sobre a participação do MHN encaminhado ao Ministro Capanema, no item *A Exposição Histórica do Brasil*, Gustavo Barroso descreve como realizou e arrumou o espaço encontrado no Pavilhão do Mundo Português reservado à apresentação do “Brasil Colonial”. O documento reflete o entendimento do representante do Brasil na exposição, ao apresentar a distribuição das salas e dos objetos:

Para a Exposição desses objetos, o Comissariado da exposição do Mundo Português pôs a disposição do nosso país uma ala do Pavilhão dos Portugueses no Mundo composta de um vestibulo, uma sala e um grande salão, fóra as dependências de serviço. Fez-se nesse grande espaço notável adaptação. Decorou-se o *vestibulo*, arrumou-se na sala a exposição do Brasil Independente, abarcando os dois Reinados e a República, e reservou-se o grande salão para a época colonial. Na sua rotunda central ergueu-se uma *arvore simbólica* e decorativa representando a formação estrutural do Brasil saindo da formação de Portugal, verdadeira arvore genealógica da raça⁸⁵. Por meio de paredes de pequena altura com sancas iluminadas, dividiu-se aquele espaço de 22 metros quadrados em cada face e 14 de pé direito em 6 salas: Sala dos Canhões, Sala dos Uniformes, Sala do Século XVII, Sala do Século XVIII, Sala Militar, Sala da Arvore Portugal-Brasil, nelas se dispondo convenientemente o material levado do Brasil [...]⁸⁶

Ao trabalhar com a distribuição das salas, durante a análise documental, verificamos que não foram registradas, no *Catálogo Descritivo e Comentado* de Gustavo Barroso⁸⁷, algumas representações simbólicas da Exposição, como: o Vestíbulo, os Escudos e a Árvore Simbólica. Constam, entretanto, no *Catálogo do Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica*

⁸⁴ Baseado em PAVILHÃO..., 1941.

⁸⁵ Diferentemente dos intelectuais do período que pretendiam definir o homem brasileiro (Gilberto Freire, Buarque de Holanda, entre outros), Barroso estava à margem dessas discussões e caminhava na direção do encontro com o que chamo de “homem lusitano”, resultado da soma do encontro das raças no Brasil colonial, levando-nos, por conseguinte, a um processo de continuidade com Portugal. Por isso uma árvore portuguesa que deu frutos, fez nascer o Brasil. “Num país bárbaro em vias de colonização, as leis eram, naturalmente, interpretadas com maior benevolência e liberdade...” BARROSO, 1939, p. 29.

⁸⁶ Ofícios Expedidos 1942. (MES-MHN). Relatório do MHN em 1941. Apresentando ao Sr. Ministro da Educação e Saúde pelo Diretor Gustavo Barroso. Em 20 de Janeiro de 1942, p 4, grifo nosso.

⁸⁷ BARROSO, 1940a, não paginado.

do *Mundo Português-1940*⁸⁸ e no artigo *A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu Catálogo*⁸⁹ e também no Relatório de Gustavo Barroso⁹⁰.



Foto 54 – Vestíbulo do Pavilhão do Brasil Colonial com a escultura Anchieta Evangelizando os Índios⁹¹

O *Vestíbulo* apresentava os grupos em bronze: *Caramurú* e *Y. Juca-Pirama*, obras de autoria do artista brasileiro Eduardo Sá⁹². No entendimento de Gustavo Barroso⁹³ pretendiam simbolicamente representar:

Ao centro, sobre um pedestal de sucupira, um grupo de bronze de Eduardo de Sá, cópia do que se encontra no monumento de Floriano Peixoto, fundido pela própria maquete em

⁸⁸ PAVILHÃO..., 1941.

⁸⁹ BARROSO, 1941a.

⁹⁰ *Ofícios Expedidos 1942*. (MES-MHN). Relatório do MHN em 1941. Apresentado ao Sr. Ministro da Educação e Saúde pelo Diretor Gustavo Barroso. Em 20 de Janeiro de 1942. p. 4.

⁹¹ BARROSO, op. cit.

⁹² Eduardo de Sá (1866-1940), escultor, pintor, restaurador. Estudou com Vitor Meireles na Academia Imperial de Belas Artes (1832-1903). Na sua formação artística, contribuiu o artista Pedro Américo. Ganhou vários prêmios durante sua formação e foi estudar em Paris. Realizou várias obras de culto à pátria e civismo, a exemplo de “José Bonifácio, a fundação da Pátria”, e ainda monumentos ao Marechal Floriano Peixoto, Tiradentes e a escultura *Caramuru*. PITORESCO - A Arte dos Grandes Mestres. *Eduardo de Sá*. Disponível em: <http://www.pitoresco.com/laudelino/edu_sa/eduardo.htm> Acesso em: 3 jan. 2008.

⁹³ BARROSO, op. cit., p. 236.

gesso do artista, gentilmente cedido pelo Museu Nacional — Anchieta evangelizando o indígena, como representação simbólica da Catequese, do Evangelho nas Selvas [...]

Gustavo Barroso⁹⁴ prossegue expondo sua interpretação da segunda representação *Caramuru* e *Y. Juca-Pirama*: o primeiro significa o contato do homem branco com a virgem terra brasileira; o segundo, o indígena do país descoberto pelos portugueses.



Foto 55 – Vestíbulo: grupo em bronze de Caramuru e Y. Juca-Pirama⁹⁵

Essas representações encontravam-se no Monumento a Floriano Peixoto, realizada por Eduardo de Sá, inaugurado em 1910, no Rio de Janeiro. Foram utilizadas por Gustavo Barroso, mediante a representação de dois nichos. Ao analisar os símbolos e mitos criados na passagem do Império para a República e refletir sobre as representações nos nichos levados pelo Diretor do MHN em cópia para a exposição, José Murilo de Carvalho⁹⁶ comenta:

⁹⁴ BARROSO, 1941a, p. 236.

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 48.

[...] nos nichos do altar, foram colocados quatro grupos em bronze e uma estátua. Os grupos representam as três raças formadoras da população brasileira e a religião católica, mediante a referência a poemas de nossa literatura. Lá estão O Caramuru (raça branca), A cachoeira de Paulo Afonso (raça negra), Y-Juca-Pirama (raça amarela) e Anchieta (catolicismo).

Essa confrontação de leituras sobre uma mesma representação escultórica tem por objetivo registrar que o olhar de Gustavo Barroso era muito peculiar, pois ele interpretava temas⁹⁷ conflitantes, cidadãos comuns, diluídos numa visão romântica dos símbolos retratados na História Pátria.

A história pátria barroseana era feita de homens heróis e portugueses fidalgos. No entendimento de Gustavo Barroso⁹⁸:

[...] um museu é uma evocação do passado, que dá a sensação de épocas vividas ou de civilizações que desapareceram. Dêle se evola uma revoada de sonhos e fantasias, de sentimentos que dilatam a alma e a emocionam. Convem, pois, ter sempre isso em mente na arrumação e disposição das salas..

Regina Abreu⁹⁹ acrescenta a esta nossa reflexão:

História do Brasil para Barroso tem início em 1808, quando a Coroa Portuguesa institui o Reino Unido de Portugal e Algarves. Sob a ótica de Barroso, o Estado Imperial teria forjado a nação brasileira, unificando os brasileiros e demarcando as principais fronteiras. A tradição brasileira — que deveria ser preservada e cultuada — havia sido estabelecida pelo Império [...]

Na busca por um Brasil que é português no pertencimento de suas origens fica evidenciado, na *Sala do Século XVIII*, quando foram colocados os escudos¹⁰⁰ num espaço “[...] localizado em quadra menor do que a outra, da qual cada face, decorada de timbres heráldicos a cores, em relevo e com luzes [...]”¹⁰¹. Esses escudos foram confeccionados em Lisboa, em suporte de madeira, pelo artista português Antonio Cristino, e fixados no alto da parede, próximo ao teto. Os escudos heráldicos, que simbolicamente representavam nossa herança portuguesa, a prova testemunhal e documental que “[...] indicam nações, épocas e

⁹⁷ Nos artigos de Gustavo Barroso estão ausentes as questões raciais, índios, escravidão. Isto fica evidente em sua obra *Introdução à Técnica de Museu*, ao mostrar uma gravura com negros em um chafariz, da Coleção do MHN, e interpretar apenas o chafariz, ignorando toda a representação pictórica que forma a obra: “O Chafariz do Largo do Paço; desenho original de Rugendas, a lápis recoberto de nanquim.” BARROSO, 1951, p. 56.

⁹⁸ BARROSO, 1951, p. 66

⁹⁹ ABREU, 1996a, p. 52.

¹⁰⁰ Esses escudos estão atualmente no pátio do MHN e não há nenhum registro de que foram trazidos da Exposição do Mundo Português de 1940.

¹⁰¹ BARROSO, 1941a, p. 237.

individualidades”¹⁰² do Brasil português. Gustavo Barroso acrescenta ainda que a “[...] ciência dos brasões é uma das linguagens mudas e simbólicas de maior importância na história. Pode fazer as maiores revelações”¹⁰³.



Foto 56 – Sala Século XVIII do Pavilhão do Brasil Colonial¹⁰⁴

Esses escudos eram de portugueses armadores, navegadores, capitães donatários e representavam, heraldicamente, seus títulos nobiliárquicos¹⁰⁵. Gustavo Barroso¹⁰⁶ assim justifica a encomenda de tais peças:

[...] falariam de sua nobreza e lembrariam o valor das estirpes em que se radicavam. Diriam ainda da importância que as mais altas e prestigiosas figuras da Corte com lustre de serviços no mar e em terra, nas armas e na navegação, davam ao cargo de legados do Rei na minha pátria distante e ainda semi-bárbara.

¹⁰² BARROSO, 1951, p. 16.

¹⁰³ Ibidem, p. 16.

¹⁰⁴ Idem, 1941a.

¹⁰⁵ Distinção concedida aos membros da nobreza, sendo os principais títulos: Barão, Visconde, Conde, Marquês, Duque e Arquiduque. Alguns desses títulos podiam também ser adquiridos por compra. WIKIPEDIA, 2007.

¹⁰⁶ BARROSO, Gustavo A. L. G. Dodt da Cunha. A heráldica dos Vice-Reis. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. III, p. 5-123, 1945. p. 14.

Nos escudos encontramos a representação heráldica¹⁰⁷ dos seguintes homens: Simão Miranda¹⁰⁸, Jorge de Figueredo Correa¹⁰⁹, Gaspar de Lemos¹¹⁰, Aires da Cunha¹¹¹, Nicolau Coelho¹¹², Vasco Fernandes Coutinho¹¹³, Fernão de Noronha¹¹⁴, Fernão Álvares de Andrade¹¹⁵, João de Barros¹¹⁶, André Gonçalves¹¹⁷, Aires Gomes da Silva¹¹⁸, Pero Vaz de Caminha¹¹⁹, Cristovão Jacques¹²⁰ e Gonçalves Coelho¹²¹, todos eles vinculados ao Portugal dos Descobrimentos e colonização do Brasil.

Na Sala Brasil-Portugal, encontramos outros escudos que faziam parte da composição decorativa do espaço do Pavilhão do Brasil Colonial, num total de 9 peças. Segundo Gustavo Barroso¹²², no “[...] alto das paredes colocaram-se brazões heráldicos iluminados, dos Vice-Reis e os nomes dos Governadores Gerais. Verdadeira síntese de nossa historia colonial”.

¹⁰⁷ Os dados apresentados sobre a heráldica de cada brasão foram extraídos das legendas explicativas que identificam os escudos no Pátio Minerva do MHN.

¹⁰⁸ Simão Miranda - navegador português, um dos comandantes da frota de Pedro Álvares Cabral.

¹⁰⁹ Jorge de Figueredo Correa - fidalgo português do século XVI. Escrivão da Fazenda Real, quando lhe foi concedida a Capitania de Ilhéus. Não chegou a colonizar a sua Capitania.

¹¹⁰ Gaspar de Lemos - navegador português, comandante do navio de mantimentos de Cabral. Participou da expedição que percorreu a costa brasileira e nomeou vários acidentes geográficos: Angra dos Reis, Rio de Janeiro e outros.

¹¹¹ Aires da Cunha - navegador português. Recebeu a primeira capitania do Maranhão. Morreu quando a sua nau afundou num temporal.

¹¹² Nicolau Coelho - navegador português, comandante de uma das Naus de Cabral, fez os primeiros contatos com os índios.

¹¹³ Fernandes Coutinho - fidalgo português do século XVI. Pela campanha no Oriente recebeu como prêmio a Capitania do Espírito Santo, fundando a Vila do Espírito Santo, onde iniciou o cultivo da cana-de-açúcar.

¹¹⁴ Fernão de Noronha - comerciante português do século XVI, rico armador, explorou o pau-brasil. Recebeu do Rei a ilha de São João que depois passou a ter seu nome e foi a 1ª capitania hereditária.

¹¹⁵ Fernão Álvares de Andrade - fidalgo português do século XVI, tesoureiro-mor do reino. Recebeu a segunda Capitania do Maranhão em conjunto com o Capitão Aires da Cunha e o historiador João de Barros.

¹¹⁶ João de Barros - historiador português, nascido no século XV. Feitor e tesoureiro da Casa da Índia quando recebeu a Capitania do Maranhão.

¹¹⁷ André Gonçalves - navegador português do final do século XV e início do XVI.

¹¹⁸ Aires Gomes da Silva - navegador português, integrou a frota do descobrimento, em 1500, como comandante de uma das Naus.

¹¹⁹ Pero Vaz de Caminha - escreveu a Carta ao Rei de Portugal sobre o Brasil.

¹²⁰ Cristovão Jacques - navegador português. Combateu, com duas expedições, os traficantes de pau-brasil, não se fixou no Brasil.

¹²¹ Gonçalves Coelho - navegador português e cosmógrafo.

¹²² MES-MHN- Ofícios expedidos 1942 - Relatório do MHN ao Ministro Gustavo Capanema, 1941, p. 4.



Foto 57 – Sala Brasil-Portugal¹²³

Quando da publicação do primeiro volume¹²⁴ dos Anais do Museu Histórico Nacional, Gustavo Barroso¹²⁵ aproveitou para registrar, em seu artigo *A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu catálogo*, mais uma vez, que os brasões estavam “[...] em todo o perímetro da quadra, coloridos e iluminados, a série de brasões de todos os Vice-reis do Brasil.”

O impacto que esses escudos causaram em Gustavo Barroso¹²⁶ pode ser medido por sua atitude depois da Exposição do Mundo Português. Isto porque, um recurso expositivo e decorativo foi alçado à categoria de relíquia, trazido para o MHN e exposto para o público. Eis sua a explicação para esse procedimento:

Ao terminarem as Comemorações dos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal, encerrando-se a linda Exposição de Belém, não os entregueis à destruição ou ao abandono. Apeei-os, encaixotei-os e trouxe-os para o Brasil. Aqui os restaurei e adaptei a ornamentação da Sala dos Vice-Reis, fica à entrada do Museu Histórico e se destina à mostra de porcelanas e cristais antigos.

Atualmente, os brasões trazidos por Gustavo Barroso de Lisboa, em 1941, estão compondo o espaço das paredes do Pátio Minerva. Não há, entretanto, nenhuma indicação,

¹²³ BARROSO, 1941a.

¹²⁴ A publicação de uma Revista que tratasse de temas e coleções do MHN constava no Regimento do Museu, porém só foi iniciada em 1941.

¹²⁵ BARROSO, op. cit, p. 237. Gustavo Barroso incluiu neste artigo o roteiro da exposição “Brasil Colonial”, nas páginas 235-238.

¹²⁶ Ibidem, p. 233.

nos textos informativos, sobre a forma como esses objetos foram incorporados ao acervo permanente do Museu Histórico Nacional, como também a sua vinculação com a história da Exposição do Mundo Português em Lisboa, em 1940, no Pavilhão do Brasil Colonial.

- *Árvore Simbólica* — a Gênese Portuguesa

O momento que pode ser destacado como a licença poética e interpretativa realizada por Gustavo Barroso, quando chegou a Lisboa, foi a criação da *Árvore Simbólica*, uma construção em relevo, objetivando demonstrar, num modelo simbólico¹²⁷, a síntese das raízes de nossa gênese portuguesa no tronco lusitano. Essa simbologia pode ter sido influenciada pela *Árvore de Jessé*¹²⁸, introduzida no século IX, na arte cristã, com o objetivo de apresentar a genealogia de Cristo, sendo propagada durante séculos por vários países. Esta concepção era representada pelo “[...] corpo de Jessé em geral deitado e a dormir, barbado, nasce uma arvore em cujos ramos se vêem alguns dos Reis de Judá, tudo terminado, no alto, pela figura de Jesus Cristo, precedido pela da Virgem Maria”¹²⁹.

No Catálogo da Exposição, Gustavo Barroso¹³⁰ explica as relações e o sentido da *Árvore Simbólica*, com o objetivo de facilitar a compreensão sobre a genealogia do Brasil:

No tronco, as armas heráldicas de Portugal. Nos primeiros ramos, A Grei, A Lei e os Reis que “dilataram a Fé e o Império”. Nos segundos, o Mar, os Descobridores que devassaram os “mares nunca dantes navegados”, os Missionários que espalharam nos mundos novos as sementes da Religião Cristã e os Bandeirantes que recuaram o Meridiano.

Nos terceiros, os Donatários que fundaram as Capitânicas, os Senadores das Câmaras significando a Constituição dos primeiros municípios, e as Províncias, resultado das Velhas capitânicas. Depois, o Reino fundamentado sobre esse desenvolvimento e o Império, nascido do reino. Por fim, os Estados, surgindo das províncias e municípios. E, coroando tudo, numa intensa floração de flores e de luzes – a República, o Brasil Contemporâneo.

¹²⁷ Os termos simbólicos são usados pelas pessoas como representação de conceitos que não se conseguem definir ou compreender integralmente. JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. Com a *Árvore Simbólica*, Gustavo Barroso buscava representar a síntese de nossa herança histórica e de sangue com Portugal.

¹²⁸ Para maiores detalhes sobre o assunto, ver GONÇALVES, Flavio. A «Arvore de Jesíse» na arte cristã portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras: História*, Porto, v. II, III, p. 213-238, 1986.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 214.

¹³⁰ BARROSO, 1941a, p. 233.

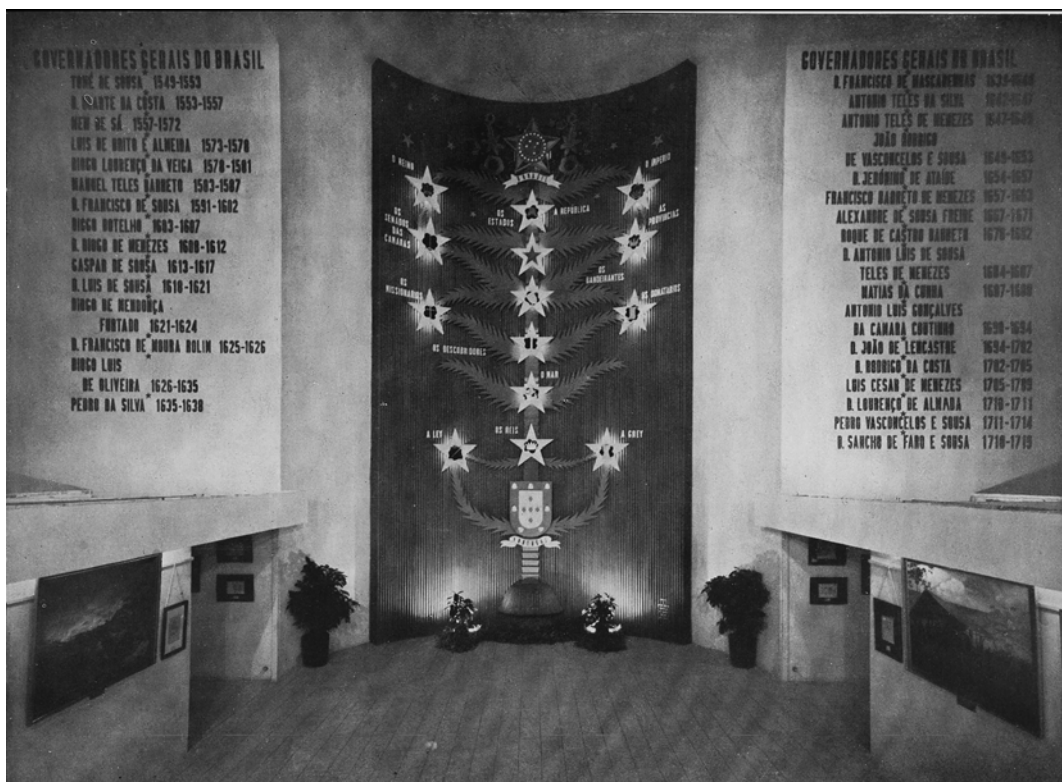


Foto 58 – Árvore Simbólica¹³¹

Em Abrahão Koogan e Antonio Houaiss¹³², a palavra *árvore* é assim definida: “[...] planta lenhosa cujo caule, ou tronco, fixado no solo com raízes, é despido na base e carregado de galhos e folhas na parte superior.” No caso em estudo, faz-se necessária a compreensão do que seja *árvore genealógica*, classificada nesta mesma fonte como “[...] um quadro que dá, sob forma de árvore com suas ramificações, a filiação dos membros de uma família”¹³³. A junção das duas definições faz surgir o que pretendia Gustavo Barroso, quando elaborou sua árvore simbólica: o tronco representava os portugueses, os galhos com suas ramificações, o processo construído pelos portugueses para a criação da nação brasileira, e a síntese está na copa, que é o Brasil de 1940, representado pelas Armas da República.

O sentido para a construção da Árvore barrosiana era a necessidade de uma simbólica em afirmar e reafirmar a nossa herança portuguesa, como resultado de termos nascido de um mesmo tronco. A esse respeito José Silva¹³⁴ registra: “[...] o significado da palavra herança;

¹³¹ BARROSO, 1941a.

¹³² KOOGAN; HOUAISS, 1994, p. 77.

¹³³ Ibidem, p. 77.

¹³⁴ SILVA, José Glaydson da. *História antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007. (Historia e Arqueologia em Movimento). p. 31, grifo nosso.

sempre se liga à idéia de patrimônio passado, *transmitido, por uma pessoa ou grupo*, por sucessão. Um patrimônio que é sempre reivindicado por herdeiros diretos ou por aqueles que julgam ter direitos de herança [...]"

Por isso a *Árvore Simbólica* foi chamada pelos portugueses de *Árvore da Gênese*, e mereceu destaque, pois foi colocada na rotunda do espaço expositivo do Pavilhão do Brasil Colonial, sendo registrada por diversos jornais portugueses da época. Matéria divulgada no *Jornal Arquivo Nacional*, em 7 de agosto de 1940, com duas fotos da Exposição acompanhadas da legenda "Arvore da Gênese do Brasil", atestam essa deferência à árvore. Nesse registro fotográfico, vemos, à frente da *Árvore Simbólica*, o Dr. Gustavo Barroso e convidados; esse espaço estava ladeado por escudos do Brasil Império e Reino¹³⁵.

Um outro momento de registro, tendo a *Árvore Simbólica* como marco de representação, foi durante a inauguração do espaço expositivo. Diante dela, o Dr. Gustavo Barroso, falou: "[...] a Exposição constitui um pequeno Museu representativo da projecção de Portugal, no tempo e no espaço, sobre a terra brasileira."¹³⁶ Quando a palavra foi passada ao senhor Augusto de Castro, Comissário da Exposição do Mundo Português, em seu discurso, também fez referência e expôs sua interpretação pessoal do significado da *Árvore Simbólica*, a avaliação portuguesa do que ela representava:

[...] direi que esta arvore é o exame de consciência dos brasileiros em relação a Portugal. Ali esta a raiz do Brasil mergulhado em Portugal, nos seus oito séculos de glorias e trabalhos fecundos; do Portugal de cuja grei saíram a lei e os reis sábios, santos, batalhadores e povoadores dos donativos que receberam as capitânicas, tão bem divididas que conservam, na maior parte, a sua conformidade inicial; dos missionários e dos bandeirantes cuja espada desbravaram os sertões¹³⁷.

No discurso proferido por Augusto de Castro, fica evidenciado na representação da árvore genealógica, com sua forma decorativa e seus símbolos e alegorias, que, para Portugal, o Brasil reconhecia que sua história iniciava com a chegada dos portugueses no paraíso. Isto porque os símbolos postos na árvore, de baixo para cima, numa forma estilizada, destacam: na base, um escudo de Portugal, que representava a Bandeira da Restauração; a *ley*, que estilizava um índio; os *reis* com uma coroa e a *grey* com um sacerdote; o *mar* com um desenho de uma caravela, tendo em sua vela a Cruz de Cristo; os *descobridores*, representados em um desenho do Padrão dos Descobrimentos.

¹³⁵ ÁRVORE da Gênese do Brasil. *Arquivo Nacional*, Lisboa, p. 34, 7 ago. 1940.

¹³⁶ PAVILHÃO Brasil Colonial. *Diário de Notícias*, Lisboa, Ano 76, n. 26.749, p. 24-25, 28 jul. 1940.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 24.

Durante a pesquisa no Museu Histórico Nacional não localizamos nenhuma referência, além daquelas já identificadas em Lisboa, mais aprofundada sobre a *Árvore*. Inferimos, portanto, que a execução desse elemento decorativo serviu apenas de apoio e recurso expositivo. Ao término da Exposição foi descartada, pois havia cumprido a sua função.

- Pavilhão Brasil Independente

A exposição “Brasil Independente” não estava no projeto inicial; foi, portanto, uma opção pessoal de Gustavo Barroso. Para viabilizá-la, ele fez um arranjo e conseguiu um espaço “[...] do lado esquerdo do Vestíbulo, uma passagem idêntica à do lado direito, levava à Exposição Histórica do Brasil Independente, localizado em quadra menor do que a outra [...]”¹³⁸, que possibilitou a montagem de sua proposta expositiva para acondicionar 45 peças que, de alguma forma, faziam parte da temática a ser tratada, mediante documentos de 1822 à 1940.

Nos registros sobre esse setor da exposição, dois destaques são descritos por Gustavo Barroso¹³⁹ no artigo *A Exposição Histórica do Brasil*; no “[...] centro, isolada em uma vitrina especial, a espada que trazia D. Pedro I no Ipiranga, quando soltou o grito de ‘Independência ou Morte’. Ao fundo, noutra montra, a espada que trazia o marechal Deodoro da Fonseca, no momento em que proclamou a República”¹⁴⁰. Em sua descrição, apresentava como epílogo dessa montagem intitulada de Independência, o que chamava de momento atual e “[...] estava expresso no grande retrato a óleo do fundador do Estado Novo Sua Excelência Getulio Vargas”¹⁴¹.

Na exposição do Brasil Independente no Pavilhão do Brasil Colonial, causou-nos surpresa a vitrine de sucupira, forrada de veludo¹⁴², onde foi colocada a espada que D. Pedro I usara quando proclamou a Independência do Brasil. Durante a pesquisa, havia indícios de que o objeto colocado nessa vitrine não era a *Espada do Grito*¹⁴³. Isto levou-nos a alguns questionamentos: Será que ocorreu um engano de Gustavo Barroso? Foi intencional esse

¹³⁸ BARROSO, 1941a, p. 237. Barroso registra que não era um mostruário de relíquias considerável, pois achava uma apresentação com poucos objetos. A ênfase de seu trabalho nesse pavilhão era o Brasil Colonial, com a exposição de 594 peças, registradas no Catálogo.

¹³⁹ Ibidem.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 238.

¹⁴¹ Ibidem, p. 238.

¹⁴² Expressão sempre registrada por Gustavo Barroso para demonstrar o uso de materiais nobres na confecção do mobiliário expositivo para a apresentação dos objetos na Exposição de 1940.

¹⁴³ No Catálogo Descritivo e Comentado consta como *Espada do Ipiranga*. BARROSO, op. cit. No Relatório que Barroso encaminhou ao Ministro Capanema, com a descrição pormenorizada da Exposição, não há registro sobre a *Espada do Grito*. BARROSO, 1941b.

engano? O que pretendia com essa invenção? Seria o objetivo qualificar a relíquia como o símbolo da independência?

Ainda que entendamos, apoiadas em Carvalho¹⁴⁴, que uma espada é “[...] o símbolo da ação militar [...]”, temos de admitir, como o autor, que “[...] símbolos, alegorias, mitos só criam raízes quando há terreno social e cultural no qual se alimentarem. Na ausência de tal base, a tentativa de criá-los, de manipulá-los, de utilizá-los como elementos de legitimação, cai no vazio, quando não no ridículo”¹⁴⁵.

A *Espada do Grito* está registrada no Catálogo Descritivo e Comentado, item 8 - *Espada do Ipiranga*, com o seguinte comentário e descrição:

D. Pedro I trazia esta espada no dia em que, sôbre a colina do Ipiranga, proclamou a Independência ao Brasil. Sabre de oficial general do começo do século XIX, a arma documenta por si o episodio. Na lâmina damasquinada se vê o brasão do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Na bainha de metal dourado, o escudo portugues foi raspado e sôbre êle se gravaram as armas do Novo Império. É a primeira espada em que o Brasão Imperial figura no Brasil.

Este registro reforça, portanto, o vínculo do documento com um fato histórico de relevância para o país: a Independência.



Foto 59 – Sala do Brasil Independente¹⁴⁶

¹⁴⁴ CARVALHO, 1990, p. 40.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 89.

¹⁴⁶ BARROSO, 1941a. Em destaque, na vitrine central, a *Espada do Grito*.

Na pesquisa realizada na Reserva Técnica do MHN não localizamos nenhum registro sobre o objeto nomeado de *Espada do Ipiranga*, que em 1940 encontrava-se como acervo permanente do Museu do Ipiranga em São Paulo. O que localizamos foi um objeto com uma Ficha Catalográfica¹⁴⁷, que possuía a seguinte descrição: “Sabre, arma, 18??, de General, com bainha, lamina, Exercito e II Reinado.” Não há nesta Ficha nenhuma referência à participação desta peça na Exposição do Mundo Português, em 1940, como encontramos em outros objetos que estavam no Catálogo Descritivo e Comentado. Nos Anais do Museu Histórico Nacional, publicado em 1940, consta um registro de Gustavo Barroso¹⁴⁸: “[...] para essa exposição o Museu do Ipiranga cedeu generosamente alguns dos seus melhores documentos iconográficos.” O confronto entre as duas imagens não possibilitou a identificação da verdadeira procedência do objeto exposto.

É possível que Gustavo Barroso tenha mitificado sua peça — Espada —, relacionando-a a um fato histórico — a Independência do Brasil —, pela necessidade de ter uma exposição com um “[...] conjunto de objetos que contenham referencias a uma individualidade, a um episódio, ou à natureza de seu próprio material [...]”¹⁴⁹. A arma, ao ser apresentada, publicizada, dando-lhe um brilho que o símbolo representava: a Independência! O fascínio por armas é uma tônica nos escritos de Gustavo Barroso¹⁵⁰, isto porque, na sua compreensão

[...] permite identificá-las de maneira a torná-las verdadeiros documentos concretos duma época, dum acontecimento, dum episódio ou duma personalidade. Sua representação em quadros, gravuras e esculturas auxilia a classificá-los. Não há história sem feitos militares. Não há feitos militares sem armas.

Acreditamos que essa atitude de Gustavo Barroso estava coerente com sua visão de história feita de fatos históricos, documentos e grandes heróis, aliada a sua compreensão de que o objeto deve ter uma relação histórica com personalidades, fatos e episódios. “Vê-se, pois, que evocações históricas suscitam a relíquia exposta ao público nas coleções do MHN. O comentário logo se situa no seu grau de importância em relação à sua época, à individualidade e ao acontecimento que recorda.”¹⁵¹ De forma apoteótica, em sua Exposição

¹⁴⁷ Ficha Catalográfica do Museu Histórico Nacional - Acervo Técnico, número de registro 14302.

¹⁴⁸ BARROSO, 1941a, p. 237.

¹⁴⁹ BARROSO, 1951, p. 65.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 17.

¹⁵¹ Ibidem, p. 78.

Histórica do Brasil Independente, o diretor do MHN iniciou essa narrativa com uma espada, arma símbolo de nossa Independência, e finalizou com o retrato do homem que deu ao país, a seu povo, o Estado Novo — Getulio Vargas.

Para finalizar, destacamos o discurso proferido por Gustavo Barroso no Congresso Nacional de Ciências da População, ocorrido na Cidade do Porto, em 12 de setembro de 1940, que representa a síntese de todo o capítulo sobre a continuidade do Brasil Português, assinado pelo condutor da narrativa do Pavilhão do Brasil Colonial em 1940:

O Brasil não pode esquecer Portugal. Só os filhos desnaturados esquecem seus pais. A nossa história começou em 1500; mas as suas raízes se enterram no Castelo de Guimarães, berço de Portugal. Pero Vaz de Caminha cantou a terra brasileira laboriosa e virgem, na sua Carta a El-Rei D. Manuel. Navegadores e colonizadores fecundaram-no. Violando os sertões ignotos e unindo-se em amor às tribus aborígenes. Cabral planta a Cruz nas areias de Pôrto Seguro. Os missionários reúnem os indígenas à sua sombra. Mas são os Ramalho, o Bacharel da Comarca e Diogo Álvares, o Caramuru quem recebe no leito nupcial as raparigas cor de bronze e propiciam os primeiros brasileiros. Mais tarde, o amor da terra e o amor da lusa tradição o fundou nos campos de batalha dos Guararapes, os índios, os negros e os brancos que expulsam o invasor hereje e holandês. É o amor do vencedor e dos vencidos que José de Alencar canta no poema em prosa da Iracema. As obras de amor são eternas. Por êsse amor fundamental da terra e da gente, o Brasil conserva-se e se *conservará português na sua essência, português pela raça, português pela língua, português pela religião, português pela civilização, de tal modo português que um dia — tenhamos esperança — realizará na união espiritual do Idioma e da Fé, o Império do Atlântico, sonho que sonhou, debruçado sobre o Mar Tenebroso da Janela de Sagres, o Infante D. Henriques*¹⁵².

E assim, em 1940, o Brasil é Português!

4.5 A DESPEDIDA...

- O Adeus em Portugal

De acordo com o programa das Festas Centenárias, as despedidas se dariam em atos protocolares, com discursos de autoridades na Assembléia Nacional, Festas no Pavilhão de Honra na Exposição do Mundo Português, adeus às comitivas estrangeiras, como também do povo a sua exposição nas derradeiras visitas aos espaços expositivos. Para isso circulava um

¹⁵² BARROSO, Gustavo. Discurso apresentado ao Congresso Nacional de Ciências da População, Cidade do Porto, 12 set. 1940. Porto, Pt: Imprensa Portuguesa, 1940c. p. 24-27. (Comissão Executiva dos Centenários. Congresso do Mundo Português. Publicações XVII Volume: Actas memórias e comunicações do Congresso Nacional de Ciências da População. Tomo 1º, Secção de Congressos). p. 26, grifo nosso.

aviso nos jornais, informando a decisão da Comissão Executiva de liquidar os preços para promover as visitas: “Hoje, ultimo dia popular. Ninguém deve deixar de ir hoje à Exposição. Ultimo «dia popular» as entradas custam somente 1\$50 - preço acessível a todos.”¹⁵³

Ainda, pela imprensa¹⁵⁴, houve uma tentativa de prorrogar esse momento por meio das notícias publicadas, que expressavam o desejo de que, mesmo com o encerramento, em 2 de dezembro de 1940, o espaço fosse mantido para ser aberto na Primavera de 1941. O adeus à Exposição, entretanto, já tinha data marcada no programa e assim foi feito, conforme estabelecido, no dia 2 de dezembro de 1940. Findaram-se as Festas de Oito Séculos de História dos Portugueses no Mundo.

Na mensagem lida na Assembléia Nacional, no ato solene de encerramento das Comemorações, o presidente da Comissão Executiva dos Centenários, Julio Dantas, perguntava de forma enfática: “Que vimos nós, meus senhores, neste período de seis meses que hoje se encerra? Oitocentos anos de historia em imagens vivas e palpitantes; a glorificação de quatro datas: 1140, 1340, 1540, 1640; a Nação em marcha no tempo e no espaço [...]”¹⁵⁵. Em outro momento, na sessão solene ocorrida no Pavilhão de Honra da Exposição do Mundo Português, o Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Duarte Pacheco, sem ter esse propósito, responde às questões apresentadas por Julio Dantas e a todos os que estavam no recinto: “[...] síntese magnífica do esforço heróico da nossa gente através dos seus oito séculos de Historia, ela própria constituirá para o futuro uma pagina da Historia da pátria [...]”¹⁵⁶. Continuando seu discurso, Duarte Pacheco apresenta sua avaliação sobre as Festas Centenárias, em especial a Exposição do Mundo Português, no trecho intitulado *O Que Fica na Exposição*¹⁵⁷, enumerando três grandes exemplos que, segundo ele, ficavam como lição da Exposição, a saber:

1º- A afirmação magnífica do que fomos, da soberba projecção universal do nosso gênio, grande entre todos os povos da terra, criador duma das mais belas e mais puras civilizações do Mundo;

2º- A sugestão plástica e luminosa, da unidade nacional que foi a razão da nossa historia, fonte da nossa espiritualidade, essência e fulgor do nosso destino;

3º- A vitoriosa prova das possibilidades do nosso presente, garantia e certeza do nosso futuro. O nosso espírito criador mostrou-se o mesmo de sempre: as nossas faculdades de empreendimento e realização permanecem, em todos os campos, imutavelmente jovens e potentes.

¹⁵³ HOJE ultimo dia da Exposição do Mundo Português. *Diário de Noticias*, Lisboa, n. 26.872, ano 76, p. 1, 29 nov. 1940.

¹⁵⁴ ADIAR a Exposição! *Diário de Noticias*, Lisboa, n. 26.858, ano 76, p. 1, 18 nov. 1940.

¹⁵⁵ DISCURSO do Sr. Julio Dantas, Presidente da Comissão Executiva. *Boletim das Colônias*, Lisboa, p. 63-68, 1940. p. 64.

¹⁵⁶ ALOCUÇÃO do Sr. Ministro das Obras Publicas. *Boletim das Colônias*, Lisboa, p. 183-186, 1940. p. 183.

¹⁵⁷ ADEUS a exposição do Mundo Portugues. *Diário de Noticias*, Lisboa, ano 76, n. 26875, p. 1, 3 dez. 1940.

O encerramento das festas foi também um momento de reafirmação e registro, nos discursos das autoridades, da capacidade do povo português, a exemplo das realizações do passado; no presente, a continuidade do gênio português deve ser um modelo a ser seguido, mesmo após o término do exemplo da grandiosa obra e feitos de ontem e que agora deveriam unir os portugueses do futuro para a construção de novos episódios de sua história no presente.

Mas a festa acabou nos atos solenes, o que não aconteceu com a Exposição do Mundo Português. A “sugestão plástica e luminosa, da unidade nacional” ficou à espera de uma solução sobre seu futuro. A saída seriam as demolições dos pavilhões e motivos decorativos ou a designação dos espaços para museus. Na primeira reunião da Comissão Executiva dos Centenários, realizada depois do encerramento, registrada na Ata 98¹⁵⁸, de 27 de dezembro 1940, às 18 horas, com as presenças de Julio Dantas, Linhares Lima, Antonio Ferro, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos, Silveira e Castro, foi deliberado sobre a Exposição:

Não seja dado qualquer destino ao material adquirido pelas Secções sem a autorização da Comissão executiva;
Que sejam recolhidos provisoriamente na Torre do Tombo os mapas portulanos e cartas que figuraram na Exposição de Cartografia;
Nomeados Pestana de Vasconcelos e Fausto Guedes de Almeida para administrarem os serviços de liquidação da Exposição.

Em outro registro ocorrido na Ata 99, de 25 de janeiro de 1941, às 18 horas, com as presenças de Julio Dantas, Linhares Lima, Antonio Ferro, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos, Silveira e Castro, assistiram Manuel Duarte Sá e Melo — Comissário Adjunto da Exposição e Pestana de Vasconcelos, foi exposta a grande dificuldade para as definições sobre o espaço da exposição e seus objetos¹⁵⁹. Julio Dantas avaliou que o papel e a função da Comissão Executiva agora deveria ser de uma Comissão Liquidatória, para decidir e orientar em dois aspectos: material e técnico. Assim

[...] o Serviço Geral de Liquidações, que terá a seu cargo a recolha de todas as espécies, colecções, peças e diversos materiais pertencentes a esta Comissão, e bem assim o respectivo destino a dar-lhes, de acordo com as estações oficiais competentes e tendo sempre em vista os superiores interesses artísticos e culturais da Nação¹⁶⁰.

¹⁵⁸ Actas das reuniões da Comissão Executiva dos Centenários (ANTT-SNI 2820).

¹⁵⁹ Consta na Ata 102, de 25 de março de 1941, na página 6, com as presenças de Julio Dantas, Linhares Lima, Antonio Ferro, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos, Silveira e Castro, assistiram Sá e Melo, Pestana de Vasconcelos e Marques Pereira, a seguinte deliberação com relação aos objetos: “Para a venda em leilão de diversos objectos e artigos existentes no Commissariado, tais como tecidos orientais e sedas, objectos de porcelana, arcos de Cântora, mobiliário da sede do Commissariado e dos Pavilhões e outros artigos que, pelo seu valor se verifique deveram ser vendidos em hasta pública.”

¹⁶⁰ Actas das reuniões da Comissão Executiva dos Centenários, Acta 99, p. 1. (ANTT-SNI 2820).

Para dirigirem esse serviço, foram indicados: Pestana e Capitão Guedes de Almeida.

Na falta de uma decisão dos membros da Comissão Executiva, a natureza contribuiu, desmontando alguns pavilhões em razão de um ciclone conhecido como “Ciclone de Fevereiro” de 1941, que arrasou, com fortes ventos e tempestades, alguns prédios da Exposição do Mundo Português. Segundo Margarida Acciaiuoli¹⁶¹ (1998, p.193) a “[...] nau Portugal partira os cabos e encalhara à entrada da doca; e os pavilhões tinham ficado sem telhas e com os vidros partidos [...]”. Esta situação obrigou o Presidente do Conselho a editar um decreto, destinando recursos financeiros no valor de 20.000.000\$ para cobrir as despesas e reparos em obras públicas danificadas pelo ciclone¹⁶². No caso da Exposição, eram intervenções para não ocorrerem desabamentos e outros prejuízos, visto que ainda não havia sido definido o destino que se daria a esses prédios.

Por outro lado, a Comissão Executiva¹⁶³ não resolvia a questão da liquidação da Exposição do Mundo Português, em razão da natureza técnica das atribuições para a execução dos novos procedimentos a serem adotados com relação ao desmonte da Cidade das Ilusões¹⁶⁴. Assim, a Comissão Executiva propôs a nomeação de uma Comissão Técnica de Liquidação da Exposição do Mundo Português, chefiada pelo engenheiro Manuel Duarte Sá e Melo. Pelo Decreto 31.268, de 14 de maio de 1941, o Presidente do Conselho determinou a criação, pelo Ministério das Obras Públicas, de uma Comissão de Demolição¹⁶⁵, encarregada de proceder às demolições no recinto da Exposição do Mundo Português. Pelo Decreto-lei nº 31.502, de 8 de setembro de 1941¹⁶⁶, foi criada, no Ministério das Obras Públicas e Comunicações,

[...] uma comissão administrativa autônoma e de carácter eventual, destinada a elaborar o plano geral, estudos e projectos da sobras a realizar, no futuro, na Praça

¹⁶¹ ACCIAIUOLI, 1998, p. 193.

¹⁶² Decreto-lei nº 31, de 20 de fevereiro de 1941.

¹⁶³ A última encontrada, da Comissão Executiva, foi a de n. 106, de 24 de junho de 1941. A extinção da Comissão Executiva dos Centenários só seria determinada em 1942, pela Portaria de 15 de janeiro de 1942, da Presidência do Conselho. Isto porque, além das questões técnicas relativas às demolições, o Relatório financeiro não foi aprovado pelo Ministério das Finanças. Para resolver o problema, foi baixado o Decreto 31.268, de maio de 1941, do Ministro das Finanças, que inseriu várias disposições necessárias para que a Comissão Executiva dos Centenários pudesse terminar seus trabalhos e encerrar suas contas no prazo legal.

¹⁶⁴ Comissão Administrativa do Plano de Obras da Praça do Império. Secretaria. Anexo A- 122-123-124-127-143 - Processo 122 - Demolição do Padrão dos Descobrimentos. (MOP-CAPOPI). Localizamos os escritórios de empresas para a demolição dos pavilhões. Foi feita licitação/concurso para as Demolições: “Concurso para a demolição”, com aproveitamento de materiais do Padrão dos Descobrimentos, em 28 de abril de 1943. No caderno de encargos e demolição consta, no item 3º, que o prazo para demolição seria de 60 dias.

¹⁶⁵ Na Ata 103, de 2 de junho de 1941, com as presenças de Julio Dantas, Linhares Lima, Joaquim Silva Bastos no lugar de Antonio Ferro, Silveira e Castro, ficou decidida a suspensão dos trabalhos da Comissão de Liquidação, em virtude da nomeação de uma Comissão de Demolição pelo Presidente do Conselho. Assim, a Comissão Executiva só funcionaria até fechar sua prestação de contas.

¹⁶⁶ De acordo com o Decreto, a Comissão tinha o prazo até 31 de dezembro de 1946 para resolver todas as pendências e dar por concluídos os trabalhos. O Decreto 35.197, de 24 de novembro de 1945, extinguiu a Comissão Administrativa do Plano de Obras da Praça do Império e Zona Marginal em 31 de dezembro de 1945.

do Império e na Zona Marginal de Belém, e administrar as obras de adaptação e ampliação necessárias ao conveniente aproveitamento dos pavilhões e das instalações diversas à data existentes no recinto da Exposição do Mundo Português.

A execução dos trabalhos de desmonte e demolição foi iniciada em alguns pavilhões¹⁶⁷. Foram demolidos o Padrão dos Descobrimentos, as Aldeias Portuguesas, o Pavilhão Portugal 1940, Pavilhão de Honra e de Lisboa, a Secção Histórica (com exceção do Pavilhão dos Descobrimentos), o Pavilhão Brasil 1940, Pavilhão da Colonização. Foram mantidos o Pavilhão dos Descobrimentos e os Pavilhões da Etnografia Metropolitana. No Plano de Obras da Praça do Império e da Zona Marginal de Belém constava que estava prevista a construção de alguns edifícios e a execução de obras em outros que já estavam concluídos ou a concluir, apresentando o seguinte quadro:

- (1) Restaurante do Espelho D'Água (já aberto à exposição)
- (2) Museu de Arte Popular (recheio a cargo do SPN e ao nosso também)
- (3) Museu das Recordações Centenárias (construção em curso)
- (4) Pavilhão de leitura, de som, de bebida e de recreios náuticos (concluídos)
- (5) Cavalos da Praça do Império - dois grupos esculturais de pedra, em substituição aos de gesso que foram colocados para a Exposição do Mundo Português e os quais um se encontra praticamente concluído¹⁶⁸.

Sobre os espaços descritos nos itens do Plano, com suas destinações, em 1941, podemos indicar a permanência, atualmente na Praça do Império, do Espelho D'Água que abriga o Restaurante "Portugália". Na Secção Etnográfica, foi instalado o Museu de Arte Popular, em 1948, com o acervo do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN-SNI). Os Cavalos Marinhos, criados em 1943 pelo artista Antonio Duarte, foram colocados na Praça do Império, após sua confecção em caráter definitivo. Onde hoje está instalado o Centro Cultural de Belém, era o local onde foi construído o Pavilhão dos Portugueses no Mundo. Ainda em 1961, foi reconstruído o Padrão dos Descobrimentos em concreto armado, no mesmo local onde estava o Padrão dos Descobrimentos da Exposição do Mundo Português, em 1940.

- O Adeus no Brasil

A despedida da Exposição, com relação à participação do Brasil, ocorreu tanto em Portugal, local onde estavam os Pavilhões brasileiros, como também no Brasil. Neste país, o encerramento da Exposição do Mundo Português foi realizado pelo Presidente Getúlio

¹⁶⁷ Após os desmontes, foi necessário alugar 19 armazéns para guardarem tudo o que foi retirado da Exposição do Mundo Português.

¹⁶⁸ Determinações, despesas e idéias do Senhor Ministro das Obras Publicas e Comunicações Duarte Pacheco, p. 2. (MOP-CAPOPI - Secretaria).

Vargas, com um ato solene da Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro, evento registrado em jornais portugueses: “[...] encerram-se hoje na Embaixada de Portugal no Brasil, as festas comemorativas dos Centenários da Fundação e Restauração”¹⁶⁹. Na oportunidade, o Presidente Getúlio Vargas foi condecorado com a “Grã-Cruz de Santiago” pelo Presidente da República de Portugal, Oscar Carmona, que a enviou para o Brasil, para lhe ser entregue no ato final realizado na Embaixada.

Em Belém, os representantes do Brasil, ao discursarem no evento de encerramento, deixavam os últimos registros sobre a participação do Brasil e a gratidão a Portugal. Vejamos as palavras de Oswaldo Orico:

[...] o Brasil veio a Portugal para provar-lhe não haver esquecido a « pequena casa lusitana » [...] quatrocentos e quarenta anos depois, a terra que descobristes veio descobri-vos também. Veio pelas mesmas rotas que ensinastes, trazendo-vos mais do que a sua presença: a cruz que lá ficou, as pedras que ali erguestes, a língua que lá floriu, dando-vos com isso não só um atestado de Gratidão, mas testemunho da solidez das raízes plantadas em terras de Vera Cruz¹⁷⁰.

Para os brasileiros, restava ainda a arrumação do que foi levado para o interior dos pavilhões, e ficou à vista do público durante o período da Exposição, e o retorno para o Brasil. No caso do acervo do Museu Histórico Nacional, Gustavo Barroso menciona em seu Relatório ao Ministro Capanema: “[...] encerrou-se a 2 de dezembro, iniciando-se uma semana após o trabalho de desarrumação e encaixotamentos.”¹⁷¹ Esclarece ainda que os objetos foram e voltaram sem sofrerem nenhum dano; não houve nenhuma perda. “[...] chegou 21 de fevereiro de 1941 trazendo todo o material que me fôra confiado e reintegrando-o no patrimônio do Museu Histórico [...]”¹⁷²

O retorno de Gustavo Barroso e das obras do MHN finaliza a etapa relativa à participação do Brasil Colonial na Exposição do Mundo Português, em 1940, ao tempo em que também marca o término de nossa investigação. Encerram-se também as diversas participações de Gustavo Barroso como Representante oficial do Brasil: nos Congressos do Mundo Português de Ciências da População e Luso Brasileiro de História; orador oficial na entrega do Monumento a Pedro Alvarez Cabral; e como conferencista no Instituto de Coimbra, Academia das Ciências de Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa e Câmara Municipal da Vila de Alenquer.

¹⁶⁹ ADEUS..., 1940, p. 1.

¹⁷⁰ Trechos do discurso de Oswaldo Orico no encerramento da Exposição do Mundo Português. ADEUS..., 1940, p. 1.

¹⁷¹ Relatório Museu Histórico Nacional em 1941 ao Ministro da Educação Gustavo Capanema, em 20 de janeiro de 1942. p. 5. (MES-MHN).

¹⁷² Ibidem, p. 6.

No ano seguinte, 1941, uma Comitativa portuguesa é constituída para agradecer ao Brasil sua participação nas Comemorações Centenárias. Este fato está registrado na Ata 104¹⁷³, de 3 de junho de 1941, com as presenças de Julio Dantas, Linhares Lima, Antonio Ferro, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos, Silveira e Castro:

[...] em virtude da viagem ao Brasil a Comissão Executiva ficará apenas com dois membros, o Coronel Linhares Lima e o Brigadeiro Silveira e Castro, o que impede que eles tomem qualquer deliberação. E como a Comissão só está em exercício porque a conta do Comissariado não foi ainda fechada, qualquer assunto pode o vice-presidente, Linhares Lima se dirigir ao Presidente do Conselho.

Assim, a população do Brasil, na Capital Federal, viveu momentos da Exposição do Mundo Português, em razão dos eventos promovidos para se rememorar as festas de 1940. Mas...

“A partir dêste momento a Exposição deixa de nos pertencer.”¹⁷⁴

¹⁷³ Actas das reuniões da Comissão Executiva dos Centenários, Acta 104. (ANTT-SNI 2820).

¹⁷⁴ ADEUS..., 1940. p. 1.

CONCLUSÃO

A Exposição do Mundo Português em 1940 foi um evento idealizado pelo Estado Novo português para marcar oito séculos de história dos portugueses no mundo. Diferentemente das Exposições Internacionais realizadas até então, o Estado Novo realizou um evento de caráter nacional para contar uma história de glórias do passado aos portugueses do presente.

Para atingir o objetivo de uma exposição histórica, ao pensar uma narração para “contar a história” dos portugueses no mundo, foi necessário construir um enredo de fatos, momentos e figuras que representassem plasticamente o passado. O preenchimento dos espaços com objetos museológicos, pinturas murais e dioramas que passaram a compor os pavilhões e as vitrines foi possibilitado e viabilizado pelo Estado.

Identificamos que o grande condutor das Festas Centenárias foi o Presidente do Conselho Antonio Oliveira Salazar, que a lançou para o povo português na Nota Oficial. As comemorações foram então assumidas como a expressão de apoteose do Estado Novo português. Assim, o governo financiou, indicou nomes, escolheu temas e conteúdos para o evento histórico. Como resultado, foi possível a efetivação de um conjunto de construções, cortejos e participações de intelectuais em congressos e atos festivos, como convidados para a celebração de um momento solene que era viver o passado glorioso num presente promissor — o Estado Novo.

Em 1940, o governo português comemorava o passado da história do povo português. Subjacente a esta movimentação, encontramos a propaganda relativa à saúde moral, financeira e política do país, que vivia com tranquilidade e confiança nos destinos que foram entregues ao comando de um grande chefe — Antonio Oliveira Salazar.

Ao concluir esta tese sobre a participação do Brasil na Exposição do Mundo Português em 1940, em Lisboa, que nos levou ao estudo do Museu Histórico Nacional, em razão de ter sido o acervo desta instituição que possibilitou a reconstrução histórica do *Brasil Colonial* na Exposição do Mundo Português (EMP), pudemos concluir que esta participação foi costurada por meio de ações políticas, expressas em atos e decretos de homens públicos investidos em seus cargos para viabilizarem uma festa que pretendia viver o passado no presente, através de exposições, estátuas de mármore e imagens visuais que buscavam reafirmar a história de povo português no mundo.

No Brasil, o comandante do Estado Novo, Getulio Vargas, ao ser convidado pela Nota Oficiosa, assumiu as festas portuguesas como um momento de comemoração de uma festa de família. Isto porque a entendia como uma forma de registrar a presença do filho ilustre, convidado a participar das Festas Centenárias. Assim, indicou uma Comissão, definiu roteiros de eventos brasileiros a serem incorporados no programa das comemorações das festas portuguesas, como, por exemplo, construir e assumir financeiramente um Pavilhão sobre o Brasil 1940 e doar a Portugal a Estátua de Pedro Álvares Cabral.

Para o Brasil, mesmo respondendo positivamente ao convite, existia o desejo de estar ao lado da mãe pátria, recebendo os convidados para a grande Festa. Mas a aceitação do convite foi acompanhada de exigências para uma presença mais notável e com marcos celebrativos que perpetuassem o reconhecimento e amor do Brasil por Portugal nas festas históricas que, para o governo, também eram nossas. Após várias reuniões e discussões de como seriam as participações, Portugal aceitou e incorporou as propostas de participação do Brasil no Programa das Comemorações Centenárias.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à documentação consultada. As leituras dos diversos documentos acessados permitiram-nos identificar várias correspondências que foram trocadas entre o Brasil e Portugal, algumas delas por ilustres patricios, a exemplo de Souza Cruz, Gago Coutinho e brasileiros como Afrânio Peixoto, Augusto de Lima, dentre outros, objetivando a condução da participação mais efetiva do Brasil. São cartas, muitas vezes, codificadas, cifradas, com registros confidenciais que atravessaram o Atlântico em conchavos e conluios, objetivando possibilitar a presença da representação brasileira no evento.

Para compreender este objeto de estudo, apoiamos-nos em teóricos que tratam da história cultural e do estudo da imagem visual, a exemplo de Peter Burke, Gladyson Silva, Pierre Bourdier, bem como em autores que investigam o tema exposições, tais como Margarida Acciaiuoli, Heloisa Barbuy, Maria Celeste Oliveira, João Maria do Amaral. Foi também necessário e fundamental o estudo dos intelectuais, como Antonio Ferro, Gustavo Barroso, Augusto de Castro, Afrânio Peixoto, dentre outros, que, em 1940, estavam à frente de instituições e projetos e, de alguma forma, influenciavam direta ou indiretamente a condução dos trabalhos para a efetivação das Festas Centenárias.

No transcurso da investigação, fomos identificando, nas fontes pesquisadas, dados e informações que desmistificaram alguns pontos sobre a periodização da história do Brasil Colonial definida para a Exposição. Este assunto foi tratado e decidido por Afrânio Peixoto, que sugeriu a representação de uma narrativa de guerras ocorridas no Brasil para defender a

Coroa portuguesa da invasão holandesa. Assim, o acervo do Museu Histórico Nacional foi definido para a exposição, objetivando narrar em imagens a História contada a partir de 1580.

Foi possível compreender também os caminhos percorridos pelo acervo museológico usado para a construção do discurso expositivo que objetivava a representação da herança portuguesa na construção do Brasil Colonial.

Para a identificação do acervo, trabalhamos com o Catálogo Descritivo e Comentado elaborado por Gustavo Barroso, importante para a compreensão dos temas definidos e a distribuição dos objetos que representavam a produção visual, arquitetônica e artística preservados no Museu e serviram de testemunho de nossa relação com Portugal. Esta fonte possibilitou-nos perceber que o acervo apresentado era constituído dos objetos da coleção permanente do MHN. Evidenciou também as investidas de Gustavo Barroso para realizar a Exposição do Brasil Colonial exclusivamente com o acervo da instituição que estava sob sua direção, excluindo outros museus, a exemplo do Museu Nacional e do Museu Paulista.

Sendo o Brasil independente, foi necessário fazer um recuo no tempo e voltar ao passado, para falar de sua relação com o colonizador, em uma exposição de objetos museológicos que pretendiam evidenciar o poder expansionista e colonizador dos portugueses no mundo.

Ainda sobre a participação do Brasil, concluímos que ultrapassou o convite feito pelo Estado português, que, inicialmente, era de uma presença dentro da narrativa portuguesa. Almejando uma representatividade maior. Além do Pavilhão do Brasil Colonial, o governo brasileiro exigiu um Pavilhão para representar o Brasil 1940. Para abrilhantar a exposição, o Brasil não só presenteou Portugal com a estátua de Pedro Alvarez Cabral, como indicou um representante brasileiro para conduzir a direção de um dos Congressos do Mundo Português — História Luso-brasileira — e formou uma Comissão brasileira para as Festas Centenárias de Portugal, com o objetivo de conduzir a representação do Brasil nas Festas portuguesas, a exemplo da Comissão Executiva instituída por Salazar. Portugal acatou todas as propostas para que o *irmão* estivesse como “menino de família” nas Festas, de forma decente e ordeira. Em alguns momentos, entretanto, foi necessária a utilização de muita diplomacia de ambos os lados para o prosseguimento dos preparativos, em razão dos conflitos pontuais ocorridos no transcurso desta etapa.

Neste processo, é preciso destacar a ação de Gustavo Barroso, intelectual brasileiro que levou a Lisboa, de navio, 594 peças do acervo do Museu Histórico Nacional, para expor e apresentar a história colonial brasileira. Há vários momentos de sua atuação em Lisboa que mereceram a nossa atenção, a exemplo da construção de uma *Árvore Simbólica*, montada para

representar o nosso tronco português; uma espada que, tudo indica, não era a do “Grito do Ipiranga”; uma caneta que não foi a usada para assinar a “Lei Áurea”; reproduções de pinturas históricas retratavam as guerras do período colonial; escudos foram construídos para mostrar a herança portuguesa no Brasil através da heráldica e títulos nobiliárquicos. Tudo isto evidencia a percepção de Gustavo Barroso sobre a “história colonial” e seu entendimento de que podia ser criada através de imagens e objetos. Concluimos, portanto, que o diretor histórico da EMP atingiu os objetivos propostos, ao montar um Pavilhão que retratasse o Brasil Colonial em 1940, através dos objetos preservados no MHN.

Na Cidade das Ilusões, os desfiles e festas com cortejos de homens vestidos como os guerreiros do passado e o presente com os Pavilhões Portugal 1940 e Brasil 1940 nos discursos expositivos do Estado Novo moderno português e brasileiro representaram o uso do passado para reafirmar o presente de um povo que reescreveu sua história.

Na finalização da tese deixamos em aberto várias questões identificadas durante a pesquisa que não foram esgotadas e nem poderiam, pois a Exposição do Mundo Português revelou-se uma temática propícia a diversas abordagens investigativas para a compreensão do momento histórico que levou um país — Portugal —, localizado em um continente em guerra, a passar sete meses em celebrações, festas e exposições sobre a grandiosidade de seu Império.

No caso específico da participação do Brasil, neste trabalho não aprofundamos o estudo sobre o Pavilhão do Brasil 1940, a estátua de Pedro Alvarez Cabral, os Congressos do Mundo Português-História Luso-brasileira e o Brasil Independente, por não serem objeto da pesquisa realizada, mas os deixamos como indícios e possibilidades de serem objetos de estudo em futuros trabalhos investigativos.

REFERÊNCIAS

A ARTE brasileira na Exposição do Mundo Português. *Revista dos Centenários*, Lisboa, n. 10, p.29-30, 31 out. 1939.

ABREU, Regina. Memória, história e coleções. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 28, p. 37-64, 1996a.

_____. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996b.

ACCIAIUOLI, Margarida. *Exposições do Estado Novo 1934-1940*. Lisboa: Livros Horizontes, 1998.

ADEUS a exposição do Mundo Português. *Diário de Notícias*, Lisboa, ano 76, n. 26875, p. 1, 3 dez. 1940.

ADIAR a Exposição! *Diário de Notícias*, Lisboa, n. 26.858, ano 76, p. 1, 18 nov. 1940.

A DOAÇÃO do Palácio da Independência ao Estado pela Colônia Portuguesa do Brasil. *Diário de Notícias*, Lisboa, Ano 76, n. 26.859, p. 1, 19 nov. 1940.

A ESTATUA de Pedro Álvares Cabral foi colocada ontem à entrada no Jardim da Estrela. *Diário de Notícias*, Lisboa, ano 76, n. 26.865, p. 1, 22 nov. 1940.

A EXPOSIÇÃO do Mundo Português será a afirmação de técnica nacional. *Revista dos Centenários*, Lisboa, Ano I, p.11-18, 1939a.

A EXPOSIÇÃO Histórica do Mundo Português. *Revista dos Arquitectos*, Lisboa, n. 10, p. 281-284, jul./set. 1939b.

A IGREJA e as Comemorações. *Boletim das Colônias*, Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 89-138, 1941.

AINDA mais Durante a Guerra! *Diário de Notícias*, Lisboa, p. 34, 26 mar. 1940.

ALMEIDA, Antonio Domingues et al. *Dicionario Breve de Historia*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

ALMEIDA, Cícero Antônio. Fontes para a história do Correio no Brasil entre 1798 e 1843: as correspondências pré-filatélicas do Museu Histórico Nacional. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v.27, p. 113-133, 1995.

ALOCUÇÃO do Sr. Ministro das Obras Publicas. *Boletim das Colônias*, Lisboa, p. 183-186, 1940.

AMARAL, João Maria do. As iluminações da Exposição do Mundo Português. *Boletim da Ordem dos Engenheiros*, Lisboa, ano IV, n. 48, p. 473-482, dez. 1940.

ANDRADE, Mario de. *Cartas de trabalho, correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945*. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

A PÁTRIA. Rio de Janeiro, 24 ago. 1922. (MHN-GB-Recortes).

ÁRVORE da Gênese do Brasil. *Arquivo Nacional*, Lisboa, p. 34, 7 ago. 1940.

AS PRAIAS portuguesas, neste momento são um dos últimos lugares da Europa onde existem alegria, a liberdade e a paz. *Diário de Notícias*, Lisboa, primeira página, 11 ago. 1940. (Arquivo Municipal de Lisboa).

BARBUY, Heloisa. *A exposição universal de Paris de 1889: visão e representação na sociedade industrial*. São Paulo: Loyola, 1999.

BARROS, Sigrid Porto de. Armas que documentam a guerra holandesa. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. X, p. 11-59, 1949.

BARROSO, Gustavo A. L. G. Dodt da Cunha. História Secreta do Brasil. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 jan. 1937. (MNH-GB-Autoria Recortes 24 - 1936 ago. a 1937 fev.).

_____. *História Secreta do Brasil*. Primeira Parte do Descobrimento a Abdicação de D. Pedro II. Terceira Edição. 3. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939.

_____. (Org.). *Catálogo Descritivo e Comentado do Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente*. Exposição do Museu Histórico Nacional. Lisboa: [s.n.], 1940a. Não paginado.

_____. *Alma da Exposição*. *Diário de Notícias*, Lisboa, ano 76, n. 26.869, 26 nov. 1940b. (Prefeitura Municipal de Lisboa. Biblioteca Pública).

_____. Discurso apresentado ao Congresso Nacional de Ciências da População, Cidade do Porto, 12 set. 1940. Porto, Pt: Imprensa Portuguesa, 1940c. p. 24-27. (Comissão Executiva dos Centenários. Congresso do Mundo Português. Publicações XVII Volume: Actas memórias e comunicações do Congresso Nacional de Ciências da População. Tomo 1º, Secção de Congressos).

_____. A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu catálogo. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. I, 1940. Apêndice, p. 235-247, 1941a.

_____. *Relatório do Museu Histórico Nacional*. Apresentado ao Sr. Ministro da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1941b. (datilografado) 27 p. (MES-MHN - Ofícios Expedidos – jan./jun. 1941-1942).

_____. A defesa do passado. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. IV, p. 579-585, (1947) 1943.

_____. Documentário da ação do Museu Histórico Nacional na defesa do Patrimônio tradicional do Brasil. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. V, p. 172, 1944.

_____. A heráldica dos Vice-Reis. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. III, p. 5-123, 1945.

_____. *Introdução à técnica de Museu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1951. v. I. Parte Geral e Básica.

_____. O Arsenal de Guerra da Côrte. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 29, 1953.

BARROSO, Vera Lúcia Maciel. A função dos museus históricos. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 27, p. 153-161, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BEIGUELMAN-MESSINA, Giselle. *A guerra espanhola 1936-1939*. São Paulo: Scipione, 1994.

BELLO, Maria Jose. *História da República (1889-1954): síntese de sessenta e cinco anos de vida brasileira*. São Paulo: Nacional, 1964.

BITTENCOURT, José. Invenção do passado: ascensos e descensos da política de preservação do patrimônio cultural (1935-1990). In: MENEZES, Lená et al. *Olhares sobre o político: novos ângulos, novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 191-209.

_____. Cada coisa em seu lugar: interpretação do discurso de um Museu de História. In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*. Universidade de São Paulo, São Paulo: 2003. v. 8-9. p.151-173.

BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Decreto nº. 15.596, de 2 de agosto de 1922*. Aprova o Regulamento do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922a. (AI 771 - AM 262).

_____. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Regulamento do Museu Histórico Nacional*. Aprovado pelo Decreto nº. 15.596, de 2 de agosto de 1922. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922b. (A I (771) A M 262).

_____. *Decreto nº 24.735, de 14 de julho de 1934*. Aprova o Regulamento do Museu Histórico Nacional. Diário Oficial, Rio de Janeiro, 14 jul. 1934, suplemento nº 162.

_____. Presidência da República. *Decreto-lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937*. Organiza a Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=284>> Acesso em: 24 nov. 2007.

_____. Presidência da República. *Constituição dos Estados Unidos do Brasil* (de 10 de novembro de 1937). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm> Acesso em: 18 jan. 2008.

BREFE, Ana Cláudia. Museus históricos na França: entre a reflexão histórica e a identidade nacional. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 5, p. 175-203, 1997.

BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. 5. ed. Lisboa: Publicações Europa-America, 2002. (Coleções Grandes Obras).

CAMPOS, Agostinho. 1140-1640-1940. *Diário de Notícias*, Lisboa, 20 fev. 1929. Matéria publicada na íntegra na *Revista dos Centenários*, Lisboa, n. 1, p. 9-11, jan. 1939.

CAMPOS, Flávio de. *História Ibérica: apogeu e declínio*. São Paulo: Contexto, 1991.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Augusto de. *A Exposição do Mundo Português: e a sua finalidade nacional*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1940a.

_____. Apresentação. In: GUIA Oficial da Exposição do Mundo Português. Lisboa, 1940b. (Biblioteca Nacional de Lisboa). Não paginado.

_____. Inauguração da Exposição do Mundo Português: discurso do Comissário Geral. *Boletim Geral das Colônias*, Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940, Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 130-189, jan.1941a.

_____. Inauguração do Pavilhão da Colonização: discurso de Augusto de Castro. *Boletim Geral das Colônias*, Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940, Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 225-229, n. 187, 1941b.

CATÁLOGO da Exposição do Mundo Português 1940. Lisboa: Edições SNI, 1940.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *Fazer História: novos problemas*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977. p.17-58.

CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada Museu: a ótica museológica de Mario de Andrade*. 1996. 158 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Rio de Janeiro (UniRio), Rio de Janeiro, 1996.

_____. *Imaginação museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

_____; GODOY, Solange. Tradição e ruptura no Museu Histórico Nacional. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 27, p. 31-59, 1995.

COMISSÃO Executiva dos Centenários. Congresso do Mundo Português: Programas, discursos e mensagens. Índice Geral, Secção de Congresso. Lisboa, 1940. v. XIX.

CONVITE. *Portugal Oito Séculos de História: 15*. Lisboa, 1940.

CORREA, Mariza. O mistério dos Orixás e das bonecas; raça e gênero na antropologia brasileira. *Etnográfica*, São Paulo, v. IV, p. 233-265, 2000.

CRISTOVÃO, Fernando (Org.). *Dicionário Temático da Lusofonia*. Lisboa: Texto Editores, 2005.

CRUZ, Isabel; LICO, Isabel. Exposições Universais no século XIX: Relatos e imagens a propósito das participações portuguesas e espanholas. In: MOURÃO, Jose Augusto; MATOS, Ana Maria Cardoso; GUEDES, Maria Estela. *O mundo ibero-americano nas grandes exposições*. Lisboa, Pt: VEJA, 1998. (Coleção Outras Obras). p. 109-130.

CUNHA, Marcelo Bernardo da. *Teatro de memórias, palco de esquecimentos: culturas africanas e das diásporas negras em exposições*. 2006. 261 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

CURY, Marília. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

DANTAS, Julio. Apresentação. *Revista dos Centenários*, Lisboa, v. 1, p. 1-2, jan. 1939a.

_____. A locução aos portugueses. *Revista dos Centenários*, Lisboa, ano I, p. 15, jan. 1939b.

_____. O Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português. *Revista dos Centenários*, Lisboa, n. 13, p. 14-16, 31 jan. 1940.

_____. *Seção Solene Comemorativa da Inauguração do Ciclo dos Centenários*. Discurso do Sr. Julio Dantas, Presidente da Comissão Executiva. *Boletim Geral das Colônias*, Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940, Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 31-40, 1941.

DICIONÁRIO de História de Portugal: 9 (P/Z). Lisboa: Livraria Figueirinha, 1995. p. 80-82.

DICIONÁRIO de História do Estado Novo. Lisboa, PT: Bertrand, 1996. v. I (A-L).

DICIONÁRIO Histórico-Biográfico Brasileiro, pós-1930. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. v. IV.

DISCURSO do Sr. Julio Dantas, Presidente da Comissão Executiva. *Boletim das Colônias*, Lisboa, p. 63-68, 1940.

DUARTE, Rui Barreiros. *A arquitectura do efêmero: as grandes exposições*. 1992. 333 f. Tese (Doutorado em Arquitectura) - Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1992.

DUMAS, Adolph. O Museu Histórico Nacional através dos seus 19 anos de existência. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. I, p. 211-230, 1940.

_____. A idéia da criação do Museu Histórico Nacional. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. III, p. 383-394, 1942.

ELKIN, Charles Noah. 1922 o Encontro do efêmero com a permanência: as exposições (Inter) Nacionais, os Museus e as origens do Museu Histórico Nacional. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 29, p. 121-140, 1997.

ENCONTRA-SE em Lisboa para tratar da participação do Brasil nas Festas Centenárias o historiador brasileiro Augusto Lima Junior. *O Século*, Lisboa, p. 1, 13 out. 1939.

EPÍSTOLA Encíclica de S.S. Pio XII. *Boletim Geral das Colónias*. Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940. Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 89-102, jan. 1941.

EXPOSIÇÃO do Mundo Português e a sua finalidade nacional. Secção Colonial. Lisboa, 1940. p. 271-295.

EXPOSIÇÃO do Mundo Português. Relatório dos Trabalhos realizados até 27.3.39. Lisboa, mar. 1939. p. 5. Documento com 10 páginas datilografadas, assinado por Augusto de Castro, Comissário Geral da Exposição do Mundo Português. (AOS/CO/PC 1939, Março, 27).

FERRO, António. Relatório sobre as projectadas comemorações. Lisboa, 24 de fevereiro de 1938. 17 p. (ANTT-AOS/CO/PC22 -1938, Fevereiro, 24)

_____. Discurso na Abertura da Exposição do Mundo Português. *Boletim Geral das Colónias*. Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940, Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 232-238, jan. 1941.

_____. A política do espírito e a arte moderna portuguesa. In: ARTE moderna. Discursos pronunciados em 23 de maio de 1935 e 6 de maio de 1949. Lisboa: Edições Secretariado da Propaganda Nacional, 1948. p. 11-12.

_____. *A política do espírito e a arte moderna portuguesa*. Discursos pronunciados em 23 de maio de 1935 e 6 de maio de 1949. Lisboa: Edições Secretariado da Propaganda Nacional, 1949.

FESTAS e Romarias populares. *Arquivo Nacional*, Lisboa, Ano IX, n. 452, p. 562-564, 4 set. 1940.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. *Site institucional*. Disponível em: <<http://www.fundacaocultural.ba.gov.br>> Acesso em: 26 dez. 2007.

GALVÃO, Henrique. Inauguração do Congresso Colonial. *Diário de Notícias*, Lisboa, ano 76, n. 26.852, p. 4-5, 12 nov. 1940.

GARBINATTO, Valeska. Ensino de História e Patrimônio Histórico: pontes para a construção da memória e cidadania. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 27, p. 37-48, jan./jun. 2000.

GIRAUDY, Daniele; BOUILHET, Henri. *O museu e a vida*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

GONÇALVES, Cansado. *A traição de Salazar: uma análise dos primeiros anos do Fascismo Português*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1974.

GONÇALVES, Flavio. A «Arvore de Jesíse» na arte cristã portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras: História*, Porto, v. II, III, p. 213-238, 1986.

GUIA Oficial da Exposição do Mundo Português. Lisboa, 1940. (Biblioteca Nacional de Lisboa). Não paginado.

GUIMARÃES, Silvana Goulart. *Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo: o DIP e o DIEP*. São Paulo: Ática, 1984.

HOJE ultimo dia da Exposição do Mundo Português. *Diário de Notícias*, Lisboa, n. 26.872, ano 76, p. 1, 29 nov. 1940.

HOMENAGEM a Pedro Álvares Cabral. *Diário de Notícias*, Lisboa, ano 76, n. 26.865, primeira página, 24 nov. 1940. (Biblioteca Municipal de Lisboa).

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INAUGURAÇÃO do Centro de Regional na Exposição do Mundo Portugues. *Diário de Notícias*, Lisboa, Ano 76, n. 26.724, p. 1, 3 jul. 1940.

ÍNDICE Geral dos Congressistas e comunicações. In: COMISSÃO EXECUTIVA DOS CENTENÁRIOS. Congresso do Mundo Português: Programas, discursos e mensagens. v. XIX (Índice Geral) Secção de Congresso. Lisboa, 1940.

ITAÚ CULTURAL. *Site institucional*. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>> Acesso em: 28 dez. 2007.

JANEIRA, Ana Luisa. As exposições universais do século XIX: Pavilhões efêmeros. Progresso sem fim. In: MOURÃO, Jose Augusto; MATOS, Ana Maria Cardoso; GUEDES, Maria Estela (Orgs.). *O mundo Ibero-Americano nas grandes exposições*. Lisboa, PT: VEGA, 1998. p. 11-30. (Coleção Outras Obras).

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KOOGAN, Abrahão; HOUAISS, Antonio. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; Edições Delta, 1994.

LEGISLAÇÃO: Portarias da Presidência do Conselho. *Revista dos Centenários*, Lisboa, Ano I, p. 25-29, jan. 1939a.

LEHMKUHL, Luciene. *Entre a tradição e a modernidade: o café e a imagem do Brasil na Exposição do Mundo Português*. 2002. 195 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

LEVINE, Robert M. *Pai dos Pobres?: o Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIMA JUNIOR, Augusto. Pavilhão do Brasil (Discurso). *Boletim Geral das Colónias*. Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940. Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 249, jan. 1941.

MACHADO, Aquilino de Oliveira Ribeiro. *Os espaços públicos da Exposição do Mundo Português e da Expo'98*. 2004. 200 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana e Desenvolvimento Regional) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Culto da saudade na Casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional*. Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura do Ceará, 2006. (Coleção Outras Histórias).

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Uma Crítica Histórico-Antropológica da noção de cultura popular: suas ambigüidades e relações. *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*, Fortaleza, CE, Tomo CXVII, ano CVXII, v. 17, p.141-166, 2003.

MOTTA, Marly Silva da. “*Ante-sala do paraíso*”, “*vale de luzes*”, “*bazar de maravilhas*” - a Exposição Internacional do Centenário da Independência (Rio de Janeiro-1922). Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

MOTTA, Marly. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MOURÃO, Jose Augusto; MATOS, Ana Maria Cardoso; GUEDES, Maria Estela (Org.). *O mundo Ibero-Americano nas grandes exposições*. Lisboa, PT: VEGA, 1998. (Coleção Outras Obras).

MUNDO Português: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. Lisboa: Edições SNI, 1956. Não paginado.

NAU Capitânia: problemas técnicos e judiciais. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/501anos/br01.htm>> Acesso em: 21 nov. 2007.

NETSABER Biografias. *Home page*. Disponível em: <<http://biografias.netsaber.com.br>> Acesso em 13 jan. 2008.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. A noção de ‘Arte Popular’ – uma crítica antropológica. In: 7 BRASILEIROS e seu universo – artes/ofícios/origens/permanências. Brasília/DF: Departamento de Assuntos Culturais do MEC, 1974. p. 46-50.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 7-46, 28 dez.1993.

O ESTADO Novo: princípios e realizações. 2. ed. Lisboa: Edições SPN, Secretariado Propaganda Nacional, 1940.

OLIVEIRA, Maria Celeste. A exposição do Mundo Português nos anos 40. *Cadernos Pedagógicos-didáticos*, Lisboa, n. 22, p. 6-19, 2000.

OLIVEIRA, Rosa Neves de. *Exposições Universais – Paris 1937*. Edição EXPO’98, Lisboa: [s.n.], 1996. (Coleções Exposições Universais).

O PADRÃO dos descobrimentos - a gesta portuguesa rasgando o mar. *Revista Municipal*, Lisboa, ano 46, 2. série, n.13, p. 42, 3. trim. 1985.

O PAVILHÃO do Brasil na Exposição do Mundo Português. *Revista dos Centenários*, Lisboa, n.13, p. 14-15, 31 jan. 1940.

O SÉCULO. *Revista dos Centenários*, Lisboa, n. 6-30, p. 12, 4 jun. 1939.

PACHECO, Duarte. Discurso de S. Ex^a o Ministro das Obras Publicas. *Boletim Geral das Colónias*. Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940. Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 180-182, 31 jan. 1941.

PAMPLONA, Fernando. Uma obra de arte: A Exposição do Mundo Português. *Ocidente*, Revista Portuguesa, Lisboa, v. XI, n. 31, p. 164-180, 1940.

PAULO, Heloisa. *Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil: o SPN/SNI e o DIP*. Coimbra, PT: Livraria Minerva, jul. 1994.

PAVILHÃO Brasil Colonial. *Diário de Notícias*, Lisboa, Ano 76, n. 26.749, p. 24-25, 28 jul. 1940.

PAVILHÃO do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português-1940. Lisboa: Oficinas da Neogravura, 1941. Não paginado.

PEDREIRINHO, Jose Manuel. Exposição do mundo português, a metáfora da cidade. *Revista Municipal*, Lisboa, PT, n. 3, p. 4-27, 1980.

_____. 50 anos depois... A Exposição do Mundo Português de 1940. *Revista em Voga*, Lisboa, n. 2, Edição Semestral, p. 119-127, nov./abril. 1990.

PEIXOTO, Afrânio. *Carta manuscrita*. New York, 17 abr. 1939a. (ANTT-SNI-AOS/CO/PC 22A - Proc. 39.2).

_____. A nossa foi a restauração. *Revista dos Centenários*, Lisboa, Ano I, p. 13-14, 1939b.

_____. *História do Brasil*. Lisboa: Livraria Lello e Irmão Editores, 1940.

PEREIRA, Paulo (Dir.). *História da arte portuguesa: do Barroco à contemporaneidade*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. (Coleção Temas de História). v. III.

PEREZ, José Manuel Santos; SOUZA, George F. Cabral de. *El desafío holandés al dominio ibérico em Brasil em el siglo XVII*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2006

PIMENTA, Alfredo. *A fundação e restauração de Portugal*. Conferência proferida na Sessão Solene da Câmara Municipal de Guimarães em junho de 1940. Lisboa: Câmara Municipal de Guimarães, 1940.

PIMENTEL, Cristina. *O sistema museológico português (1833-1991): em direção a um novo modelo teórico para o seu estudo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

PINA, Luis. Arte Popular. In: LAGE, Francisco; CHAVES, Luis; FERREIRA, Paulo (Orgs.). *Vida e arte do povo português*. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, 1940.

PINTO, Francisco José. Pavilhão do Brasil (Discurso). *Boletim Geral das Colónias*. Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 140-1640-1940, Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 245-246, jan.1941.

PITORESCO - A Arte dos Grandes Mestres. *Eduardo de Sá*. Disponível em: <http://www.pitoresco.com/laudelino/edu_sa/eduardo.htm> Acesso em: 3 jan. 2008.

PORTUGAL Comemora o seu passado glorioso: a gratidão do Brasil. *Raízes de Oito Séculos*, Lisboa, 1940a. p. 376-377. (Arquivo Nacional, nº 440).

PORTUGAL Oito Séculos de História. *Revista dos Centenários*, Lisboa, n. 2, p. 16-23, mar. 1940b. p.15. (ANTT- SNI 3959- Secção de Propaganda e Recepção da Comissão Executiva dos Centenários).

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas. *15 Anos de Obras Públicas 1932-1947*. Lisboa, 1947.

_____. Marinha Portuguesa. *Museu de Marinha* – um mundo de descobertas. Disponível em: <<http://www.museudamarinha.pt>> Acesso em: 13 jan. 2008.

PROGRAMA das Comemorações Centenárias. *Revista dos Centenários*, Lisboa, jan. 1939.

POSSANI, Zita Rosane. *Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

RAMOS, Barroso. O som na exposição histórica do mundo português. *A Arquitectura Portuguesa - Cerâmica e Edificações*, Lisboa, Separata do n. 73, p. 3-22, abr. 1941.

RAMOS do Ò, Jorge. *Os anos de Ferro: o dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

RAMOS, P. Ferreira. *As principais datas da História de Portugal: da primeira dinastia à terceira República*. Lisboa: Europa-América, 1993.

REGULAMENTO da Exposição Nacional de 1922. Rio de Janeiro: Papelaria Americana, 1922.

REGULAMENTO da Exposição Histórica do Mundo Português. Lisboa, 1940. (ANTT - SNI 3959).

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do facismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

REIS, Pedro Batalha. A exposição do ouro a bordo da Nau Portugal. *Revista Municipal*, Lisboa, n. 28, 1º e 2º trimestre, p.18-22, 1940.

REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA. Rio de Janeiro, v. VIII, n. 4, jul. 1941. (BAHOP-99245).

REZOLA, Maria Inacia. A igreja católica portuguesa e a consolidação do salazarismo. In: PINTO, Antonio Costa; MARTINHO, Francisco (Orgs.). *O corporativismo português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 241-271.

RIBEIRO, João Guilherme C. *Bandeiras que contam histórias*. Rio de Janeiro: Zit Gráfica e Editora, 2003.

RIBEIRO, Omar Thomaz. *Ecos do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: UFRJ; Faperj, 2002.

RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil: A historiografia conservadora*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1988. v. II, Tomo I.

ROSA, Alberto Asor. Intelectuais. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1996. v. 22. p.151-178.

ROSAS, Fernando; BRITO, José Maria Brandão de. *Dicionário de História do Estado Novo*. Lisboa, PT: Bertrand, 1996. p. 391-392. v. I (A-L).

_____. *História de Portugal: o Estado Novo (1926-1974)*. Portugal: Editorial Estampa, 1994. v. 7.

ROTEIRO dos Pavilhões (Descrição pormenorizada de seu conteúdo). Recordação da Exposição do Mundo Português. Comemorações Centenárias. Lisboa, 1940. (Biblioteca Nacional de Lisboa).

SÁ E MELO, Manuel Duarte Moreira de. A Exposição do Mundo Português. *Boletim da Ordem dos Engenheiros*, Lisboa, Ano IV, n. 48, p. 441-471, dez. 1940.

SALAZAR, Antonio Oliveira. Nota Oficiosa. *Diario de Noticias*, Lisboa, 27 mar. 1938.

_____. Nota Oficiosa. *Revista dos Centenários*, Lisboa, v.1, p.2-7, jan. 1939a.

_____. Independência de Portugal - Nota Oficiosa do Presidente do Conselho. *Revista dos Centenários*, Lisboa, Ano I, jan. 1939b. Edições da Comissão Nacional dos Centenários.

SANTOS, Rui Afonso Martins dos. *O design e a decoração em Portugal: exposições e feiras os anos vinte e trinta*. 1994. 452 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte Contemporânea) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa-PT, 1994. v. 1.

SAPO Pesquisa. *Home page*. Disponível em: <<http://pesquisa.sapo.pt>> Acesso em: 13 jan. 2008.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 23. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 2005.

SHIP - Sociedade Histórica da Independência de Portugal. *Home page*. Palácio da Independência. O edifício. Disponível em: <<http://www.ship.pt/palacio/foto6.php>> Acesso em: 20 jan. 2008.

SILVA, Hélio. *A ameaça vermelha: o plano Cohen*. Rio Grande do Sul: LPeM, 1980.

SILVA, José Glaydson da. *História antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007. (História e Arqueologia em Movimento).

SILVA, Lúcia. O apagamento de um lugar de memória: o arrasamento do *Morro do Castelo* e a Exposição Universal de 1922. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). *História: narrativas plurais, múltiplas linguagens*. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 39-64.

SOCIEDADE de Geografia de Lisboa. Comissão Executiva dos Centenários. Congresso do Mundo Português: Programas, discursos e mensagens. v. XIX (Índice Geral) Secção de Congresso, 1940. (4.8.42-147. E-46).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

SOUZA CRUZ, Albino. *Carta manuscrita ao Presidente do Conselho*. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1939. (ANTT-AOS/CO/PC 22 A - Colaboração do Brasil nas Comemorações Centenárias).

SUANO, Marlene. *O que é museu?* São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).

TELMO, José Ângelo Cotinelli. Exposição Histórica do Mundo Português. *Revista do Sindicato dos Arquitectos*, Lisboa, n. 9, p.249-259, abr./jun. 1983.

THOMAS, Hugh. *A Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. v. 1.

THOMAZ, Omar Ribeiro. *Ecos do Atlântico Sul: representação sobre o terceiro império português*. Rio de Janeiro: UFRJ; Fapesp, 2002.

TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. Apresentação. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 27, p. 2, 1995.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Visconde de Porto Seguro 1816-1878. In: ODALIA, Nilo (Org.). *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagem e Oliveira Viana*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 89-112.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Cultura e poder político: uma configuração do Campo Intelectual. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Angela Maria de Castro (Orgs.). *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 71-108.

WIKIPÉDIA – A enciclopédia livre. *Home page*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>> Acesso em: 20 abr. 2007.

APÊNDICE A – PROGRAMAÇÃO OFICIAL DAS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

Ciclo	Eventos
MEDIEVAL 2-15 Junho	<p>2 de junho</p> <p>Inauguração das comemorações nacionais. <i>Te-Deum</i> na Sé Patriarcal e em todas as Sés de Lisboa colegiados e velhas igrejas matrizes de Portugal e do Império. A tarde sessão solene na Câmara Municipal de Lisboa, em que discursara Sua Excelência o Presidente da Republica, à mesma hora, solenidades em todas as Câmaras Municipais da Metrópole e das Colónias, e nas Embaixadas, Legações e Consulados de Portugal, unindo o mesmo sentimento, da Pátria, os portugueses dispersos pelo Mundo. À noite sessão solene na Assembléia Nacional.</p> <p>4 de Junho</p> <p>Comemoração da Fundação em Guimarães. Cortejo das Flores. Missa Campal. Discurso de Sua Excelência o Presidente do Conselho. A bandeira de Afonso Henriques é hasteada pelo Chefe do Estado na torre do Castelo de Mumadona, e à mesma hora, pelas autoridades locais, nos castelos medievais portugueses que mais importante papel desempenharam na história da Fundação e da Conquista. Salva a artilharia em tôdas as guarnições militares e navios de guerra; repicam os sinos em tôdas as igrejas de Portugal imperial. À noite, em Guimarães, representação do «Auto da Fundação», junto do castelo.</p> <p>5 de Junho</p> <p>Chegada do Chefe do Estado e do elemento oficial a Braga, pela Citânia e Lanhoso. Cerimónia religiosa na Sé Primaz; visita aos túmulos de D. Tereza e do Conde D. Henrique, e à Capela da Glória. Sessão solene no antigo paço arquiépiscopal de D. José de Bragança. Repouso no Bom-Jesus.</p> <p>6 de Junho</p> <p>Inauguração do padrão comemorativo do reencontro (le Valdevez (1140?). A comitiva segue para o Pôrto, por Viana do Castelo e Barcelos.</p> <p>7 de Junho</p> <p>Acto medieval do Pôrto. Visita à Sé: comemoração da concessão do foral pelo bispo Hugo (1123); evocação dos bispos fundadores. À noite, sessão solene em que se celebrará a criação da primeira bolsa comercial por D. Diniz (1293) e sua reorganização por D. João I (1387).</p> <p>8 de Junho</p> <p>Chegada a Coimbra. Cerimónia cívico-religiosa na igreja de Santa Cruz, perante os túmulos de Afonso Henriques e de Sancho I. Sessão solene na Sala dos Capelos, comemorativa das Côrtes de Coimbra (1211) e da fundação da Universidade (Lisboa, 1290; Coimbra, 1308).</p> <p>9 de Junho</p> <p>Acto medieval de Lisboa. Romagem do povo à Sé e ao Castelo de S. Jorge. Representação de uma alegoria dramática ao ar <i>livre</i>, no Castelejo. Iluminações e danças populares.</p> <p>Festa provincial do Ribatejo, em Santarém (i).</p> <p>10 de Junho</p> <p>Sessão solene na Academia das Ciências: glorificação da língua portuguesa.</p> <p>11 de Junho</p> <p>Inauguração da Exposição dos Primitivos Portugueses, no Museu das Janelas Verdes. A noite, concôrto de gala no Teatro de D. Maria II: peça sinfónica inspirada na «Fundação»; reconstituição musical das poesias galécio-portuguesas dos séculos XII e XIII.</p> <p>12 de Junho</p> <p>Véspera de Santo António. Visita ao lugar em que, segundo a tradição, nasceu o grande Santo português. À noite, representação, no adro da Sé de Lisboa, de orna obra hierática alusiva. — Festa provincial' de Trás-os-Montes e Alto Douro. Inauguração das pontes sôbre o Tua e sôbre o Tâmega.</p> <p>13 de Junho</p> <p>Partida do elemento oficial para Beja e Castro Verde. Romagem ao local tradicional da batalha de Ourique (1139); inauguração do padrão comemorativo em Cabêço de Rei. Partida para Faro. — Em Lisboa, iluminações e arraiais nos bairros da cidade antiga.</p> <p>14 de Junho</p> <p>Festa provincial do Algarve. Comemoração da tomada de Faro (1249) e do quarto centenário de sua elevação a cidade (1540).</p> <p>15 de Junho</p> <p>Actos solenes de Lagos e Sagres. Preito ao Infante e aos navegadores do ciclo henriquino, precursores do Império. Missa campal no rochedo de Sagres; bênção ritual do Mar.</p>

Ciclo	Eventos
<p>IMPERIAL 16 de junho-14 de julho</p>	<p>16 de junho Inauguração da Exposição do Mundo Português.</p> <p>22 de Junho Recepção de credenciais das Embaixadas extraordinárias e Missões especiais estrangeiras, ao Palácio de Belém. Visita à Exposição. (i) As festas provinciais compreendem, segundo os casos, exposições etnográficas, paradas agro - pecuária e cortejos folclóricos regionais</p> <p>23 de Junho (<i>Há uma observação escrita à caneta: 26. Pedro Alvares Cabral</i>)* Missa de pontifical e acto imperial aa Igreja dos Jerónimos, em que usará da palavra Sua Eminência o Cardinal Patriarca: exaltação do esforço civilizador de Portugal no Mundo. Banquete no Palácio da Ajuda. (<i>Esse evento está com um risco e interrogado</i>)*</p> <p>24 de Junho (Passeio inaugural na Estrada marginal Lisboa-Cascais. <i>Cortado de caneta</i>)*. A noite, marchas populares dos velhos bairros de Lisboa. — Festas provinciais do Minho, em Braga, e do Alto Alentejo, em Évora.</p> <p>25 de Junho Abertura da Exposição de Cartografia Portuguesa, no edifício dos Jerónimos. Serão manuelino na Torre de Belém. <i>(Cortado de caneta)</i>*</p> <p>26 de Junho Inauguração, em Lisboa, do monumento a Pedro Álvares Cabral, oferecido pelo Govêrno brasileiro à Nação portuguesa. À noite, preito ao Brasil na Exposição do Mundo Português. (<i>As cerimoniais deste dia foram jogadas para o dia 23.06</i>)*</p> <p>27 de Junho Abertura da Exposição bibliográfica e documental das Côrtes do Reino, no palácio da Assembleia Nacional. Récita de gala no Teatro de D. Maria II: representação de autos e farsas de Gil Vicente.</p> <p>28 de junho Serenim de Queluz, nas salas e jardins do Palácio, oferecido ao Corpo Diplomático e Missões estrangeiras. Execução de música setecentista portuguesa (orquestra de câmara e cravo); representação de cenas de uma comédia do tempo.</p> <p>29 de Junho Inauguração do Aeroporto de Lisboa. <i>(Cortado de caneta)</i>* À noite, concursos e prémios aos ranchos populares lisboetas no recinto da Exposição.</p> <p>30 de Junho (Domingo) Grande cortejo imperial do Mundo Português.</p> <p>1 de Julho Acto solene inaugural dos nove congressos do Mundo Português, no palácio da Assembleia Nacional (à noite).</p> <p>2 de Julho Recepção dos congressistas no Pavilhão de Honra da Exposição. Primeira sessão de trabalhos do III Congresso, «Navegações e descobrimentos dos portugueses», e do IV Congresso, «Monarquia dualista».</p> <p>3 de Julho Primeira sessão de trabalhos dos V e VI congressos. À noite, na Sociedade de Geografia, abertura solene do Congresso Colonial (IX).</p> <p>4 de julho Partida do elemento oficial para o Pôrto. Abertura da Exposição da obra de Soares dos Reis, no palácio das Carrancas. Inauguração do Pôrto de Leixões. À noite, sessão solene na Universidade: início dos trabalhos do 1 Congresso, «Pré e proto-história».</p> <p>5 de Julho Cortejo do Trabalho, no Pôrto. Baile no Palácio da Associação Comercial.</p> <p>6 de Julho Partida para Coimbra. Inauguração da Exposição de Ourivesaria. Abertura solene dos trabalhos do II Congresso, «Portugal medieval»), na sala dos Capelos.</p> <p>7 de Julho (Domingo) Comemoração da Rainha Santa. Festa provincial da Beira Litoral. — Partida do elemento oficial para o Buçaco: visita aos monumentos da guerra peninsular.</p>

Ciclo	Eventos
	<p>8 e 9 de Julho De regresso a Lisboa, romagem aos lugares históricos do centro do País: Leiria, Batalha, Tomar, Alcobaça, Caldas da Rainha, Óbidos, Santarém, Durante o percurso, realização de vários actos e solenidades: em Tomar, inauguração do monumento a Gualdim Pais; em Leiria, comemoração das côrtes de 1254, em que pela primeira vez teve voz o povo; visitas ao mosteiro de Alcobaça e ao campo da batalha de Aljubarrota (1385).</p> <p>10 de Julho Prosseguem, em Lisboa, os trabalhos dos Congressos do Mundo Português.</p> <p>11 de Julho Inauguração do Parque Florestal de Monsanto. À noite, recepção dos congressistas coloniais na Secção etnográfica colonial da Exposição.</p> <p>12 de Julho Récita de gala no Pavilhão de Honra.</p> <p>13 de Julho Banquete de encerramento dos Congressos.</p> <p>14 de Julho (Domingo) Festa dos «Lusiadas» na Exposição do Mundo Português.</p>
<p>Periodo Intercalar Correspondente às férias 10 de agosto a 30 outubro</p>	<p>10 de Agosto Festa provincial do Baixo Alentejo, em Beja.</p> <p>14 de Agosto Dia de Nun' Alvares: evocação do esforço militar português através dos tempos.</p> <p>15 a 24 de Agosto Actos comemorativos nos arquipélagos da Madeira e Açores.</p> <p>8 de Setembro(Domingo) Inauguração do Estádio Nacional e da Ponte de Alcântara. Abertura da Semana Olímpica.</p> <p>12 de Setembro Sessão inaugural do Congresso de Ciências da População, na Universidade do Pôrto.</p> <p>15 de Setembro (Domingo) Abertura, no Pôrto, da Exposição Etnográfica do Douro Litoral. Feira das Colheitas. À noite, espectáculo de gala.</p> <p>16 de Setembro Festa provincial da Beira Alta, em Viseu.</p> <p>4 de Outubro Festa provincial da Beira Baixa, em Castelo Branco.</p> <p>30 de Outubro Celebração do concurso de Portugal na defesa da Espanha cristã: acto comemorativo da batalha do Salado (1340) na Sé de Évora.</p>
<p>BRIGANTINA 10 de novembro a 2 de dezembro</p>	<p>10 de Novembro (Domingo) Peregrinação popular aos lugares históricos da Restauração, em Lisboa.</p> <p>11 de Novembro Sessão solene inaugural do Congresso luso-brasileiro de História (VII).</p> <p>12 de Novembro Recepção dos congressistas na Exposição do Mundo Português. Espectáculo de gala no Pavilhão de Honra.</p> <p>13 de Novembro Romagem à Igreja da Graça, de Santarém, onde repousa Pedro Alvares Cabral. Leitura, junto à campa do Descobridor, de trechos da carta de Pero Vaz do Caminha.</p> <p>14 de Novembro Homenagem à memória do Padre António Vieira, na Igreja de S. Roque: reconstituição de um dos sermões prègados naquele púlpito pelo grande orador.</p> <p>15 e 16 de Novembro Visita aos lugares históricos do Alentejo: Évora (sessão comemorativa do movimento de 1637, na sala dos actos da antiga Universidade); Borba (Batalha de Montes Claros, 1665); Ameixial (Batalha do Canal, 1663); Fronteira (Batalha dos Atoleiros, 1384); Elvas (Batalha das Linhas de Elvas, 1659). Preito aos mortos da Independência, ante os padrões das grandes batalhas.</p>

Ciclo	Eventos
	<p>17 de Novembro (Domingo) Inauguração da estátua eqüestre de D. João IV no Terreiro do Paço de Vila Viçosa. Cortejo histórico-militar. Visitas evocadoras da estirpe ducal de Bragança: sala de armas do Castelo; sala dos Duques; igrejas-panteões dos Agostinhos e de Santa Clara.</p> <p>18 de Novembro Prosseguem em Lisboa os trabalhos do Congresso luso-brasileiro de História. Inauguração do Teatro de S. Carlos: primeira representação da Ópera((1640)).</p> <p>19 de Novembro Sessão de encerramento do Congresso luso-brasileiro de História. Banquete aos congressistas no Pavilhão de honra da Exposição.</p> <p>20 de Novembro Abertura do Congresso de história da actividade científica portuguesa, na Universidade de Coimbra (VIII congresso do Mundo Português).</p> <p>24 de Novembro (Domingo) Acto de escritura pública, ao estilo do século XVII, da doação do Palácio dos Condes de Almada ao Estado pela Colónia portuguesa do Brasil. Cerimónia da entrega das chaves, pelos representantes da Colónia, ao Governo Português. Posse do edifício pela Mocidade Portuguesa e pela Sociedade Histórica da Independência. A noite, concêrto no Pavilhão de Honra da Exposição: peça sinfónica inspirada na «Restauração»; execução de composições musicais de D. João IV e dos contrapontistas portugueses do século XVIII.</p> <p>26 de Novembro Sessão solene no Museu de Artilharia, comemorativa dos grandes chefes militares seiscentistas.</p> <p>27 de Novembro Inauguração da Exposição Bibliográfica da Restauração, na Biblioteca Nacional.</p> <p>28 de Novembro Sessão solene na Academia das Ciências: comemoração da obra dos diplomatas e dos juriconsultos de Portugal restaurado.</p> <p>29 de Novembro Festa de homenagem, na Exposição, à Colónia portuguesa do Brasil e a todos os núcleos de portugueses dispersos pelo Mundo.</p> <p>1 de Dezembro (Domingo) <i>Te Deum</i> na Sé de Lisboa. Desfile das bandeiras da Restauração e dos estandartes dos Municípios, das Corporações, da Legião, da Mocidade Portuguesa, perante o Monumento dos Restauradores. À noite, espectáculo de gala no Teatro de D. Maria II: representação da peça «Vila Viçosa».</p> <p>2 de Dezembro Encerramento das festas nacionais, pelo Chefe do Estado, na Câmara Municipal de Lisboa. À mesma hora, sessões solenes em tôdas as câmaras municipais da Metrópole e do Império, Embaixadas, Legações e Consulados portugueses. À noite, representação da ópera «1640», em espectáculo gratuito, para o povo.</p>

Fontes: Secção de Propaganda e Recepção da Comissão Executiva dos Centenários; CONVITE. *Portugal Oito Séculos de História*:15. Lisboa, 1940; *Revista dos Centenários*, Lisboa, p. 16-23, mar. 1940.

APÊNDICE B - INVENTÁRIO DAS PEÇAS DA EXPOSIÇÃO BRASIL COLONIAL¹

Objeto	Ano de produção
A) Armas Usadas no Brasil Colonia	
Pavilhão Mundo Portugues	
Esmerilhão de pederneira. Tower-Inglaterra	Modelo de 1822
Bacamarte de pederneira	Modelo de 1777
Trabuco para trincheira e amurada de barco pederneira. Londres	Modelo anterior de 1822
Espingarda de caça pederneira	-----
Espingarda de granadeiros. Inglesa	Brasil-Reino
Carabina de caçadores	Brasil-Reino e Império
Clavina de cavalaria. Lisboa	Anterior 1822
Bacamarte de tropeiro. Portuguesa	Começo do Seculo XIX
Clavina dos Dragões dos Vice-Reis	Fins do Sec. XVIII
Acha de armas	Sec. XVII.
Arcabuz de roda ou rodete. Guerra Holandesa	Sec. XVII
Pistola de pederneira. Espanha	1792
Pistolas de arção. Pederneira	Sec. XVIII
Pistola dos Dragões das Minas. Pederneiras	Sec. XVIII
Sabre de cavalaria. Brasil-Reino	1818
Sabre de cavalaria. Brasil-Reino	1812
Sabre de Oficial	Brasil Reino
Sabre de cavalaria	Brasil Reino
Espada portuguesa	Sec.XVII
Espada portuguesa de milícias	Sec.XVIII
Espada portuguesa	1703
Sabre de Oficial da infantaria portuguesa	Época D. Maria I
Estramação	Sec.XVII - Guerra Holandesa
Espada-colubrina	Sec. XVII - Guerra Holandesa
Espada flamenga	Sec. XVII - Guerra Holandesa
Gladío e broquel	Sec.XVI - Descobrimento do Brasil
Espada esclavónia	Sec. XVII - Guerra Holandesa
Morrião	Sec.XVII - Guerra Holandesa
Celada	Sec. XVII - Guerra Holandesa
Testeira rostada	Sec. XVII - Guerra Holandesa
Armadura	Sec. XVII - Guerra Holandesa
Bracinete (Capacete)	Sec. XVII - Guerra Holandesa

¹ BARROSO, 1940a.

Objeto	Ano de produção
Adaga Qutó (Cotó) Espadim de cerimônia para Oficial de Cavalaria Chilfarote Sabre de Oficial superior de milícias Pique de infantaria Alabarda de infantaria Alabarda de archeiro do paço Mosquete de caça Espingarda de caça pederneira Espada de Oficial de ordenanças Sabre de cavalaria das milícias Espada portuguesa Armadura	Sec. XVII - Guerra Holandesa Sec. XVII - Guerra Holandesa Época D. João VI 1816 1770 Sec. XVII - Guerra Holandesa Sec. XVII - Guerra Holandesa Época D. João VI Sec. XVII, pertenceu D. João VI ?? - Lisboa Brasil-Colônia Sec. XVIII Sec. XVIII Sec. XVII - Guerra Holandesa
B) Mapas e vistas das primeiras fortificações Pavilhão Mundo Português	
Vista de Serinhaém sob o domínio holandês (Gravura) Planta da Capitania da Paraíba em 1635 (Gravura) Vista do Ceará sob o domínio holandês (Gravura) Plano da povoação de Porto Calvo em Alagoas (Gravura) Mapa corográfico da Ilha da Trindade (Desenho original de Antônio Rodrigues Montezuma) Derrota da Guarda da Costa da fragata de S.M. “Princesa do Brasil” (Cópia feita por Francisco de Araujo Leitão) Plano para servir de demonstração dos lugares fortificados do Porto do Rio Grande de São Pedro (Cópia) Plano para servir de demonstração dos lugares fortificados da Ilha de Santa Catarina (Cópia) Mapa da costa do Brasil da Jericoacoara até a Ilha de São João(Cópia)	Sec. XVIII Sec. XVIII Sec. XVII Sec. XVII 1785 1785 1786 1786 1798
C) Canhões Históricos Pavilhão Mundo Português	
Canhão morteiro das baterias do Forte do Príncipe da Beira Falconte de marinha fundido por Josephus Barnola Falconte de marinha fundido por Bento Afonso Peça francesa troféu da Conquista de Caiena Canhão francês de Duclerc (ampliação fotográfica) Canhão holandês (ampliação fotográfica) Canhão espanhol. Carlos IV (ampliação fotográfica) Canhão português (ampliação fotográfica) Canhão português (ampliação fotográfica)	Época D. José I 1741 1751 1809 ?? 1631 1789 Época Pombalina D. João V
D) Coleção Figueira de Melo: aquarelas de uniformes coloniais Pavilhão Mundo Português	
Guarda dos Vice-reis. Oficiais e soldados	1777

Objeto	Ano de produção
Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro. Oficial, soldado e tambor	1777
1º Regimento de Infantaria no Rio de Janeiro. Oficial, soldado e tambor	1777
2ª Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Infantaria de Macapá. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Infantaria de São Paulo. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Infantaria dos Voluntários de São Paulo. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Cavalaria dos Voluntários de São Paulo. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Infantaria de Santa Catarina. Oficial, soldado e tambor	1777
Legião do Rio Grande de São Pedro. Oficial e soldado	1777
Regimento de Infantaria da Nova Colônia do Sacramento. Oficial, soldado e tambor	1777
Companhias do Rio Grande de São Pedro. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Artilharia da Baía. Oficial, soldado e tambor	1777
1º Regimento de Infantaria da Baía. Oficial, soldado e tambor	1777
2º Regimento de Infantaria da Baía. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Artilharia de Permanbuco. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Infantaria do Recife. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Infantaria de Olinda. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Artilharia do Maranhão. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Infantaria do Maranhão. Oficial, soldado e tambor	?
Regimento de Cavalaria do Piauí. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Infantaria do Pará. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Infantaria de Bragança. Oficial, granadeiro, caçador e tambor	1774
Guarda dos Vice-reis e Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro	1771
Regimento da Praça da Colônia. Oficial, soldado e tambor	1771
Regimento de Dragões do Rio Grande. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento da Colônia do Sacramento. Oficial e soldado	1771
Regimento de Infantaria de Olinda. Oficial, soldado e tambor	1777
Regimento de Artilharia da Colônia do Sacramento. Oficial, soldado e tambor	1771
Companhia de Artilharia do Rio Grande de São Pedro. Oficial, soldado e tambor	1771
2º Regimento do Rio de Janeiro. Oficial em pequeno uniforme	1774
Cavalaria Legeira do Rio Grande. Oficial	1786
Dragões do Rio Grande. Oficial e soldado	1786
Oredenaça da Laguna. Oficial	1786
2º Regimento do Rio de Janeiro. Oficial, sargento, soldado e tambor	1774
Regimento da Ilha de Santa Catarina. Oficial em pequeno uniforme	1774
Cavalaria dos Voluntários Reais de São Paulo. Oficial e soldado	1774
Cavalaria Auxiliar do Rio Grande. Oficial	1786
Oficial de Milícias. Minas	1784-1787
Companhia de Henrique de Goiás. Oficial e soldado	1780
Infantaria de Pardos. Oficial e soldado	1785
Infantaria de Pretos. Oficial e soldado	1786

Objeto	Ano de produção
Infantaria de Pardos. Oficial e soldado	1784
Infantaria de Pardos. Oficial e soldado	1784
Pardos de Sabará. Oficial e soldado	1784
Infantaria Auxiliar . Ofical e soldado	1785
Infantaria Auxiliar de São João D'El Rei. Oficial e soldado	1784
Infantaria Auxiliar de Guarapiranga. Oficial e soldado	1786
Infantaria de Pardos de Guarapiranga. Oficial e soldado	1786
Infantaria de Pardos do Tijuco. Ofical e soldado	1786
Infantaria de Pretos de Vila Rica. Ofical e soldado	1784
Cavalaria de Milicias. Minas. Ofical	1784-1787
Infantaria de Pretos. Minas. Oficial e soldado	1786
Infantaria de Pardos. São José. Oficial e soldado	1784
Infantaria de Pardos inficionado. Minas. Oficial e soldado	1786
Regimento de Cavalaria paga de Vila Rica. Oficial e soldado	1778
Milícias. São Paulo. Oficiais, soldados, pífanos e tambores de caçadores e fusileiros	Sec. XVIII
Ordenanças. Minas. Oficial	1799
Infantaria de Milícias. Oficiais, soldados, pífanos e tambores de caçadores fusileiros	1806
Cavalaria de São Paulo. Oficiais, soldados e tombetas	1806
Milícias. São Paulo. Oficiais, soldados e tambores de caçadores e fusileiros	Sec. XVIII
Regimento de Úteis. Oficiais, pífanos, tambores e soldados das companhias de caçadores e fusileiros	1806
Infantaria de Moura. Oficial, sargento, soldado e tambor	1774
Artilharia de Pernambuco. Soldado e tambor	1773
Infantaria do Pará. Soldado	1772-1804
Infantaria do Pará	1772-1804
Infantaria do Pará	1772-1804
Milícias Sertanejas de São Paulo. Oficial, Soldado e tambor	1806
Regimento da Vila do Cunha. Oficiais, soldados, pífano e tambor	1806
Milícias de Santos. Oficiais, tambores e soldados	1806
Regimento do Maranhão. Oficiais e soldados	1807
Cavalaria de Milícias. Oficiais, soldados e trombetas	1806
Regimento de Curtitiba. Oficias, soldados e clarins	1806
Voluntários Reais de São Paulo. Oficiais, soldados, pífanos, trombetas e tambores das três armas	1806
Voluntários Reais de São Paulo. Oficiais, soldados, tambor e clarim	Sec. XVIII
Frontispício dos mapas de todos os corpos auxiliares e ordenanças (cópia)	1787
E) O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano Pavilhão Mundo Português	
Rapeira da época dos bandeiras	?
Espada da época dos bandeiras	Fins do Sec. XVII
Tacape do chefe índio Tibiriçá. Pertenceu a D. Pedro II	Sec. XVI
Desenho representando o trabalho da mineração de diamantes no Brasil. (Cópia de um original do sec. XVIII)	

Objeto	Ano de produção
Desenho representando o trabalho da mineração no Brasil. Cópia mapa de estradas Os bandeirantes baianos. Óleo de Prisciliano Silva O Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira. Cópia de um retrato a óleo existente em Portugal Bateia de mineração Fôrma de ferro da fundição de ouro	Sec. XVIII 1758 1927 1733 Sec. XVII Sec. XVIII
F) Cidades e monumentos coloniais. Mobiliário antigo. Fachadas e retábulos de Igrejas. Obras de artistas coloniais Pavilhão Mundo Português	
Claustro do Convento de São Francisco de Assis. Olinda. Aquarela de A. Norfini Sacristia do Convento de São Pedro. Olinda. Aquarela de A. Norfini Vista do Convento de São Francisco. Olinda. Aquarela de A. Norfini Porta da Igreja de São Pedro dos Cléricos. Recife. Aquarela de A. Norfini Convento de São Francisco. Vitória. Aquarela de A. Norfini Convento de São Francisco. Vitória. Aquarela de A. Norfini Claustro do Convento de São Bento. Santos. Aquarela de A. Norfini Solar de Megaípe. Pernambuco. Aquarela de A. Norfini Igreja Colonial de Jurujuba. Niteroi. Aquarela de A. Norfini Portal posterior da Sé. Baía. Aquarela de A. Norfini Casa do contratador João Fernandes. Diamantina. Aquarela de A. Norfini Rua da Quitanda. Diamantina. Aquarela de A. Norfini Aldrabas dos portões do quintal da casa do contratador João Fernandes. Diamantina. Desenho de A. Norfini Casa colonial. Diamantina. Desenho de A. Norfini Castiçal de prata. Congonhas do Campo. Desenho de A. Norfini Cama colonial. Congonhas do Campo. Desenho de A. Norfini Porta do seminário. Congonhas do Campo. Desenho de A. Norfini Targa do santuário. Congonhas do Campo. Desenho de A. Norfini Santuário. Congonhas do Campo. Desenho de A. Norfini Matriz do Bomfim Santa Luzia. Desenho de A. Norfini Casa do Vigário Peres (frente). Serro. Desenho de A. Norfini Casa do Vigário Pires (lado). Serro. Desenho de A. Norfini Cama colonial. Minas Gerais. Desenho A. Norfini Tronco de escravos. Grilhão e cadeira do século XVII. Desenho de A. Norfini Fogão colonial: Queluz, escada colonial; Tiradentes. Patamar: Diamantina. Aldraba: Sabará. Canto de Telhado: Sabará. Fazenda colonial: São João do Morro Grande. Desenho de A. Norfini Solar antigo. Santa Bárbara. Desenho de A. Norfini Casa do padre Lucindo e Matriz de Santo Antônio. Santa Barbara. Desenho de A. Norfini Lâmpada de prata. Santa Bárbara. Desenho de A. Norfini Cama, aldraba, espelho de fechadura e canto de telhado. Santa Bárbara. Desenho de A. Norfini Capela do padre Faria. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini	

Objeto	Ano de produção
<p>Interior da Matriz. Santa Bárbara. Aquarela de A. Norfini</p> <p>Cozinha colonial. São João do Morro Grande. Desenho de A. Norfini</p> <p>Casa paroquial. São João do Morro Grande. Desenho de A. Norfini</p> <p>Lâmpadas de prata: Santa Bárbara. Pia batismal: Caeté. Pormenores de telhados e oratórios de esquina. Caeté. Desenho de A. Norfini</p> <p>Matriz de São João do Morro Grande. Aquarela de A. Norfini</p> <p>Igreja de São Francisco de Assis. Caeté. Aquarela de A. Norfini</p> <p>Lavabo de pedra. Caeté. Aquarela A. Norfini</p> <p>Vistas de Caeté e São José D'El Rei. Aquarelas de A. Norfini</p> <p>Matriz de Caeté. Aquarela de A. Norfini</p> <p>Mobiliário colonial. Caeté. Desenho de A. Norfini</p> <p>Óculo da matriz de N. Senhora do Bom Sucesso. Caeté. Desenho de A. Norfini</p> <p>Pia batismal. Caeté. Aquarela de A. Norfini</p> <p>Lavabo de pedra. Caeté. Desenho de A. Norfini</p> <p>Ruínas de 1700. Caeté. Aquarela de A. Norfini</p> <p>Oratório de esquina. Caeté. Aquarela de A. Norfini</p> <p>Vestíbulo de solar. Sabará. Desenho de A. Norfini</p> <p>Vista do Rio das Velhas. Sabará. Aquarela de A. Norfini</p> <p>Casa colonial. Sabará. Desenho de A. Norfini</p> <p>Chafariz do Rosário. Sabará. Desenho de A. Norfini</p> <p>Chafariz do Kaquende. Sabará. Aquarela de A. Norfini</p> <p>Sobrado antigo. Sabará. Desenho de A. Norfini</p> <p>Igreja de Santa Rita. Sabará. Desenho de A. Norfini</p> <p>Igreja de N. S. do O'. Sabará. Aquarela de A. Norfini</p> <p>Igreja do Rosário. Sabará. Desenho de A. Norfini</p> <p>Chafariz do Kaquende. Sabará. Desenho de A. Norfini</p> <p>Igreja de N. Senhora do O'. Sabará. Desenho de A. Norfini</p> <p>Pia batismal. Mariana. Desenho de A. Norfini</p> <p>Chafariz do Largo da Independência. Mariana. Desenho de A. Norfini</p> <p>O Aljubre. Mariana. Desenho de A. Norfini</p> <p>Liteira do Arcebispo. Mariana. Desenho de A. Norfini</p> <p>Mobiliário colonial. Desenho de A. Norfini</p> <p>Mobiliário colonial. Mariana. Desenho de A. Norfini</p> <p>Colégio das freiras. Mariana. Desenho de A. Norfini</p> <p>Vestíbulo da Casa dos Contos. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini</p> <p>Igreja do Rosário. Ouro Preto. Aquarela de A. Norfini</p> <p>Banco da Casa dos Contos. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini</p> <p>Casa com oratório de esquina. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini</p> <p>Ponte de Antônio Dias. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini</p> <p>Púlpito da Igreja de São Francisco de Assis. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini</p> <p>Ponte da Rua do Pilar. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini</p> <p>Igreja de São Francisco de Assis. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini</p>	

Objeto	Ano de produção
Costumes coloniais. O Padeiro. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini	
Casa de Tiradentes. Ouro preto. Aquarela de A. Norfini	
Vista de Ouro Preto. Aquarela de A. Norfini	
Igreja do Rosário. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini	
Pormenores arquiteturais. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini	
Capela do Paço dos Governadores. Ouro Preto	
Chafariz dos Contos. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini	
Mobiliário colonial. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini	
Casa dos Contos. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini	
Pedra pequena do Itacolomi. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini	
Chafariz de Antonio Dias. Ouro Preto. Aquarela de A. Norfini	
Chafariz do Largo de Dirceu. Ouro Preto. Aquarela de A. Norfini	
Lavabo de pedra. Ouro Preto. Aquarela de A. Norfini	
Vista de Ouro Preto. Aquarela de A. Norfini	
Cama colonial. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini	
Chafariz. São João del Rei. Desenho de A. Norfini	
Casa dos Contos. São João Del Rei. Aquarela de A. Norfini	
Casa da Inconfidência. São João Del Rei. Aquarela de A. Norfini	
Cama colonial. São João Del Rei. Desenho de A. Norfini	
Igreja do Rosário. São João Del Rei. Aquarela de A. Norfini	
Vista de São João Del Rei. Aquarela de A. Norfini	
Cama colonial. São João Del Rei. Desenho de A. Norfini	
Lampadário e balaustres. São João Del Rei. Desenho de A. Norfini	
Chafariz. São João Del Rei. Aquarela de A. Norfini	
Casa da Inconfidência. São João Del Rei. Desenho de A. Norfini	
Igreja do Bonfim. São João Del Rei. Desenho de A. Norfini	
Igreja de São Francisco. São João Del Rei. Aquarela de A. Norfini	
Vista de São João Del Rei. Aquarela de A. Norfini	
Ponte da Cadeia. São João Del Rei. Desenho de A. Norfini	
Igreja do Carmo. São João Del Rei. Aquarela de A. Norfini	
Vista de São João Del Rei. Aquarela de A. Norfini	
Igreja de São João Del Rei. Aquarela de A. Norfini	
Vistas parciais de São João Del Rei. Aquarela de A. Norfini	
Igreja do Carmo. Sabará. Aquarela de A. Norfini	
Porta, marco e interior colonial. Sabará. Desenho de A. Norfini	
Balaústre, fechadura e aldraba. Sabará. Desenho de A. Norfini	
Balaústres. Sabará. Desenho de A. Norfini	
Mesa de pedra. Sabará. Desenho de A. Norfini	
Igreja de São Francisco de Assis. Caeté. Desenho de A. Norfini	
Mesa e porta coloniais. Desenho de A. Norfini	
Espelho de fechadura. Diamantina. Desenho de A. Norfini	
Cadeia colonial. Santa Luzia. Desenho de A. Norfini	
Balaustres. Mariana. Desenho de A. Norfini	

Objeto	Ano de produção
<p>Púlpito e janela com poiais. Mariana. Desenho de A. Norfini</p> <p>Vara de rede. Mariana. Desenho de A. Norfini</p> <p>Casa em ruínas. Desenho de A. Norfini</p> <p>Cadeirainha. Mariana. Desenho de A. Norfini</p> <p>Porta Lateral da Igreja de São Francisco de Assis. Mariana. Desenho de A. Norfini (O risco da Igreja é de Autoria de José Pereira da Rocha)</p> <p>Braço de madeira da família Fraga. Mariana. Desenho de A. Norfini</p> <p>Gargalheira e tronco para escravos. Mariana. Desenho de A. Norfini</p> <p>Espelho de fechadura. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini (Obra de ferro batido do século XVIII)</p> <p>Espelho de fechadura. Ouro Preto. Desenho de A. Norfini</p>	
G) Figuras ilustres do período colonial	
Pavilhão Mundo Português	
<p>Retrato de D. Maria 1ª. Óleo de José Leandro</p> <p>Retrato de D. João VI. Óleo de José Leandro</p> <p>Retratos de D. João e D. Carlota Joaquina. Óleo de Manuel Dias</p> <p>Retrato de D. Luis de Vasconcelos. Óleo de Leandro Joaquim</p> <p>Retrato do Padre Antônio Vieira. Cópia da “Vera Efigie” de autor desconhecido. Existente na Baía, por Agostinho de Jesus Maria, em 1860</p> <p>A visão de Paraguassu. Óleo de Angelo Romão</p> <p>Retrato de Maurício de Nassau. Gravura a buril de I. Sinderhoff</p> <p>Chegada do Príncipe Regente ao Rio de Janeiro - 1808. Óleo de autor desconhecido. Oval.</p> <p>Retrato do Conde de Rezende. Óleo de autor desconhecido</p> <p>Retrato de D. Francisca Xavier de Tavora. Óleo de autor desconhecido.</p> <p>Retrato do Conde de Bordela. Óleo de J. Wasth Rodrigues</p>	
H) Inconfidência mineira	
Pavilhão Mundo Português	
<p>Retrato de Tiradentes. Crayon de J. Batista</p> <p>Casa de Marília. Ouro Preto. Óleo de Nobauer</p> <p>Casa de Claudio Manuel da Costa. Ouro Preto. Óleo de Fonseca</p> <p>Recibo passado pelo Alfer José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, em 1787</p> <p>O Tiradentes. Óleo de J. W. Rodrigues</p>	
I) D. João e sua época	
Pavilhão Mundo Português	
<p>Retrato de D. João VI. Óleo de Debret</p> <p>Retrato do Conde de Barca. Gravura colorida de Hubert</p> <p>Retrato do Visconde de Cairu. Óleo de Armando Martins Viana</p> <p>Retrato do Almirante José Maria de Almeida. Óleo Autor Desconhecido</p> <p>Concha batismal de prata da Casa de Bragança. Uma das mais preciosas relíquias do Museu Histórico</p>	
J) Painéis decorativos dos principais fatos militares da colônia	
Pavilhão Mundo Português	
<p>Expulsão dos franceses do Rio de Janeiro. Óleo Armando M. Viana</p>	

Objeto	Ano de produção
<p>Expulsão dos franceses do Maranhão. Óleo de Armando Martins Viana O Bispo da Baía lutando contra os holandeses. Óleo de Cadmo Fausto Retirada de Matias de Albuquerque. Óleo de Cadmo Fausto Batalha dos Guararapes. Óleo de Cadmo Fausto Derrota dos franceses e prisão de Duclerc. Óleo de Armando Martins Viana Expedição de Antônio de Albuquerque em socorro do Rio de Janeiro. Óleo J. W.Rodrigues Retomada do Rio de Janeiro em 1772. Óleo de Cadmo Fausto Retirada de D. Pedro de Zeballos da Vila da Laguna. Óleo de Cadmo Fausto</p>	
<p>K) Coleção de moedas do Brasil colônia. GOVERNO D. PEDRO II</p>	
<p>L) D. Pedro I e a independência Pavilhão Brasil Independente</p>	
<p>Miniatura de D. Maria II Retrato de José Bonifácio. Óleo de Décio Vilares Retrato da Imperatriz Leopoldina. Óleo de autor desconhecido Retrato de Francisco Manuel Retrato da Imperatriz D. Amelia .Crayon de Grevedon, 1830. Litografia de Bichebois Retrato de D. Pedro I. Óleo de Armando Martins Viana D. Pedro I em trajes da Coroação. Gravura de Urbain Massard Espada do Ipiranga Sabre do Conde das Duas Barras: Tenente General Joaquim Xavier Curado Caixinha contendo cabelos de D. Pedro I Medalha estojo contendo a Constituição do Imperio do Brasil Capacete da Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I Clarins de prata dos Archeiros do Paço Escudo Real Imperial de Prata</p>	
	<p>SEGUNDO REINADO</p>
<p>Retrato de D. Pedro II, na maioridade. Óleo de autor desconhecido Retrato de D. Pedro II. Óleo de Vicente Pereira Mallio, 1884 Retrato da Imperatriz Tereza Cristina. Óleo Vicente Mallio, 1884 Retrato do Conde D'Eu. Óleo de Rovello, 1872 Retrato da Princesa Isabel. Óleo de Rovello, 1872 Retrato do Duque de Caxias. Óleo de Rocha Ferreira. Cópia de Pedro Américo Batalha naval do Riachuelo. Óleo de Cadmo Fausto Passagem de Humaitá. Óleo de Cadmo Fausto Batalha de Tuiuti. Óleo de J. Washt Rodrigues Batalha de Monte Caseros. Óleo de J. Washt Rodrigues Batalha de Lomas Valentinas. Óleo de J. Washt Rodrigues Espada de uso de D. PedroII Molde em bronze da mão direita de D. Pedro II</p>	

Objeto	Ano de produção
<p>Alegoria a José do Patrocínio. Litografia da “Vida Paulista” Caneta com que foi assinada a Lei da Abolição da Escravatura Retrato do Marechal Floriano Peixoto. Óleo de Canizares Retrato do Marechal Deodoro da Fonseca. Óleo de Armando Martins Viana Espada da Proclamação da Republica Carta do Presidente de Portugal Dr. Antônio José de Almeida ao Presidente do Brasil Dr. Eptacio Pessoa, no Centenário da Independencia, 1822 Proclamação da República. Cópia do Quadro de Henrique Bernadelli. O Marechal e seu Estado Maior. Ampliação Fotográfica. Quadro de grandes proporções. Retrato do Presidente Getulio Vargas. Óleo de Armando Martins Viana</p>	ABOLIÇÃO E REPÚBLICA
	Aspectos do Museu Histórico Nacional
<p>Vista do edificio do MHN e do seu páteo. Sala Smith de Vasconcelos. Fotografias Entrada do Museu. Salas dos Ottoni e Guilhermina Guinle. Fotografias Salas Conde de Porto Alegre e General Osorio. Fotografias Salas D. Pedro I e Almirante Barroso. Fotografias Salas D.PedroII e Duque de Caxias. Fotografias Salas Duque de Caxias e D. João VI. Fotografias Salas Marechal Deodoro e da República. Fotografias Salas Guilhermina Guinle, Zeferino de Oliveira e Sotto Mayor Salas Coelho Neto e Miguel Calmon. Fotografias.</p>	

ANEXO C - PERSONAGENS QUE CONSTRUÍRAM ESSA HISTÓRIA EM PORTUGAL E NO BRASIL

PORTUGAL

Fred Kradolfer: (1903-1968), suíço, cartazista, grafista e ilustrados. Trabalhou na revista Ilustração Portuguesa (1912-1922) quando foi coordenada por Antonio Ferro. Na publicação Leviana de Antonio Ferro foi convidado para fazer a capa.

Ernesto Canto da Maya: (1898-1981), viveu em Paris entre 1920 e 1938, destacamos alguns dos trabalhos realizados em encomendas públicas, tais como: D. Manuel, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, esculturas da Exposição do Mundo Português.”

Diogo de Macedo: (1889-1959), escultor, estudou em Paris, assumiu a direção do Museu Nacional de Arte Contemporânea (a partir de 1941-1959). Aderiu a estatuaría pública, realizou as quatro tágides - ninfas, inclusive evocadas por Camões- da fonte da Alameda D. Afonso Henriques (1940).

Carlos Viegas Gago Coutinho: (1869-1959), natural de Lisboa, fez carreira na Marinha. Foi integrado nas expedições que tinham por finalidade estabelecer a delimitação das fronteiras nos territórios coloniais, assim descobre-se como geógrafo. Em 1922, faz a viagem Lisboa - Rio de Janeiro de avião bimotor, ocasião em que o Brasil estava comemorando o seu centenário de Independência e realizava a sua Exposição. Responsável pelo estudo histórico da Exposição de 1940.

Leopoldo Neves de Almeida: (1898-1975), o mais empenhado e simbólico escultor estado-novista. Estudou em Paris (1911-1914) e Roma (1920-1926). Autor da estátua da Soberania e os grupos escultóricos do Padrão dos Descobrimentos para a Exposição do Mundo Português em 1940. Estudou na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, aonde posteriormente viria a lecionar Desenho e Escultura. Autor de uma vasta obra de esculturas de grande qualidade, foi um dos mais prestigiados artistas oficiais do Estado Novo. Da sua escultura de raiz clássica destacam-se a participação na Exposição do Mundo Português, em 1940, com a estátua Soberania e a intervenção no Padrão dos Descobrimentos, de Cottinelli

Telmo, bem como as estátuas eqüestres de D. João I (na Praça da Figueira, em Lisboa) e de d. Nuno Álvares Pereira (em frente do Mosteiro da Batalha).

Francisco **Keil do Amaral**: (1910-1975), arquiteto, nascido em Lisboa. Em 1936 recebeu o 1º premio no Concurso realizado para a construção do Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Paris de 1937.

Antonio Oscar de Fragoso **Carmona**: (1869-1951), General do Exército Português, nascido em Lisboa, foi o primeiro presidente da República. Estava no poder quando das Festas Centenárias.

Julio Dantas: (1876-1962), escritor, diplomata, político e acadêmico, natural de Lagos. Foi Ministro da Instrução Pública em duas gestões. Em 1941, veio ao Brasil como presidente da Embaixada de Agradecimento ao Brasil pela participação na Exposição do Mundo Português. Presidente da Comissão Executiva das Comemorações Centenárias de 1940.

Antonio **Oliveira Salazar**: Professor, exerceu os seguintes cargos: Presidente do Ministério (5.7.32-11.4.33); Presidente do Conselho (a partir da Constituição de 1933 /11.4.33-18.1.36) e Presidente do Conselho (18.1.36-27.9.68).

Raul Lino: (1879-1974), arquiteto, nasceu em Lisboa. Em 1890 viveu na Inglaterra e na Alemanha (1893-1897). Era considerado um historicista neo-manuelino cenográfico. Na exposição do Mundo Português idealizou o Pavilhão do Brasil 1940.

Manuel Maria Múrias Junior: (1900-1960), foi diretor das Revistas “A Nação Portuguesa” e “Ocidente” e os Jornais “Acção” e “Diário da Manhã”. Foi deputado. Membro da Comissão Nacional das Comemorações Centenárias e Secretario-Geral da Comissão do Congresso do Mundo Português. Diretor do Arquivo Histórico Ultramarino.

Jose Sobral de **Almada Negreiros**: (1893-1970), nasceu na Ilha de São Tomé. Em 1911, estreou com desenhos humorísticos. Foi um dos artistas na Exposição do Mundo Português.

Antonio **Duarte Pacheco**: (1899-1943), licenciado em electrotécnica. Foi diretor do Instituto Superior Técnico. Em 1937 foi afastado do Governo em razão das críticas que recebia sobre as expropriações dos terrenos para as novas obras públicas. Foi reconduzido ao

Cargo para preparar a exposição de 1940. Engenheiro, em 1928, ocupou a pasta da Instrução Pública. Em 1932, foi nomeado Ministro das Obras Públicas e Comunicações. Em 1938, foi Presidente da Câmara Municipal de Lisboa cargo que acumulou com o de Ministro das Obras Públicas e Comunicações.

Antonio Joaquim Tavares **Ferro**: (1895-1956), natural de Lisboa, frequentou o curso de direito (1913-1918) na Universidade de Lisboa mas fez a opção pelo jornalismo. Nessa profissão foi editor da Revista Orpheu, escreveu para o Jornal O Século. Entrevistou Mussolini e Salazar. Foi Comissário Geral em duas exposições internacionais: Paris (1937) e Nova Iork e de São Francisco (1939). Na exposição do Mundo Português foi secretário-geral e responsável pelo Pavilhão Portugal 1940 e Centro Regional. Foi presidente da Emissora Nacional. Em 1949 saiu do Serviço Nacional de Informação (antigo Serviço Propaganda Nacional) e foi nomeado Ministro Plenipotenciário de Portugal em Berna e em seguida em Roma.

Alberto de Oliveira: (????- 1940) Embaixador de Portugal em Bruxelas. Escreveu o artigo “Carta de um português ausente de Portugal”, em 1929, lançando a idéia de se comemorar oito séculos de história dos portugueses no mundo.

Albino Souza Cruz: (Pt-1869-RJ-1962), emigra para o Brasil aos 14 anos, e passa a trabalhar numa fábrica de cigarros. Fundou a Companhia Souza Cruz. Foi Presidente da Federação da Colônia Portuguesa no Brasil e participou ativamente como representante da Colônia para a construção do Monumento que seria dado a Portugal em 1940.

BRASIL

Getúlio Dornelas Vargas: (RS-1882-RJ-1954), Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul (1923-1926). Ministro da Fazenda (1926-1927) e Presidente da República (1930-1945). Em 1937, dá um golpe e institui o Estado Novo. Em 1940 aceita o convite de Oliveira Salazar para o Brasil participar das Comemorações Centenárias.

Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso: (Ce-1888-RJ-1959), cursa Direito (1907) atua como jornalista, foi deputado no Ceará (1915-1917), assumiu em 1913 o cargo de Secretário da Superintendência da Defesa da Borracha, Membro da Academia

Brasileira de Letras (1923) e foi Presidente da Academia Brasileira de Letras nas gestões de 1931, 1932, 1950. Em 1933, ingressa na Ação Integralista Nacional. Diretor do Museu Histórico Nacional (1922-1959). Representante Histórico na Exposição do Mundo Português em 1940 e Delegado-adjunto.

Gustavo Capanema Filho: (MG-1900-RJ-1985), advogado, vereador em Pitangui-MG (1927). Ministro da Educação e Saúde no Governo de Getúlio Vargas (1934-1945). Cria o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) (1937). Em 1940, os órgãos: Museu Histórico Nacional, Museu Nacional, ligados ao seu Ministério e que desenvolvem trabalhos para a participação do Brasil nas Comemorações Centenárias.

General Francisco José Pinto: (RS-1883-RJ-1942), militar, Chefe do Gabinete Militar da Presidência de Getúlio Vargas (1935-1942), Chefe do Conselho de Segurança Nacional (1935). É atribuído a ele a entrega a Getúlio Vargas da cópia do Plano Cohen que levou ao Golpe de 1937 - Estado Novo. Em 1940, foi indicado pelo Presidente da República como Embaixador Extraordinário e Ministro Plenipotenciário nas Comemorações Centenárias em Lisboa.

Afrânio Peixoto: (Ba-1876-RJ-1947), médico. Deputado Federal pela Bahia (1924-1930). Exerceu o cargo de Inspetor Sanitário. Membro da Academia Brasileira de Letras (1910), presidente da ABL na gestão de 1923. Membro da Academia de Ciências de Lisboa. Fez o documento intitulado “Sumula” para a participação do Brasil nas Comemorações Centenárias. Publicou, em 1940, o livro “Historia do Brasil”.

Antonio Augusto Lima Junior: (MG 1889-1970), cursou Direito (1909). Em 1918 foi nomeado Auxiliar de Auditor de Guerra nas Fortalezas da Barra do Rio de Janeiro; 1918 foi Auditor no Estado-Maior da primeira Circunscrição Judiciária do Exército. Em 1935 foi transferido para a Marinha de Guerra como Procurador do Tribunal da Marinha. Idealizou o repatriamento das cinzas dos inconfidentes falecidos no degredo (1936), idealizou a criação do Museu da Inconfidência. Em 1939, foi nomeado delegado do Brasil às Comemorações Centenárias de Portugal, presidiu a construção do Pavilhão do Brasil 1940. Escreveu diversos livros, entre eles: História da Inconfidência Mineira (1968); A Capitania de Minas Gerais (1940).